

*História da Odontologia
de Santa Catarina -
Meio Oeste*

*Adgar Zeferino Bittencourt
Maria Gabriela Haye Biazevic
Edgard Michel-Crosato*

*História da Odontologia
de Santa Catarina -
Meio Oeste*

*Adgar Zeferino Bittencourt
Maria Gabriela Haye Biazevic
Edgard Michel-Crosato*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bittencourt, Adgar Zeferino
História da odontologia de Santa Catarina – Meio Oeste / Adgar
Zeferino Bittencourt, Maria Gabriela Haye Biazevic, Edgard Michel-
Crosato. – Morrisville, NC : Lulu, 2007.
132p. : il. ; 26 cm.

ISBN 0-615-13274-X

I. História da Odontologia (Santa Catarina) II. Título III. Biazevic,
Maria Gabriela Haye IV. Michel-Crosato, Edgard.

Black D09
CDD 617.6009

Sumário

Sumário

Prefácio

Apresentação

1. Pato Branco (PR)	01
2. Caçador (SC)	08
3. Videira (SC)	31
4. Tangará (SC)	36
5. Campos Novos (SC)	39
6. Erval Velho (SC)	48
7. Catanduvas (SC) / Joaçaba (SC)	62
8. Joaçaba, Parte I	75
9. Joaçaba, Parte II	95
10. Joaçaba, Parte III	129

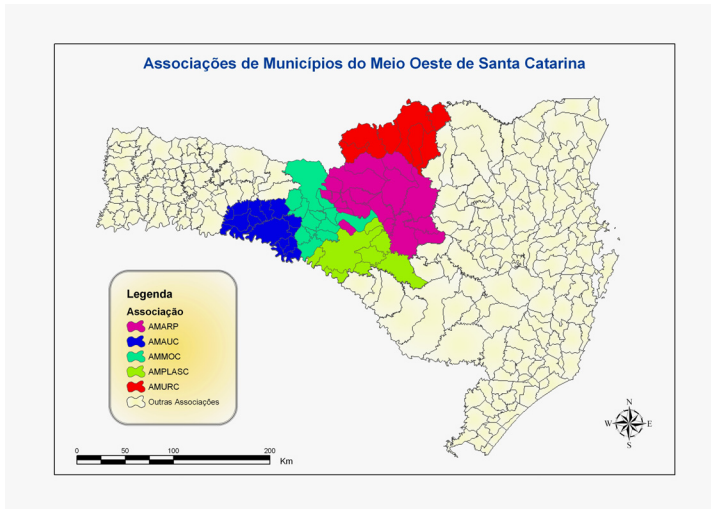


FIG.1. Mapa que mostra os Municípios que compõem o Meio Oeste de Santa Catarina.

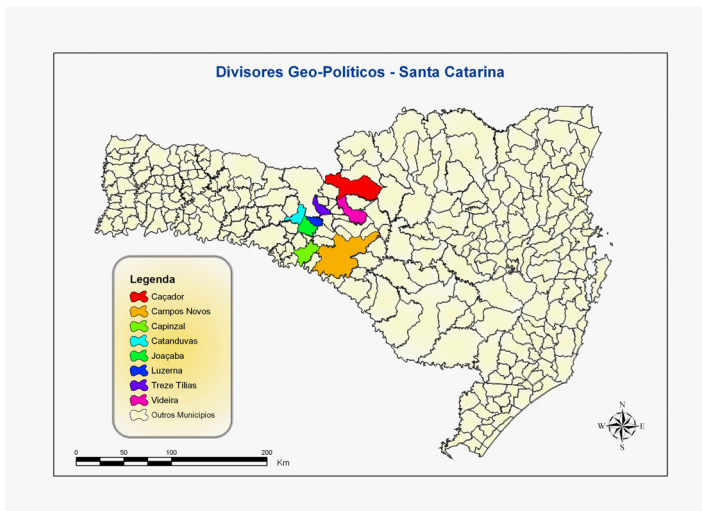


FIG.2. Amostragem dos municípios onde se resgatou a História da Odontologia no Meio Oeste Catarinense.

Prefácio

A idéia de escrever a História da Odontologia do Meio Oeste derivou de um programa da Academia Catarinense de Odontologia e da boa vontade dos nossos professores doutores Maria Gabriela Haye Biazevic e Edgard Michel Crosato que entendem, como eu, que a cultura deve ser resgatada na sua essência, por mais exótica ou estranha que ela pareça. E em conjunto entendemos que a "cultura é a grande dinamizadora da sociedade; só ela estimula o espírito crítico, o debate das idéias; só ela desperta as gentes do torpor das rotinas; só ela, sustentada pela memória, acicata a criança, recompensa o velho e incita à ação". A cultura é, em última análise, o fazer das gentes.

Por que assim acreditávamos escolhemos a memória oral como a forma mais simples de recolher, por meio de depoimentos, dados e fatos que fizeram a história da odontologia na região do meio oeste nos últimos cinqüenta anos pelo menos. Ninguém consegue inventar com um gravador captando os seus dizeres. O produto da memória oral costuma ser o mais próximo da verdade que se consegue resgatar. Como pertença ao grupo dos fazedores de história foi exatamente na experiência adquirida no exercício dos meus quarenta anos de odontologia a completar no dia 19 de dezembro do corrente que o grupo buscou traçar o perfil do dentista que viveu nestas plagas catarinenses e que cuidou da saúde bucal do povo oestino.

Assim, ao longo dos diversos capítulos que comporão a nossa breve história da odontologia do meio oeste, o leitor poderá reconhecer a inserção das minhas experiências, ora orientando os depoimentos, ora contribuindo para aclarar as lembranças que comporão o conjunto de nossa história.

Pois, na sua maioria o nosso conteúdo será uma coletânea de lembranças, algumas dolorosas, outras jocosas que as pessoas puderam arquivar em suas memórias e tiveram a paciência e aptidão de relatá-las com graça e com o humor dos bem feitos na vida. Procuramos, a

medida do possível, manter a fidelidade dos depoimentos, usando as expressões próprias de cada envolvido no processo. Achamos que desta forma estávamos, em primeiro lugar respeitando o desejo e a vontade dos que contribuíram com esta coletânea; e em segundo lugar porque não estamos interessados em produzir literatura. O que queremos é a compreensão dos leitores para o sentido emocional e humano que procuramos dar ao nosso resgate histórico.

De minha parte, cultivo algumas manias e delas tenho dificuldade de me afastar. Sou rato de sebo literário. Gosto de escarafunchar por velhas fotografias que guardam fatos nem sempre possíveis de serem revividos. Assim procurei ir aos porões da memória dos tipos escolhidos para constituir, qual tijolos amontoados um a um, o monumento dos feitos e defeitos dos que fizeram a história da odontologia do meio oeste de Santa Catarina. Gosto de mexer com fatos hilariantes, pois deles podemos captar o espírito crítico e a visão de época dos sucederes. Muitos usarão estas páginas para reviver saudades; poderão, então, identificar-se nas ocorrências narradas por nossos pesquisados e, quem sabe, até terão outras tantas histórias gostosas para relatar. Assim poderão fazê-lo contando na família ou no seu grupo social contribuindo para que a vida de todos possa beber na suavidade de uma boa risada os prelúdios da felicidade só encontrável na caminhada das vidas simples.

Um outro aspecto relevante que buscamos registrar nestas nossas andanças ao encontro da história tem a ver com exemplos de vida que só a dedicação ao extremo dos profissionais que lidam com pessoas e com sua saúde costuma marcar. É possível, ao examinarmos, sem isenção ou preconceito o que relatam dentistas habilitados ou não no seu exercício diário e no convívio com seus parceiros sociais encontrar exemplos nada científicos ou mesmo não relacionados ao nosso que fazer profissional. Para podermos captar a riqueza humana constante dos depoimentos gravados não vestimos o preconceito de separar os homens da boca por sua habilitação profissional legal. No nosso relato os personagens vão surgindo ao sabor dos fatos, como a

corrente de um rio simbólico vai agregando essências, à medida em que se desloca no sentido de sua confluência.

De propósito, fomos construindo os capítulos de nossa narrativa distribuídos num tempo geográfico marcado pela natureza integradora do Rio do Peixe, corpo de água constante e ecologicamente correto na distribuição das cidades ao longo de seu curso, no Meio Oeste. Assim, montados numa chalana imaginária fomos abrindo as portas de nossa narrativa pela região de Caçador onde, também, nasceu o movimento associativo dos dentistas do Meio Oeste de Santa Catarina. E como o Rio do Peixe que por lá tem suas nascentes fomos fazendo o percurso dos pioneiros a jusante do rio encontrando em Videira, Tangará, Luzerna, Treze Tílias, Campos Novos, Herval d'Oeste, Erval Velho, Catanduvas, Capinzal e Joaçaba as pessoas que fizeram por si e por seus viveres esta amostragem saborosa da "História da Odontologia do Meio Oeste Catarinense". Bom proveito.

**Professor Adgar Zeferino Bittencourt, Mestre em Odontologia,
Professor Implantador do Curso de Odontologia da Universidade do
Oeste de Santa Catarina, membro titular- Cadeira 40- da Academia
Catarinense de Odontologia.**

Apresentação

O projeto de registro oral das histórias ocorridas na odontologia do meio oeste catarinense surgiu da percepção dos autores de que não se pode – nem se deve – avançar em qualquer área do conhecimento ignorando o que seus antecedentes fizeram. Em 2005, o Curso de Odontologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) foi avaliado nacionalmente como um dos dez melhores do País, e o primeiro do Estado de Santa Catarina. Esse desempenho não ocorreu por acaso e, certamente, seriam inúmeras as pessoas que aqui deveriam ser citadas e que contribuíram para esse feito.

Concordamos que seria importante registrar acontecimentos e relatos pitorescos de colegas da odontologia – e muitas vezes de práticos – que dedicaram sua vida ao atendimento de pacientes na região. Iniciou-se uma seqüência de reuniões para traçar a estratégia que seria adotada para viabilizar tal projeto.

Em termos práticos, o Dr. Adgar indicava os contatos, e a entrevista era realizada. Nós três – Adgar, Michel e Gabriela – nos envolvemos durante seis meses nessa (árdua?) tarefa de conversar com pessoas, ouvir suas histórias, conhecer suas vidas. Muitas vezes, as entrevistas aconteceram em finais de semana, em conversas de compadres em rodas de chimarrão. Outras no consultório do Dr. Adgar; algumas, ainda, foram enviadas já escritas.

Com gravador na mão, após cada entrevista, Gabriela fazia sua transcrição; em história oral, quem faz a entrevista deve transcrevê-la, tendo assim a possibilidade de interpretar silêncios, pausas, risos, que muitas vezes falam por si sós. Em média, uma hora de gravações são transcritas em quatro horas. Ao total, foram dezenas de horas registradas durante o ano de 2005. Além disso, nossos deslocamentos vinham acompanhados da famosa mala laranja, uma mala de viagem onde cabia o *lap top*, *scanner*, máquina fotográfica digital, gravador, pilhas e fitas; todo esse arsenal dava garantia ao entrevistado de que não

retiraríamos de suas residências documentos de seus entes queridos correndo o risco de perdê-los em meio ao processamento das imagens. Em algumas ocasiões, a parafernália eletrônica falhou; mas, com a confiança de grandes amigos, as pessoas que contribuíram para registro da história oral da odontologia do meio oeste de Santa Catarina emprestavam os documentos, que eram prontamente devolvidos.

Assim se desenrolou a elaboração deste material; não temos a pretensão de esgotar todas as possibilidades e todas as histórias que permearam a odontologia da região. Pretende-se apenas provocar a curiosidade dos leitores sobre a evolução da odontologia, buscar por mais histórias, e principalmente, aprender com nossos mestres e precursores da Odontologia, sejam eles diplomados ou não, que a verdadeira arte de uma profissão se faz a partir de relacionamentos humanos.

Professora Doutora Maria Gabriela Haye Biazevic, Doutora em Saúde Pública, Pós-Doutoranda do Departamento de Odontologia Social da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, Professora e Pesquisadora da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

Professor Doutor Edgard Michel-Crosato, Doutor em Odontologia Preventiva e Social, Professor e Pesquisador do Departamento de Odontologia Social da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo.

1. Pato Branco (PR)

Para seguir o melhor entendimento deste resgate histórico vamos recolher as declarações orais de um senhor já velhinho, mais de setenta anos, que há muito tempo anda de gabinete em gabinete distribuindo materiais dentários, vendendo e ajudando os dentistas do Meio Oeste. Ele foi dentista, protético, enfim, meteu-se pela arte afora durante toda a vida. Acabou dono de comércio de produtos odontológicos. Como entendia um pouco da arte dentária, por força do uso ele foi o popularizador da maioria das novas técnicas e novos materiais que foram surgindo na região no último meio século. Pessoa afável, fala mansa, passou também a exercer o papel de comunicador entre os consultórios dentários dos três estados do Sul. Mantém, ainda, atividade como proprietário da Ordensul e Dentária Perboni com matriz em Francisco Beltrão, Paraná. Há sempre uma história para contar quando o **Argemiro Perboni** nós dá o prazer de sua visita.

Entrevista concedida pelo Sr. Argemiro Perboni a Maria Gabriela, nas dependências do consultório odontológico do Dr. Adgar Bittencourt, em 27/07/05.

Comecei como protético, há mais de meio século, em 1953. Tive curiosidade. Fiz um curso de prótese em Florianópolis. Na época se fazia curso para protético, para farmacêutico, para óticos; isso foi em 1955. Comecei a trabalhar como protético, aprender mais. Depois, em 1956, mudei para União da Vitória, daí montei uma banca grande, cheguei a fazer quinhentas próteses parciais removíveis (PPR) por mês: uma fábrica. Na época, o dentista ia para a faculdade, ele praticamente desconhecia a prótese fixa; então o conceito era fazer PPR.

Os primeiros práticos licenciados surgiram no Brasil no ano de 1930, e depois prorrogaram novamente a licença até 1932,33; daí encerrou-se essa fase de dentistas práticos licenciados.

O dentista na época era dentista e protético, tinha que fazer tudo. Teve uma época em que se trabalhou muito com ouro, eu entendo de metalurgia, de metais preciosos; eu tinha metalurgia, comprava o ouro em lingote, era moda na época, o cliente ir ao dentista para fazer uma prótese total e queria que colocasse dois ou três grãosinhos de milho, ou coroas ou umas restauraçõezinhas em ouro; assim como hoje colocar *piercing*.

Pitangueiro era aquele protético que fazia prótese para o dentista e fazia prótese para o cliente. Nunca fui pitangueiro. (*Nota dos autores : o resgate da expressão “pitangueiro” é importante para a nossa história. Era comum, e ainda é, os laboratórios de prótese manterem uma salinha reservada onde o protético faz a moldagem e ele mesmo fabrica e instala próteses nos pacientes. Começa fazendo isto para os parentes. Depois gosta da coisa e socializa para a população. Isto ocorre na região, mas também ocorre em grandes laboratórios de Curitiba, São Paulo, onde estão instalados consultórios completos e os protéticos os justificam como uma ferramenta que oferecem aos dentistas para provarem cor, pintarem porcelana etc. Na verdade o que fazem mesmo é o chamado “cachorro” que é a prótese feita, diretamente, para o paciente. Este hábito forma mais uma rede de concorrência ilegal com os dentistas formados. É uma forma de exercício ilegal da profissão que acaba em desastre para a saúde pública.*)

Eu cheguei a ter 14, 15 funcionários para realizar trabalhos de prótese. No Paraná, na época, eu comecei em União da Vitória por 1958, 60, nós éramos um dos poucos laboratórios do Paraná que faziam PPR. Era eu em União da Vitória, o Baiano em Ponta Grossa, o Sadi em Londrina, o Emilio em Curitiba. Na época, funcionava o sistema de trem. O trem levava o trabalho lá para União da Vitória, a gente fazia o trabalho, e mandava de volta pelo trem. O trem era ainda movido a lenha, a Maria Fumaça. Como protético, cheguei a conhecer e trabalhar com aparelho de vulcanização; antes da prótese de acrílico; vulcanite é um material espanhol, uma borracha, então você tinha que fazer a dentadura com dentes de porcelana, os anteriores tinham um pino, e os posteriores era um tubo, oco, onde entrava o material para reter os dentes na base. Quando eu comecei já tinha o acrílico, mas eu conheço, já vi trabalhos desses, já ajudei, mas só por curiosidade.

Comecei em 1953, e fiquei todo esse tempo me dedicando a isso. Não tenho mais laboratório. Vendi. Fiquei mais atendendo essa parte de material dentário. Na

época também eu já trabalhava nisso, eu tinha o laboratório e o material dentário desde 1960, você não tinha recurso; depois de 60 em diante, acho que em 65, 66, começaram as primeiras resinas acrílicas para restauração, pó e líquido. Depois, não me recordo, os primeiros aparelhos fotopolimerizadores, que eram à base de luz ultra-violeta. Aí que passou a ter materiais fotopolimerizáveis. Mas antes disso, vieram os pasta-pasta, que era o adaptic, consice; depois veio o nuvafill; depois disso vieram luzes diferentes, halógenas. Então aí aumentou o número de materiais que hoje tem no mercado, uma gama de materiais fotopolimerizáveis.

O dentista, a maioria começou logo a usar, mas alguns ficaram refratários em começar. A porcelana, que é o silicato, que não deixa de ser um ionômero de vidro, modificado, e o amálgama, e restaurações fundidas em ouro ou em outras ligas de metais de prata. Se usou muito isso em restaurações posteriores e anteriores também; havia outras ligas também, à base de estanho e outras, boas de trabalhar, fáceis de fazer trabalho. Mas eu sempre usei mais as ligas de ouro, porque na época se comprava 1 kg de ouro por 1.100 dólares; hoje se paga, por 1 kg de ouro, 15.000 dólares. Era acessível às pessoas. Para se fazer uma corozinha, não se gastava nem meia grama. E aquilo agüentava tempos. O ouro é o material mais indicado para trabalhos; em primeiro lugar, não forma placa, é higiênico. Eu fazia trabalhos estampados e trabalhos fundidos. Pegava o dente, reproduzia aquele dente e fazia a coroa. E daí fazia o ajustamento de colo, com alicate, bem certinho, e não deixava margem para nada.

Antes, em dentística, endodontia, eram poucos materiais. Você usava arsênico para necrosar a polpa. Um desses arsênicos se chamava Olundemark, alemão, era arsênico de sabugueiro, então o dentista fazia o curativo com aquele arsênico, deixava de hoje para amanhã, depois quando o paciente voltava tirava, porque não podia deixar o arsênico muito tempo, ele podia extravasar para o ápice. E daí pegava um extirpa-nervo, tirava o nervinho, depois alargava com lima, era só lima rabo de rato, e o alargador. Naquela época já surgiu a broca de peeso, drill e aquelas de ponta sega, a broca de “gates”. E como material obturador, se usou muito na época cimento de Grossman, ou até o dentista preparava o próprio cimento, ele usava eugenol, uma gotinha de paramonoclorofenol, óxido de zinco, colocava um cristalzinho de timol, que seria antisséptico, e um pouquinho também de iodofórmio. Fazia aquela pasta e aquilo se denominava cimento de Fleck, pasta de Maisto ou o nome que o dentista resolvesse dar. Para obter o canal se usava broca de lentulo. Não tinha cone de guta percha, nada, só bem depois é que eles começaram a aparecer.

Material de moldagem: antes dos alginatos, que chegaram ao Brasil mais ou menos de 1952, 53, importados, DP (?), bom alginato!; o PBSC era um alginato meio

ruinzinho; depois, geltrate, e outros. Mas antes disso, a moldagem era feita com gesso, pasta zincoenólica, godiva (ainda hoje, um material bom). Naquele período, de 50-60, começou a aparecer o material à base de silicone, então começaram a haver melhoras na área das moldagens. Na época só existia o gesso tipo I e pedra.

Para servir o dentista, no começo, nós íamos de perua, para fornecer o material. Passávamos a cada dois meses, e o dentista comprava material para dois meses; anestésico já havia variação, depois da guerra começou a ter lidocaína, um dos anestésicos mais usados no mundo inteiro, já existia; havia uma infinidade deles, e o famoso ravocaína; não sei qual era a fórmula. Vinha em latinha. O mais famoso anestésico era o citanest. As empresas eram estrangeiras.

Depois da guerra, se desenvolveram muitos materiais. Daí que começaram a vir as resinas, resinas para fazer bases de dentadura; antes da guerra, o dente era só de porcelana. Mesmo para trabalhos de ouro, tínhamos dentes de porcelana com pino. Havia um outro tipo de dente, não me lembro o nome, ele era feito para receber uma plaquinha de ouro, uma faceta.

A gente usava 4-5 gramas de ouro para fazer um pré-molar. Era material (ouro) fácil de trabalhar, talvez não tão bonito. Aquilo enchia a boca de grãosinhos de milho. Era o material da época. As pessoas pediam muito pouco ouro branco. O ouro branco é uma liga de ouro, ouro, prata, paládio e platina. A platina entra na liga de ouro para fazer brilhar.

Hoje eu sou supervisor, tenho uma equipe que distribui. Tenho vendedores. Eu preparo os vendedores para ir visitar os consultórios. O que é mais difícil nos vendedores é ensinar parte estética de material, você pode me pedir os pormenores do material, eu vou te dizer a composição; para que serve, como usa; eu sempre digo, não é que você seja um vendedor, tirar pedido, vender, mas vender aquelas coisas mais científicas é mais difícil. Se você vai falar com alguém que faz dentística, tem que saber falar alguma coisa sobre aquilo; não é fácil. Não tem nenhum vendedor preparado para isso. É difícil.

Eu entendo isso porque, apesar de ser protético, eu participo de muitos cursos, vou lá xeretear, eu aprendo aquilo, conheço as técnicas do Professor Baratieri; as técnicas do Professor Busato; sei técnicas do Professor Mondeli de Dentística de Bauru. Se o Professor Baratieri der um curso de dentística, ele vai falar um pouco diferente do Professor Busato. Apesar dos dois serem da mesma escola de preparação de profissionais de dentística, que é de Bauru. Ao falar de endodontia, se ele (o dentista) fez o preparo dele em Curitiba, é diferente de Florianópolis. Então eu me informo, sei da técnica de um, sei da técnica de outro, sei conversar. Porque todo profissional que

conhece a arte, ele não tem vergonha de dizer o que sabe e o que quer aprender mais. Então assim eu tenho assim necessidade de falar com profissionais de linha e aí ele fala que fulano de tal faz assim etc.

MG: O que foi mudando no mercado de trabalho do dentista, na quantidade de dentistas?

O material dentário hoje, graças a essa exploração que existe, na colocação de aparelhos (ortodontia), muitos profissionais da área que faziam assim dentística foram para esse lado; se não fosse isso, o mercado estaria saturado. A gente vê muito, deixar o dente abalado, com reabsorção óssea, mau funcionamento de aparelho. Eu não sou perito, só olho assim, não vou consertar o mundo.

Não é fácil ver que poderia ser feito de outra maneira... A odontologia tem evoluído bastante, apesar de que os que saem da faculdade, o professor deixa muita coisa a desejar para os alunos, porque eles têm, paralelamente, cursos. Aquele aluno mais aplicado, ele pega as coisas, aquele meio, que foi lá para se formar, pega muito pouco. Eu tenho encontrado muitos profissionais novos, que têm garra para aprender, eles vêm perguntar para mim, o que é que faz; eu digo, “tem tanta coisa pra você aprender nisso aí, você tem que pegar o material, ler a bula, seguir a técnica.”; aí eles dizem, “ah, mas não deu certo o trabalho...”, bom, aí eu digo: “quem começou o trabalho, e fez a moldagem foi dentista?” “Foi.”; que alginato que ele usou, na proporção certinha; você vai usar um alginato, jeltrate, por exemplo, ele tem que saber quanta água que ele pôs, não vai colocar o jeltrate e botar debaixo da torneira. Isso é incorreto. E o protético tem que fazer a mesma coisa. Ele pega o gesso, ele tem que saber que o gesso, antes de spatular, ele tem que estar saturado, ele tem que por a água na tigela, põe o gesso, espera saturar e depois spatula. Se fizer tudo isso e não der certo, em alguma coisa ele errou. Mas se fizer tudo correto, não tem erro. A técnica incorreta faz com que se erre muito.

Tem muito protético no mercado, assim como tem muito dentista também. Agora, protético de gabarito são poucos; o bom profissional, ele vai preferir um trabalho de protético de gabarito, bem feito, porque sabe que vai refletir no trabalho dele com o cliente. Protético hoje, 99% não conhece perio. Não, é periodontia. Mas a forma anatômica do dente, pois tudo isso tem implicação sobre a função. Isso é restaurar o dente, dar a forma anatômica ao dente. Então a parte periodontal, principalmente em prótese fixa, PPR, é muito importante para o protético e para o dentista, mesmo para quem vai fazer uma restauração, ele tem que observar aquela papila. E o protético também tem que fazer ponto de contato certinho.

MG: O senhor nunca pensou em dar curso?

Não. O que é que eu vou fazer, montar uma banca de slides... (risos) Eu tenho feito algumas palestras lá em Pato Branco, para o pessoal de prótese; eu fui fazer lá uma palestra sobre a evolução da prótese; levei lá meus aparelhos velhos, maçarico a pedal, vulcanizador de vulcanite, mostrei lá o que é que se fazia antigamente, e o que se faz hoje. É interessante como recordação, esse material devia estar em um museu.

É importante resgatar o que foi a Odontologia antigamente; um antigamente próximo; a evolução e desenvolvimento da prótese tem 60 anos, e da odontologia também. Após a Segunda Guerra Mundial, começou a aparecer mais coisas interessantes, porque antigamente existia amálgama e porcelana. A porcelana era um material excelente; não existia adesivo, era feita retenção; não havia recidiva de cárie em restauração de amálgama. A porcelana, que é o silicato, há 20-30 anos, apesar de ser pouco solúvel, mas esse tipo de cárie não existia. A limalha de prata ainda é boa. Para pessoas com pouca higiene, limalha de prata com alto teor de cobre ainda funciona melhor do que com pouco teor de cobre. O teor de cobre faz com que não haja recidiva de cárie. A resina, ela é boa, mas tem que ser muito bem usada, associar com ionômero de vidro. Quando exposto, libera flúor, e aí quase não existe recidiva de cárie. Ele não deixa de ser um silicato modificado. Eu assisti um curso em São Paulo em 1965 que dizia que as porcelanas e os silicatos não iam sair do mercado nunca, que podiam voltar com outra roupa, e voltaram como os ionômeros. Antigamente, o ácido era agressivo, hoje vem com ácido poliacrílico. Não são tão agressivos. Antes, como eram agressivos, tinha que fazer proteção, não existia na época hidróxido de cálcio. Era um cimento de fosfato de zinco, cimento de eugenol, ele tinha interferência como hoje tem na resina, não deixa polimerizar.

Meu projeto é continuar, já que a saúde da pessoa é fazer o que sabe.

O Adgar e o falecido Hermano, eles foram fazer curso lá em Florianópolis, na época por sinal ninguém encontrava aquelas agulhas 25x3, 25x4, e eu tinha; para fazer irrigação. Então o Adgar levava daqui para Florianópolis. Para mim, a odontologia hoje está muito boa, o pessoal sempre procurando se aperfeiçoar mais, o mercado de trabalho está muito apertado, e cada um tem que se aperfeiçoar; isso faz com que melhore a qualidade do atendimento odontológico. Apesar de que o tratamento odontológico hoje diminuiu muito; essas campanhas de prevenção de cárie surtiram efeito. As campanhas de escovação, de prevenção, têm influenciado muito. Hoje a moda é a terceira dentição, os implantes. Não tem resina que tenha uma cor estável, a não ser restauração feita em

cerâmica fundida. A resina tem um tempo de vida não muito longo; os branqueamentos dentais apareceram.

Pois é, este é o Perboni: Argemiro Perboni. Um homem dedicado à Odontologia do Meio Oeste por mais de meio século. Viu tudo. Sabe tudo. Para ficar marcado o homem Argemiro, vou lhes passar uma história. Em 1978, final de ano, depois de haver permanecido frente à Clínica Seciden enquanto o doutor Hermano fazia sua especialização em Florianópolis, por várias circunstâncias que não cabem aqui acabei optando por usar o ano de 1979 para fazer as minha especialização, também em endodontia e também em Florianópolis. Havíamos mudado o sistema de caixa único no final de 1978. Iniciei o ano, sozinho e em março prestei o exame de seleção e ingressei no curso de endodontia, sem dinheiro, sem tempo para trabalhar, meu terceiro filho acabara de nascer. Conte a história ao Argemiro, as minhas dificuldades. Ele apenas disse:

- Me traga a lista de materiais. E eu lhe falei:

- Perboni, não vou ter como te pagar. E ele não pensou um segundo apenas disse:

- Me pague quando puder. E assim foi. Forneceu-me tudo o que precisei para um ano de especialização e recebeu não sei quando. Só sei que recebeu. Assim, tem sido o Argemiro, comigo e com todos os dentistas do Meio Oeste.

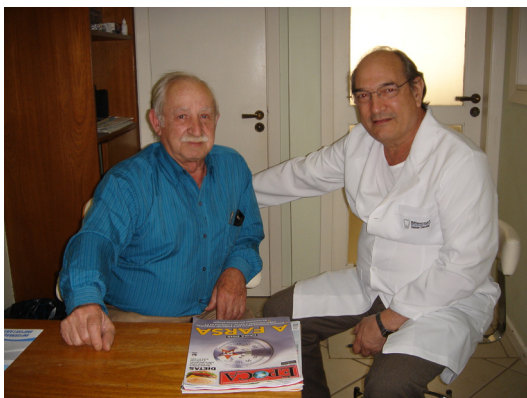


FIG. 1. Dr. Adgar e Sr. Perboni. Fotografia tirada em 27 de julho de 2005.

2. Caçador (SC)

2.1. Dr. Arcângelo Vicentin

Conheci o Doutor Arcângelo Vicentin na década de sessenta. Caçador era uma cidade difícil de atingir. Ao norte do Meio Oeste, nas nascentes do Rio do Peixe, era um centro extrativista ligado à “*Araucária brasiliensis*” – Pinheiro nativo. Havia muitos conflitos na região, muito madeireiro endinheirado, um comércio predominantemente de libaneses, coisa de pioneiros. Para lá fluíam os dentistas mais ousados, entre eles o Arcângelo que na época já era reconhecidamente o decano da profissão. Encontrei-o e a um grupo muito ativo de colegas numa jornada de Endodontia e conhecimentos afins que levou à região os professores novatos, recém saídos de sua formação em São Paulo, Ilson Soares, um menino, Adércio Miguel Domingues, um pouco mais velho, muito mais saltitante então e o prematuramente desaparecido Luiz Carlos, o Veveco. Foi o meu primeiro contato com a Endodontia, num curso liderado pelo Clovis Prudêncio, diretor científico da Regional da ABO presidida pelo Arcângelo Vicentin. Não me esqueço dos detalhes de tal Jornada, pois aí conheci o Ilson Soares e o Adércio, amigos e acadêmicos por quem mantenho, depois de quarenta anos, imorredoura amizade e consideração. Caçador, sem muito resgate histórico foi a primeira cidade do Meio Oeste com associativo odontológico organizado. Por isto vamos seguir com nossa história por ela.

Duas palavras sobre o Arcângelo. Os dentistas mais novos diziam que ele era prático. Parecia já ter nascido dentista.

A nossa história não conseguiu resgatar o seu testemunho pessoal. Faleceu de morte natural aos 90 anos depois de ter efetivamente sido dentista por mais de setenta anos. O que ninguém conseguia contestar era a sua inclusão na comunidade. Compadre de Deus e todo mundo, amigo das autoridades, rotariano fiel e persistente, amado por seus clientes e pela pobreza em geral. Tive-lhe especial simpatia à primeira vista. Já era um senhor arcadinho, meio calvo, com um nariz de carcamano típico, sorriso fácil, cara e doçura de avô de todo mundo. Vamos entregar à sua filha a incumbência de deixar registrado, com suas palavras e emoções um perfil póstumo deste monumento da Odontologia.

Entrevista concedida a Maria Gabriela e Edgard Michel Crosato pela Sra. Iza Luzia Vicentin, filha do Dr. Arcangelo Vicentin, em sua residência, em Caçador, em 16/04/05.

Ele não veio direto para aqui, ele se formou e voltou para o Rio do Sul, ele morou em Florianópolis, aí, em 1932, se formou; quando a mãe dele faleceu, o pai ficou cuidando dele e do irmão, aí a avó veio buscá-lo, e levou para Rio do Sul. Quando ele tinha uns 3 – 4 anos, o pai sumiu. Saiu para o meio-oeste; ele não voltou nunca mais para Rio do Sul, e ele cresceu com os avós, mas sempre com a idéia de reencontrar o pai. Então depois de formado, se alguém dizia “ah, tem um senhor que ficou viúvo em tal região”, ele pegava a maletinha dele e ia para aquela região trabalhar, e pesquisar para ver se encontrava o pai. Então ele passou metade da vida dele nessa busca, por isso que ele ia por tanta cidade.

A mamãe, enquanto era viva, ela começou a reunir material dele.

MG: Ele trabalhou na década de 30, então ele deve ter encontrado pouquíssimos dentistas formados por aí, não?

Pouquíssimos formados; aqui não tinha nenhum formado, e ficou muitos anos só ele, tinha um que era prático, Sr Alfredo Schneider, vivo até hoje.

Ele ia de carroça, não tinha carro; ele contava de algumas dificuldades, que ele chegava nas fazendas, as pessoas eram desconfiadas, daí ele dormia em galpão, em cima da palha, não tinha hotel, não tinha nada, não dormia nas casas, porque era uma pessoa estranha, então deixavam ele dormir no galpão; ele ficava alguns meses, depois ia adiante, sempre onde ouvia falar que tinha um italiano que ficou viúvo, que saiu lá do litoral. Ele encontrou o pai dele mais ou menos por volta de 1950, morando perto de Curitiba, bem no interior; não sei detalhes, mas eu sei que no Natal o pai dele vinha,

passava o Natal com ele, parece que tinha casado, tinha outros filhos, vinha passar uns dias, sozinho; alguns anos depois, o pai dele morreu do coração.

Ele praticamente atendia aqui a maioria das pessoas, ele teve muitos amigos, agora já são falecidos, às vezes a gente encontrava pessoas na rua que vinham conversar com ele, a gente não sabia quem era, e falavam, fui sua cliente, meu pai era cliente, meu avô era cliente... Ele ficava assim, muito feliz.

Ele encontrou minha mãe, casou, e ficou por aqui, e atendia muita, muita gente. Era um apartamento bem grande, daí ele deixou 2 peças para ele, onde a gente morava; às vezes, do interior, vinham para cá só para tratar os dentes, acabavam almoçando com a gente, depois retornavam. Ele trabalhava sozinho, fazia muita prótese, ficava até de madrugada. Eu lembro da época em que eu dormia na cama com a minha mãe e ele vinha do consultório, que era junto, entrava, me tirava da cama, me levava para o quarto; tinha épocas em que ele atendia até 10-11 horas da noite. Tinha muitos clientes, não tinha profissionais, e não tirava férias; até que em 1978, ele enfartou, passou 40 anos sem férias, a gente insistia, a mãe dizia: “Fecha um pouco o consultório, vamos sair”, mas quem tirava ele de lá? Eu tenho meus clientes, não tem quem atenda. De madrugada, quantas vezes! Eu acho que ao passava 1 semana sem bater alguém na casa.

Ele tirava dor, à noite, apenas abria o dente, aí na hora já aliviava, ele contava: “deu um grito e passou!”; a odontologia era muito precária na época; as agulhas eram maiores.

O instrumental está aqui; ele queria mandar cromar, pois, com o uso, eles vão gastando; com os novos instrumentos, ele reclamava muito porque eram muito leves, ele não conseguia trabalhar e se queixava muito.

Teve uma época, logo que eu nasci, eu escutava que ele ia a Blumenau e a Joinville muito seguido, porque tinha curso; pegava o carro, tinha que cuidar, se chovesse, desse uma nuvem, já era um problema para viajar; tinha que ir por Curitiba.

Trabalhava muito com prótese, tirava muito dente, fazia tratamento; ele sempre foi contra extrair, até hoje que tem muitas pessoas que dizem para tirar o canino, porque tem pouco espaço, tira o siso, e ele dizia que, às vezes é esse siso que, quando o paciente tiver 60 anos, vai segurar uma prótese. E ele citava alguns exemplos, “olha a Dona Fulana, ela não usa dentadura, usa prótese porque ela tem um siso e outro dente do outro lado que segura; então cuide do siso, não tire.”

MG: E como foi quando chegaram outros dentistas na cidade, em relação à sua clientela?

Ah, ele mandava; porque ele atendia até 10-11 h da noite, e quando chegava dentista novo, Dr Copetti e outros que vieram depois, ele mandava, ele levava o paciente lá, o

paciente não queria, aí ele falava, “olha, o meu horário tá cheio, não tenho como te encaixar; vamos lá no meu colega novo.” Acho que não só por não dar conta, ele queria incentivar os outros, ele tinha preocupação com os outros, que não tinham cliente, como é que iam sobreviver, isso era muito forte nele.

Eu acho que poucos tratamento ele cobrava; porque a nossa vida era sempre assim dentro de uma medida, eu lembro que quando subia o colégio, ele dizia, “subiu de novo a mensalidade, e agora?” Eu me criei com essa preocupação de pouco dinheiro, e quando ele ficou doente, que a minha mãe foi procurar os registros, ele praticamente não cobrava de ninguém. A partir dali, ela começou a ajudá-lo no consultório, a fazer um orçamento antes, a dar o preço antes, isso de 1978 para frente; até ali, se o cliente voltasse, insistisse muito, ele cobrava. E mesmo assim, mesmo depois que ele passou a fazer orçamento, ele tinha um número “xis” de pessoas carentes que ele atendia sem cobrar, já deixava bem claro.

Depois ele se aposentou, mas continuou a atender pelo sindicato, atendeu até 2001; quase 70 anos de atendimento. Era uma luta, porque o material do sindicato não tinha qualidade, então ele comprava, levava o material dele, para ter material melhor. Ainda no hospital, bem velhinho, já com 90 anos, tinha pessoas que iam visitá-lo e mostravam, “ó, essa restauração, o senhor fez há 40, 50 anos e tal; o dente tá bom, nunca mais me incomodou.”

Faleceu com 90 anos, era de 1914 e faleceu em 2004. Ele teve um derrame por entupimento da veia. Ele caminhava muito, teve uma tontura na rua, os bombeiros estavam fazendo uma limpeza na margem do rio, conheciam ele, levaram para o hospital, ele não queria ir, daí achamos que era labirintite, porque eu acho que é difícil de diagnosticar, e ficou acamado.

Ele recebeu várias homenagens. De 5 em 5 anos, os dentistas faziam uma janta de homenagem, o Rotary também, 60 anos de profissão, 65 anos de profissão... Ele colocava detalhes nos dentes, para não ficar parecendo dente de dentadura.

Material fornecido pela Sra. Iza, a respeito da vida de seu pai.

“**Arcangelo Vicentini**, nascido em Blumenau-SC em 21.03.1914, aos vinte e um dias ficou órfão de mãe, a partir do que foi levado a morar com os avós maternos na cidade de Rio do Sul-SC.

Já adolescente, foi cursar odontologia em Florianópolis. Para tanto, por não possuir recursos próprios, obrigou-se a financiar os estudos. Formou-se em 03 de outubro de 1932.

Concluiu o curso muito jovem, com muita garra e uma enorme dívida (na época trinta contos de réis). Iniciou a vida profissional no consultório de seu tio, Dr. José Dorigatti. Após alguns meses, contratado por uma empresa, foi atender em Barra Bonita e a partir daí passou a atender também em fazendas da região. As estradas eram precárias e o transporte eram carroças e montarias. De fazenda em fazenda, com seu consultório ambulante, rodou grande parte do Estado, até Cruzeiro do Sul, hoje Joaçaba. Dali foi para o Paraná, mais precisamente para o município de Barra Bonita e em **10 de junho de 1937 chegou em Caçador**. Desde esta data passou a dedicar seus serviços odontológicos à população caçadoreense. Foi o primeiro cirurgião-dentista desta cidade.

Casou, em 23.12.1942 com dona Consuelo Vicentin. Do matrimônio nasceram duas filhas Vairene Maria e Iza Luzia. Hoje, tem seis netos e uma bisneta.

Sua prioridade sempre foi o ser humano e para tanto não tinha restrição de horário e tampouco de dias. Atendia à noite, até na madrugada, sempre que alguém surgia com dor de dente.

Manteve seu consultório odontológico até 1986 e, a partir desta data direcionou suas atividades para atendimento odontológico no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caçador, aonde atende desde sua fundação em 1967, e também ao Sindicato dos Trabalhadores do Papel e Papelão.

Foi o primeiro cirurgião-dentista de Caçador a tender pelo SESI.

Como participante da diretoria da Associação Brasileira de Odontologia sempre batalhou para a realização de cursos aos profissionais da região, cursos estes ministrados por professores da Universidade Federal de Santa Catarina. Concluiu cursos de Periodontia, Dentística, Prótese, Endodontia e Periodontia atual.

Um dos fundadores da Associação Odontológica de Caçador (15.08.1961), fez parte da diretoria como Tesoureiro. Em 1966 o nome desta associação passa para Associação Brasileira de Odontologia Regional de Caçador (ABO).

Em janeiro de 1971 recebeu homenagem da ABO de Caçador pelos 38 anos de odontologia e serviços prestados à população de Caçador.

Recebeu, em 24.07.1978 o título de Sócio Benemérito da Associação Brasileira de Odontologia Regional de Joinville-SC.

Em 27.03.1984 recebeu certificado de Inscrição Remida do Conselho Regional de Odontologia de Santa Catarina.

Em comemoração ao Dia do Cirurgião-Dentista Brasileiro, recebeu em 25.10.1987 homenagem da classe odontológica por completar 55 anos de atividade profissional.

Foi homenageado em 03.10.1992 pelo Rotary Club de Caçador por seus 60 anos de atividades profissionais.

De 15 a 17.08.1996 foi realizada, pela Associação Odontológica Regional de Caçador, a I Jornada Odontológica Dr. Arcângelo Vicentin, comemorando os 35 anos de existência da Associação Brasileira de Odontologia Regional Alto Vale do Rio do peixe. Nesta ocasião foi um dos homenageados.

Em 20.04.1997, em festividades comemorativas aos 30 anos de Fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais foi um dos homenageados por ter contribuído na sua fundação. ..."

Caçador, 03 de junho de 1997.



FIG. 3. Diploma do Dr. Arcângelo Vicentin, concedido pelo Instituto Politécnico de Florianópolis em 03 de outubro de 1932.



FIG. 4. Escola Politécnica de Florianópolis.



FIG. 5. Homenagem recebida pelo Dr. Arcângelo Vicentin em 1971, da Associação Brasileira de Odontologia (ABO) de Caçador. Na foto, com sua esposa, Dona Consuelo Vicentin.



FIG. 6. Assembléia Geral da Associação Odontológica de Joinville, com a participação do Dr. Arcângelo Vicentin, em 1949.

2.2. Dr. Clóvis José Prudencio

Ainda dentro do resgate histórico de Caçador e região vamos incluir na íntegra um depoimento do Doutor Clóvis Prudêncio, hoje morador de Florianópolis, que teve destacada atuação no surgimento da moderna odontologia do Meio Oeste de Santa Catarina. Entre outras atividades importantes o doutor Prudêncio foi diretor do maior hospital da região o Jonas Ramos tendo reabilitado o nosocômio para o bem da saúde da população.

Conheci o Clóvis Prudêncio e fui testemunha de sua atuação no associativo odontológico da região. Acabei sócio da seccional de Caçador por dez anos. E foi o exemplo e os resultados obtidos por este profissional que me motivou a fundar em Joaçaba a seccional da ABO em janeiro de 1975. Vamos caminhar pelo mundo cheio de surpresas que o doutor Clóvis nos apresenta em seu relato.

Material enviado por e-mail pelo Dr. Clóvis José Prudencio, CROSC 315, ao Dr. Adgar, em 09 de setembro de 2005 .

Exercendo a odontologia em Caçador, no período de Janeiro de 1964 a Agosto de 1971, deparei-me com fatos um tanto pitoresco. Após uma passagem rápida de um ano por Joaçaba, fixei-me em Caçador onde a economia se baseava unicamente na industria extrativa de madeira, principalmente Imbuia e Pinho (araucária).

Os colegas já se encontravam organizados em associação de classe, com os quais passei a colaborar, éramos em quatro dentistas mais um colega que não pertencia à associação, em razão de proteger um prático. Referente a este colega pesava o crime de acobertamento de um prático não licenciado e em virtude de não conseguir flagrar este prático no exercício de odontologia, pois o colega estava sempre presente e afirmava ao oficial de justiça que era seu protético, mascarando a real função do prático. Em virtude do fato e para afastá-lo do consultório por um tempo suficiente para a ação legal da

justiça, este colega foi convidado para um almoço, durante o qual, seu consultório foi visitado por um oficial de justiça com uma liminar de busca e apreensão, lavrando o flagrante do prático atendendo um paciente.

Este caso foi resolvido amigavelmente com o profissional assumindo toda a responsabilidade e o ex-prático não exerceu mais odontologia e sob a responsabilidade do colega passou a ser o protético do mesmo profissional, mais tarde um filho seu formou-se em odontologia.

Outros fatos são dignos de destaque, como o atendimento gratuito aos cidadãos de baixa renda. Para concretizar este intento fizemos um acordo nos anos 60 com o SESI, que fornecia o consultório dentário e nós entramos com a mão de obra, atendendo duas horas cada colega por dia.

Já na presidência da associação odontológica de Caçador e presidência do conselho da comunidade Caçadorenses, que era formada pelas entidades e forças vivas da comunidade, levamos a prática da higiene dental o meio rural em parceria com o órgão estadual ACARESC, realizávamos palestras e ensinávamos como escovar os dentes corretamente fornecendo inclusive escova e pasta de dente grátis. Usávamos o tempo após as missas nas capelas aos domingos e fazíamos nos acompanhar de um médico que orientava sobre a saúde geral e um técnico em higiene e construção de fossa negra ,etc...

Como o exercício da profissão era em cidades muito distante dos grandes centros como Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis, que emanavam os ensinamentos e cursos de aperfeiçoamentos e para não ficarmos desatualizados procurávamos nos reunir semanalmente e trocar informações técnicas uns com os outros. Só que ficava restrito a prática diária com poucos conhecimentos adquiridos nos cursos de graduação e com leitura de livros que adquiríamos, geralmente em língua estrangeira que dificultava um pouco a interpretação. Foi quando ficamos sabendo que o ministério da educação tinha um projeto da interiorização das universidades, como não poderíamos deixar nossos consultórios fechados por seis meses ou mais tempo, mesmo por que a maioria tinha família para sustentar. Entramos em contato com colegas da Universidade Federal do Paraná, e fomos informados que poderíamos promover cursos em nossas cidades, bastando que fosse o pedido feito por uma ABO regional ou uma subsecção. A regional da ABO em Santa Catarina ficava sediada em Joinville e para lá nos dirigimos, para solicitar o reconhecimento como Subsecção da ABO à Associação Caçadorenses de Odontologia. A diretoria da ABO Regional mostrou a melhor das intenções quando souberam da intenção de melhorar os padrões técnicos e científicos dos cirurgiões dentistas da nossa cidade. Para que isso fosse possível queriam saber quantos colegas pertenciam a Associação Caçadorenses de Odontologia, quando falamos que éramos em quatro profissionais responderam que não era possível atender a nossa solicitação, pois o

mínimo de colegas para fundar uma ABO subseccional era de dez profissionais; voltamos para Caçador desolados.

Como estávamos com o firme propósito de trazer a nossa região atualização profissional dos colegas, resolvi, enviar a todos os dentistas das cidades vizinhas desde Porto União-União da Vitória (PR), a São Miguel do Oeste, colegas de Videira, Joaçaba, Xanxerê, Concórdia, São Miguel do Oeste, Curitiba em Santa Catarina, Palmas e Francisco Beltrão no Paraná, carta motivadora no sentido de fundarmos uma ABO seccional com sede em Caçador; qual não foi meu espanto quando comecei a receber adesões dos colegas das cidades vizinhas e o número de associados que eram de quatro colegas aumentou em numero suficiente que satisfazia as exigências da ABO Regional para a fundação da ABO subsecção de Caçador.

A fundação da ABO subseccional contou com toda a diretoria da ABOSC sediada em Joinvile. O evento foi transmitido ao vivo à comunidade caçadoreense através da transmissão de rádio e foi destaque nos dois jornais da cidade com muito entusiasmo; e contou com a presença das autoridades municipais como, prefeito, presidente da câmara de vereadores, juiz de direito, promotor público, presidente da associação comercial e industrial e do comandante do destacamento do exército brasileiro, sediado na cidade, isso aconteceu em 15 de Agosto de 1965.

Com a fundação da ABO Subsecção começamos os contados com a faculdade de odontologia de Florianópolis. A direção da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Consentiu em levarmos a Caçador os cursos de: Periodontia, ministrado pelos professores Daltro Halla e João Janis, titulares da disciplina; Endodontia com a presença dos professores Ilson Soares, Luiz Carlos de Souza e Adércio Domingues, e Prótese Dentária com os professores Vinícius Olinger e Darcy Zani, esse curso foi ministrado na cidade Porto União da Vitória e os demais em Caçador. Cada curso era em forma de jornada e com grande destaque na imprensa local e nas cidades próximas. A associação já contava com 40 colegas inscritos e com grande audiência dos profissionais e eram realizadas em finais de semana, sendo um curso por ano. Ao final de cada jornada promovia-se um baile de despedida e durante a mesma lanche as senhoras que acompanhavam os colegas com sessão de arte, para entretê-las, com artistas locais em especial a apresentação especial do colega Yvonnich Furlani da cidade de Porto União, um excelente tenor.

Como presidente ABO Seccional, eleito na assembléia de fundação, era convidado para atos cívicos como participar no palanque das autoridades no desfile oficial em comemoração a independência da República de sete de setembro, como também outros eventos como a instalação da telefonia em DDD sem o auxílio de telefonista, junto com autoridades municipais e estaduais, com a presença do governador Colombo Salles; e palestras na rádio local. Ocupando também a presidência do Hospital

de Caridade e Maternidade Jonas Ramos no período de quatro anos, ocasião que tive oportunidade de melhorar suas instalações cirúrgicas e atendimento ao público com reformas e ampliação duplicando sua capacidade de atendimento. Renovando quadro de enfermagem e enviando à Curitiba atendentes de enfermagem para curso de atualização profissional, como também abria as portas do Hospital para que novos médicos se instalassem na cidade inclusive especialista em áreas distintas da medicina, como anestesista, oftalmologista, cirurgião e clínico geral que não tinham acesso com facilidade. Para aceitação de um médico anestesista nas cirurgias foi necessário impor sua presença em todos os atos cirúrgicos, sem o qual não se procedia nenhuma cirurgia no Hospital, substituindo a prática de anestesia sem a devida formação médica. O Hospital possuía inclusive aparelhos de eletrocardiograma que eram enviados para Curitiba para interpretação; instalamos luz e energia própria, para casos de emergência e construímos reservatório d'água em forma arquitetônica de um cálice.

Os pacientes que sofriam traumatismo buco-maxilo-facial eram enviados para Curitiba que era o centro avançado mais próximo, como criticava os médicos que o faziam sem consultar um cirurgião dentista começaram a entregar os pacientes para que os atendêssemos. O primeiro caso realizado se tratava de uma fratura maxilar inferior. Após recomendar o médico assistente e o técnico em radiologia para radiografar o paciente preparei-me para a primeira cirurgia de fratura da mandíbula, como não possuía equipamento no Hospital para perfurar a mandíbula e meu equipamento não podia ser transportado tive que recorrer ao um colega formado na Politécnica, Arcângelo Vicentin, que conservava um aparelho dentário movido a com auxílio dos pés, aparelho bastante antigo e muito bem conservado pelo colega que nisso era muito caprichoso. Tomando as providências para a esterilização do aparelho no centro cirúrgico e com auxílio de uma enfermeira que pedalava o aparelho, e quando cansava o médico é que o pedalava para que eu perfurasse a mandíbula próximo ao local da fratura. Por falta de maiores conhecimentos cirúrgicos, adquiridos pelo curso de graduação, orientei-me pela literatura que pude ter acesso na ocasião e privilegiei o acesso pela via bucal o paciente entubado pela boca que dificultava e muito o manuseio da broca e como o aparelho não possuía contra ângulo (era uma caneta reta). E apesar das seis horas de centro cirúrgico e com odontossintese permanecendo internado por aproximadamente 30 dias devido a alimentação líquida e medicação necessária e morar em local muito distante e sem recursos; o paciente teve uma recuperação de 100% do traumatismo sofrido. Nos casos futuros já possuidor de um aparelho da Kavo Alemã portátil e com velocidade bem mais próxima dos equipamentos usados na época e com cursos de atualização principalmente na APCD e usando técnica com incisão externa na base da mandíbula as cirurgias foram muito mais tranquilas de serem realizadas e os médicos assistentes dispensados, pois já tinham suficiente confiança na minha capacidade.

Ouve um fato interessante na direção do hospital quando na tentativa de impedirem o exercício profissional de um médico habilitado em cirurgia por outros colegas já exercendo medicina e, como era habito não aceitarem médicos novos na cidade numa assembléia que presidia com os médicos residentes, e membros da diretoria e com a tentativa de melindrar-me um dos médicos antigos da cidade, questionou minha presença na presidência, sendo dentista, segundo sua expressão: “trabalho a tantos anos na cidade e neste hospital, e pela primeira vez sou mandado por um dentista.” Ponderei que em questão estava a permanência ou não de seu colega no hospital e por conseqüência na cidade e não a administração, que poderia se exercida por qualquer membro presente, se eleito fosse. Com isso recebi em “viva -voz” de um dos presentes, empresário e político influente na comunidade, que como tinham me eleito presidente do hospital, a mim caberia a solução do problema. O médico levantou-se e foi embora com os demais médicos presentes.

Fato interessante e inusitado aconteceu com um paciente que tinha sofrido uma fratura de mandíbula com coice de mula, que para executar a cirurgia, primeiro tivemos de fazer assepsia do local da fratura para remover resíduos de assoalho do estábulo, este paciente de constituição franzina possuía prótese total superior e para manter a mandíbula em posição de repouso em cêntrica, foi necessário fazer uma máscara facial para confecção de uma “gotera” e manter a mandíbula com auxílio de gaze envolta da cabeça e da região do mento. Com isso consegui manter imobilizada a mandíbula, para que os fragmentos da fratura fixados numa Osteossíntese não se deslocassem.

O paciente recebeu alta com recomendação de continuar com a alimentação líquida e voltar para remover a bandagem no tempo definido e quando o fez foi ao meu consultório e a gaze usada estava devido a falta de higiene pessoal com cor bastante alterada, ao removê-la atirei no lixo, qual não foi minha surpresa, quando a esposa do paciente disse com surpresa “Há Doutor! Não faça isso”, e incontinentemente removeu, embrulhou e colou na bolsa. Eu disse “senhora se for necessário eu irei repor com uma gaze limpa, não precisa levar esta que está infectada e com cheiro desagradável!” Foi aí que ela me disse: “Não, doutor, não é para ele usar novamente, é que eu vou levar para fazer um chá para ele beber e ficar curado. É um santo remédio!” Então eu respondi que ele já estava curado mais nada do que eu argumentei serviu para ela mudar de idéia. O paciente ficou totalmente recuperado.

Quanto ao exercício ilegal da profissão desencadeado na área da ABO subsecção, teve alguns entraves por proteções aos práticos por políticos e empresários da região. Um dos fatos que mais me chocou foi uma correspondência recebida do colega da cidade de Chapecó que em desespero pedia a nossa intervenção, pois sofria perseguição e ameaças de morte de um dentista prático que ele havia denunciado. O prático em questão chegou a invadir sua residência com uma arma em punho,

vasculhando toda a casa do colega com o desespero de sua família, mas sua esposa foi hábil a ponto de não deixá-lo visitar o banheiro onde se encontrava o marido, o prático chegou a abrir a guarda-roupa, no intuito de matá-lo; não o encontrando ameaçou a família que o faria na primeira oportunidade que encontrasse. O colega em sua carta dizia que se nada fosse feito, apesar de já se encontrar na cidade a oito anos e ter uma clientela formada, para segurança de sua família teria que voltar para Curitiba de onde era oriundo. Imediatamente, através do conselho regional de odontologia provisório que ajudamos a fundar no estado, consegui uma audiência com o secretário estadual de segurança pública, General Vieira Da Rosa e com o secretário de saúde pública, Mário Cantição. E com eles discuti o problema do colega ameaçado e do exercício ilegal da profissão. Pedi ao secretário de segurança garantias de vida para o colega de Chapecó, que de imediato, enviou uma ordem ao delegado de polícia para intimar o prático. E caso acontecesse algo com o colega citado na intimação ele seria o responsável. Soube mais tarde que o colega não se sentindo seguro tempos depois voltou a Curitiba.

Outro fato também que merece ser citado foi de um prático na cidade de Porto União que levava boticões nos bolsos para executar extrações dentárias em residências, impossibilitando o flagrante do exercício ilegal. Outro fato curioso no exercício contra os charlatões, foram as ameaças físicas e até de morte que eu sofria, eram recados enviados para intimidar-me, situação que obrigou-me por um bom período toda vez que saía de casa andar armado, mesmo não sabendo atirar, felizmente nenhuma ameaça foi concretizada.

Houve o caso de um prático que era motorista de uma ambulância de uma grande indústria, que exercia a profissão ilegal da odontologia dentro da empresa e por nós denunciado a justiça. Este cidadão que ameaçou atirar contra as janelas da minha residência, que ficava numa esquina, uma grande carga de fogos de artifício caso eu fosse derrotado como candidato a reeleição do hospital Jonas Ramos e que por tranqüilidade minha ganhei a eleição com grande margem de votos.

Outro caso no combate ao exercício ilegal da profissão, aconteceu que o advogado da cidade de Videira, por nós contratado para entrar com uma petição contra os charlatões, uma vez que os advogados de Caçador não tinham interesse neste tipo de ação, este advogado por ser novo na profissão foi facilmente convencido de que nada poderia ser feito pois os práticos estavam protegidos por uma lei de Getúlio Vargas que os validavam no exercício profissional. Tomando conhecimento desta atitude e acompanhado do vice-presidente da ABO Subsecção e do advogado fomos até a casa do promotor público, autor da declaração e executor da liminar que pleiteávamos. Quando chegamos em sua residência, pelas 20 horas, ao abrir a porta o dito promotor ao nos ver exclama: “Doutor Prudencio, amanhã cedo, estaremos agindo contra os práticos ilegais!” Antes mesmo de nos mandar entrar e oferecer um cafezinho.

Confiante nesta declaração procurei averiguar a ação prometida, fui até a delegacia no dia seguinte, quando fui interceptado por um funcionário da justiça comunicando-me que todos os práticos já tinham abandonado a cidade, e não eram ainda oito horas da manhã. E rapidamente uns foram para o interior e outros para Curitiba impossibilitando o flagrante no exercício da odontologia. Não me dei por vencido e deixando passar uns dias e com nova liminar em mãos expedida pelo juiz da comarca de Caçador fui direto a delegacia de polícia, e não foi fácil convencer o delegado, mesmo com a liminar em mãos, que levasse alguns soldados consigo até o consultório do prático ilegal que operava aproximadamente à vinte e cinco anos, fazendo uso de diploma falso, mas aceito pelo serviço de saúde pública e com alvará de licença da prefeitura municipal que fazia com que sua família achasse que era legal; acreditávamos que se este consultório fosse fechado, serviria como exemplo para os demais que exerciam ilegalmente Odontologia na cidade. Qual foi minha surpresa quando tomei conhecimento do inquérito aberto contra o dito cidadão, alegava o delegado que não havia encontrado nenhum material comprometedor no local indicado e que o cidadão levado até a delegacia declarou que era uma rixa minha com ele, só que eu nem o conhecia pessoalmente. Tomando conhecimento deste fato e com a cópia do inquérito em mãos, enviei, como presidente da ABO Seccional, ao secretário de segurança pública do estado alertando sobre o absurdo das declarações contida no inquérito, alegando inclusive que não havia necessidade de adentrar no recinto para detectar material odontológico presente e em uso, pois mesmo da via pública, através do vidro da janela, onde tinha o consultório era visível parte do equipo, principalmente o refletor.

No exercício profissional, no início da profissão, quando instalado a movimentação de pacientes era muito grande e vinham com a seguinte frase: “Doutor soubemos que tinha dentista novo na cidade e viemos experimentar!” Tudo bem fazia o orçamento e os pacientes saiam com firme propósito de voltar e raramente retornava um ou outro, até que adotei uma tática de fazer o orçamento e cobrar a consulta que seria abatida do orçamento na execução do trabalho; pois não é que faturei mais com consultas do que com execução de trabalho, pelo menos no começo da profissão.

Houve um caso de um paciente que fez o orçamento, pagou 50% do tratamento que incluía extrações e colocação de uma PPM imediata, feito o trabalho de colocação da prótese o paciente não retornou nem para remoção da sutura do local das extrações e muito menos pagar o restante do tratamento. Várias vezes o encontrei e ele dizia: “O Doutor, preciso ir lá no seu consultório pagar o que estou lhe devendo.”, mas não o fazia, certo dia vendo entrando numa livraria próxima ao consultório, até lá me dirigi e como que casualmente, apesar de ele me evitar, puxei conversa, perguntando sobre a prótese, se não tinha nenhum problema e ele dizia que estava ótima e não havia problema. Perguntei se a gengiva não estava avermelhada e sangrava com facilidade

quando ele tirava a prótese, ele respondeu que sim mas nem sempre, as vezes, então lhe falei que precisava de um ajuste, pois se tratava de uma prótese imediata e se não fizesse poderia ter problemas sérios na boca no local das extrações com inflamação grave. Assustado me seguiu até o consultório, lá removo a prótese e verifiquei que a cicatrização estava se processando de acordo com o tipo de trabalho realizado, reembasei a prótese, ajustei os grampos, dei polimento e perguntei se estava tudo bem com a prótese, aí ele disse: “Agora ta firme, boa! Ta lisinha.” Tirei a prótese e falei que iria dar mais um ajustezinho enquanto ele me acompanhava com os olhos um pouco desconfiados, pois ao invés de polir a prótese estava colocando na gaveta da escrivaninha e chaveando-a. Ele olhou e me disse: “Que isso Doutor?”, eu baixei a cadeira e lhe pedi para buscar o restante do dinheiro que estava me devendo que eu entregaria a prótese. E ele protestando disse: “O Doutor, vai fazer isso comigo!”, eu disse “Vou!”, meia hora depois retornou com o dinheiro na mão, falando “Doutor, me dá a ponte!”, eu retruquei para primeiro passar o dinheiro, e com isto resolvemos o problema.

Curiosa foi a visita de um cidadão que trazia um paciente com trismo acentuado, pelo diálogo com o mesmo imaginei que fosse um médico do interior, que alegava que o paciente havia sofrido uma extração dentária, não conseguia mais abrir a boca mesmo com a medicação administrada. Colocando na cadeira, verifiquei que se tratava de um paciente com uma boa dentição e com boa configuração física e sem nenhum espaço entre os dentes que permitisse anestesiá-lo para promover a abertura da mandíbula, estava começando a profissão mas mesmo assim tinha que resolver o caso. Analisando sem aparelho de raio X procurei anestesiá-lo usando uma agulha longa, na base inferior do ramo ascendente da mandíbula procurei chegar com o anestésico próximo ao dentário inferior pela via externa. Conseguindo com isto um relaxamento suficiente da mandíbula para dar espaço entre os dentes e curetar o local da extração e proceder ao tratamento adequado.

Comentando o caso com os colegas e do inusitado procedimento, e referindo-me ao cidadão que levou o paciente dissera-me que este era um dentista prático ilegal e que era o autor da extração. Que me procurou por que não o conhecia.

Atendendo um pistoleiro e guarda-costa de um madeireiro, homem forte e robusto, com a cartucheira na cintura, que entrou pedindo que lhe extraísse um dente. Ao avistar a seringa para a anestesia, arregalou os olhos e desmaiou.

Em 1970, fomos a São Paulo a um Congresso da APCD, para fazer um curso de implantes artificiais; após conhecer as técnicas apresentadas como os agulhados de Scialom, francês que preconizava a colocação de agulhados, eram três agulhas de tântalo inseridas intra-ósseo em forma de tripé e fixadas na cavidade oral com resina acrílica especial, como núcleo para fixar os elementos dentários. Acompanhei a colocação de

implantes para uma prótese total superior fixa, ao final o paciente com a prótese fixada sobre implantes deixou a sala cirúrgica mordendo uma maçã provocando impacto na platéia que acompanhava pelos telões na ante-sala. Quando numa entrevista Sialom foi inquirido se tinha problemas com as agulhas respondeu: “Se houvesse elas serviam como dreno para qualquer alteração da normalidade dos tecidos”, e informou que caso quisesse remover essas agulhas era só separá-las do núcleo de resina acrílica que saíam facilmente. Este fato fez com que eu não concordasse com tal técnica. Outra técnica de implantes artificiais apresentada na mesma ocasião, foi por Sami Sandhaus de Lousanne Suíça, tratava-se de um pino rosqueado que possuía na parte superior uma forma sextavada como núcleo definitivo para fixação de dentes. Era composto de óxidos metálicos, na prática se formaria um tecido calcificado, uma anquilose em volta deste implante. Foi a técnica que adotamos e praticamos. Era um implante que não exigia cirurgias cruentas e que caso não desse resultado era eliminado no período de três semanas. UM ano após o curso realizado Sandhaus voltou ao Brasil para realizar um novo curso. Aproveitei a oportunidade para ir à São Paulo, para com ele discutir os casos realizados naquele ano, e com já havia feito os cursos básico e avançado com este profissional, procurei chegar na véspera do término do curso que ele estava ministrando, na sede da APCD. Lá chegando tomei conhecimento pelo coordenados do curso que não era possível contacto com Sandhaus pois o mesmo havia antecipado seu regresso para o dia seguinte pela manhã. Ponderei que não havia feito uma viagem tão longa e não conseguir o meu intento, dito isto, ele dirigiu-se ao ministrante que parou por um tempo sua fala, e olhando para onde me encontrava e num gesto de gentileza, demonstrou que me reconhecia. Voltando até mim, o coordenador do curso comunicou-me que ele havia autorizado a transferência da passagem aérea para a tarde do dia seguinte e combinamos de nos encontrar pela manhã na clínica do Dr. Milani. Na ocasião discutimos os casos que levei, radiografias e laudos e após esclarecimentos que eu necessitava fez questão de me nomear seu representante para o Estado de Santa Catarina.

Sempre que participava de um Congresso ou curso em centros mais desenvolvidos, realizava reuniões com os colegas membros da Associação em suas cidades de origem em mesa redonda, divulgando as novidades técnicas e científicas da profissão. Durante os seis anos que permaneci na presidência da ABO seccional de Caçador, editamos um boletim informativo mensal enfocando na sua capa orientações sobre terapêutica principalmente sobre antibióticos anti-inflamatórios e analgésicos; devido a carência de orientação neste sentido que observávamos nos colegas do interior, que recorriam a farmacêuticos para orientá-los.

A ABO seccional de Caçador sempre que promovia um evento científico era destaque na imprensa local. Houve um fato que demonstrou a importância da ABO na comunidade caçadorenses, quando houve a prisão arbitrária e truculenta do prefeito da

cidade de Caçador pelo comandante do destacamento de exército na cidade. Fato que provocou um grande protesto popular com manifestações das forças vivas da comunidade, inclusive da ABO. O interessante foi que no dia seguinte, a edição do jornal local trouxe na capa a reprodução em fac símile da carta enviada pela seccional em desagravo a agressão sofrida pelo prefeito. As demais manifestações de desagravo foram apenas citadas.

Exercíamos a odontologia como clínicos gerais e com muita dificuldade na execução de trabalhos protéticos que eram executados em Porto Alegre ou Curitiba. Próteses parciais removíveis e prótese total eram executadas por protéticos que capacitávamos, mas trabalhos em metal cerâmica ou porcelana pura tínhamos que enviar para Curitiba e não tínhamos como fazer provas pois os trabalhos já vinham prontos; portanto os preparos e moldagens tinham que ser exatos. Quando não estavam precisos tínhamos que repetir os trabalhos, onerando o serviço protético.

Prótese fixa em metalo-plástica eram executados em ouro 22 quilates depois com ouro platinado, mas era comum os trabalhos realizados por colegas mais antigos, coroas individuais e próteses parciais fixas, com coroas estampadas em ouro. O ouro tinha a forma de disco, e sob modelos em ferro no formato dos dentes, sob pressão, dava a forma do dente desejado que após era ajustada na boca. E nem sempre tinha boa adaptação oclusal e cervical; mesmo porque os dentes sofriam pouco desgaste e os discos eram muito finos.

Com cursos de atualização praticamos correção ortodôntica com aparelhos móveis; uma vez que na região não havia colega habilitado. Devido aos reclamos muitas vezes fazíamos correção ortodôntica em adultos, preferencialmente em pacientes do sexo feminino. Desenvolvi uma técnica não ortodoxa, que permitia que as pessoas falassem sem o incomodo da placa de acrílico, adaptando uma armação dento-suportada para aparelho ortodôntico. Orientava os laboratórios para a confecção de uma armação tipo ponte parcial removível acrescida de uma grade na região dos molares pela vestibular e lingual. Onde ancorava, fixando com acrílico o arco e molas de fio de aço adequados, que iriam mover os elementos dentários; evidentemente que eram casos que respondiam bem ao tratamento.

Era comum os pacientes pedirem para colocar uma “falha de ouro” nas próteses totais, geralmente na mesial dos incisivos superiores, ou coroa total de ouro nos incisivos inferiores, da prótese total, era moda!

2.3. Outras curiosidades

Ainda em Caçador fomos conhecer as instalações de um prático licenciado, Senhor Schneider, que hoje pertencem ao acervo histórico exibido na ante-sala da Clínica do Doutor Padilha. Vejam o resgate fotográfico. Pudemos também manusear o livro-ata que contém registros dos primórdios da odontologia de Caçador, com a fundação da Associação Brasileira de Odontologia (ABO), Seccional de Caçador. Agradecemos especialmente ao Dr. José Humberto Bayer, que acompanhou todas nossas visitas.



FIGs. 8 e 9. Equipamentos que pertenceram ao Dr. Schneider, e que agora se encontram expostos na Clínica do Dr. Padilha, em Caçador.

Ata da Primeira Reunião Extraordinária da Diretoria da AOC.

Na noite de agosto de mil novecentos e sessenta e um (1961), às 9,30 horas, reuniram-se numa sala do Ronda Hotel, os componentes da Diretoria da AOC.

Inicialmente o presidente da Associação fez uso da palavra, salientando as dificuldades iniciais que toda a organização defronta no início de sua formação e manifestou sua esperança no futuro da Associação e nos ideais que ela encarna.

Em seguida foram focalizadas as medidas iniciais para o registro dos estatutos. Os mesmos seccos passados em cinco cópias, devidamente corrigido. Logo seguida serão encaminhados aos canais competentes para serem registrados. Já encaminhou-se para ser confeccionado, o Livro característico da AOC.

Em seguida foi solicitado ao tesoureiro que fosse providenciada sobre os custos do material necessário para a Presidência, Tesouraria, Secretaria e Departamentos: Buro Caixa, Buro de Atas da Assembleia Geral, Buro de Atas das Reuniões da Diretoria, Arquivos da Presidência, Arquivos da Secretaria e Arquivos da Tesouraria.

Decidiu-se que será dia 27 do corrente, a primeira reunião ordinária da Diretoria.

Nas próximas reuniões os componentes da Diretoria terão seu programa para 1961/1962.

Foi também decidido que a caixa postal da AOC seja número 255.

Ata da Primeira Reunião Ordinária da Diretoria da Associação Odontológica Caçadorenses.

Em vinte e sete de agosto de mil novecentos e sessenta e um, às 9 horas, reuniram-se numa sala do Donda Hotel, para a primeira reunião ordinária, os componentes da Diretoria da AOC, com a seguinte ordem do dia:

- 1) Expediente e Assuntos Gerais.
- 2) Continuação das Medidas Iniciais para a Organização da AOC.
- 3) Combate ao Charlatanismo.

Inicialmente o presidente solicitou que se fizessem as medidas iniciais para a organização burocrática da AOC. Resolveu-se nessa reunião, que as características permanentes da ficha, seriam estudadas em reuniões posteriores e que o humber terá somente uma cópia.

Em seguida o tesoureiro comunicou que foram comprados: Livro de Atas da Assembleia Geral, livro de Atas das Reuniões da Diretoria, livro Caixa, Talão de Recibo, Arquivo para a Secretaria e Arquivo para a Presidência. Em seguida declarou que a receita orçamentária de 15/8/61 a 12/8/62 será:

Jóias -	Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros)
Mensalidade -	Cr\$ 18.350,00 (Dezoito mil trezentos e
Cinquenta cruzeiros)	
Total	Cr\$ 28.350,00 (Vinte e oito mil e

trezentos e cinquenta cruzeiros), incluindo outras receitas eventuais.

Foi aprovado, devido as dificuldades financeiras

de recibos para os Departamentos, exceto para a correspondência e livros comprados.

Decidiu-se que nas próximas reuniões, os Departamentos deverão tratar seu orçamento de despesa e programa de atividades para o ano.

Salientou-se em seguida, a necessidade da comunicação oficial da Diretoria da AOC às autoridades constituídas, imprensa falada e escrita e organizações diretas ou indiretamente relacionadas.

O Presidente comunicou, que nos seguintes horários, atenderá assuntos da AOC no Consultório:

Quartas - das 15,30 às 19,30 hrs

Sábados - das 17 às 18 horas.

Ficou decidido, que nos domingos as reuniões terminam em princípio às 11,45 hrs.

Foi marcado para domingo, dia 17 de setembro, às 10 horas, a reunião do Conselho Diretivo, para a eleição de sua primeira Diretoria.

Em seguida o Diretor do D. R. P. solicitou do Diretor do D. C. C. organização de palestras sobre:

Deontologia Médica

Honorários

Economia Dental

Charlatanismo.

Essas palestras, embora sobre a direção do D. C. C., além do diretor desse Departamento, serão apresentadas por outros profissionais. O Diretor do D. C. C. indicou o Diretor do D. R. P. para a realização de palestras sobre o "Charlatanismo."

Foi aprovada sugestão do Diretor do D. C. C., que nas campanhas de âmbito externo, os componentes só poderão apresentar relatórios como órgão da Associação.

Após intencionalmente discutido o assunto referente às campanhas de higiene oral, decidiu-se que o D.R.P. Colaborará com o D.G.C. Nesse particular e observará no estatuto se e de sua competência serão. Em seguida o Presidente da AOC, manifestou o seguinte parecer sobre o Combate ao Charlatanismo:

Associação Odontológica Caçadoreense
 Parecer emitido da Presidência sobre o Tema,
 Combate ao Charlatanismo.

"A Presidência da AOC, achou interessante expender um parecer e como tal, não uma impropriação, mas sim uma colaboração, no tocante ao problema que entra em foco: o Charlatanismo. Serão diretrizes gerais que julga importantes como medida de orientação do trabalho. Não haverá nada de novo ou especial, mas a formulação explícita, da mesma forma é uma coisa não necessária os aliteres.

Supondo desnecessárias as especificações detalhadas, enunciara os pontos fundamentais com ligeiros comentários. Todos sentem, que ao iniciar o movimento, o mesmo deverá estar assentado sobre um Plano sinuoso e aprofundado da questão, abarcando-se todos os ângulos: como a opinião pública encara o assunto; o Charlatanismo e a lei; a Odontologia e o Charlatanismo; consequências; etc. Resultará disto um conhecimento completo da matéria, fixando princípios, evitando equívocos etc. Será a análise feita do fato.

A operação em conjunto, no parecer da Presidência, deverá prover 3 fases importantes:

- a) Estudo e Planejamento
- b) Organização e Execução

Além do exposto acima, é ~~se~~ necessário evitar ao máximo o desgosto moral, pela repetição de processos, justiça prolongada, promessas resultando negativas, indecisão de autoridades etc, em suma: rapidez e eficiência.

Fazendo os enunciados acima, apresentamos à consideração dos colegas, as seguintes medidas:

- 1) Que o D. C. B. promova palestras de estudos (círculo de estudos), visando todos os aspectos;
- 2) Que o parecer de um advogado, do fiscal de Estatística, do Diretor Médico - Chefe do Posto de Saúde, e Talves do juiz de direito e do Delegado de Polícia
- 3) Estudo da legislação
- 4) Adotando o regime de reuniões secretas para o estudo do caso.

Éis o que a Presidência propôs à consideração dos ilustres colegas como colaboração.

Caçador, 25 de agosto de 1961
 av. José Schneider - Presidente da AOC.

As 11,30 horas foi encerrada a reunião.
 Como nada mais houve, eu secretário assino esta ata na presença de todos.

Engelberto
 José de Jesus
 João Elton

FIGS. 10 a 14. Primeiras atas da futura Associação Brasileira de Odontologia (ABO), Seccional de Caçador.

3. Videira (SC)

Convidamos a doutora **Halina Fontes** para registrar alguns aspectos da vida odontológica de Videira, uma próspera unidade municipal do Meio Oeste situada à jusante de Caçador e distante pouco mais de cinquenta quilômetros. Muita coisa poderíamos buscar na região de Videira, especialmente bons vinhos e bons queijos. A comunidade videirense, em sua maioria formada por imigrantes italianos, enriqueceu com o agronegócio ligado ao vinho e aos produtos de origem animal fabricados pelo Frigorífico Perdigão que tem a sua origem nesta próspera cidade.

Na década de setenta a doutora Halina Fontes, filha de imigrantes ucranianos, transferiu-se para Videira e passou a fazer parte da história da cidade moderna e acolhedora que ela ajudou a construir. Pelas suas declarações espontâneas vamos registrar um pouco de Videira e da odontologia local.

Entrevista concedida à Doutora Maria Gabriela pela Doutora Halina Fontes em 29/07/05, nas dependências do consultório odontológico do Dr. Adgar Bittencourt.

Eu fiquei em Florianópolis de 1962 a 68. Estudei no Colégio Bom Jesus e depois passei na Faculdade. A turma tinha três mulheres. A gente era de família estrangeira, lá em Videira, meu pai era estrangeiro, minha mãe vinha de uma família de 13 irmãos, e só ela não tinha se formado na faculdade; eles são ucranianos. Sabe como é, estrangeiro quando vem, com uma mão na frente e outra atrás, a única chance que a gente tinha era estudar; na época em que eu fui para Florianópolis em 1962, não tinha mulher estudando, a mulher ia estudar para professora, para costurar, e casar. A gente demorava 23 horas para chegar em Florianópolis, por terra, não tinha asfalto; então era

assim, um Deus nos acuda, não tinha dentista, não tinha médica, não tinha bioquímica, só homens. Mulher, nenhuma. Então quando eu manifestei vontade de fazer odontologia, pensei assim: odontologia, dava para juntar, eu iria casar um dia, precisaria cuidar de casa, marido, daria para carregar o consultório nas costas feito caracol, meio período, então ia mais para as ciências médicas, para mim teria que ser medicina, odontologia, farmácia; eu tinha tendência mais para a medicina, mas minha família era só o pai e a mãe, eu e uma irmã; e, se alguém morresse, eu não iria poder concluir a medicina, então eu optei por um curso mais curto; a odontologia eram quatro anos, no meu tempo, e a medicina eram seis. Eu tinha que me formar rápido. E foi o que eu fiz. Passei no vestibular. Passei muito bem. Morei em Florianópolis, 6 anos; o pai era contra, a mãe não, ela achava que tinha que estudar mesmo, toda a família dela era formada por médicos, e eles saíram na Segunda Guerra, quando Hitler invadiu a Ucrânia, saíram de lá; conheço a Ucrânia, e no ano passado fui para a Rússia, conhecer a única tia viva que eu ainda tenho.

Eu vinha de uma família de engenheiros, médicos; a gente chegou no Brasil, em Videira, e ninguém estudava, ser professor era o máximo, então o pai achava que tinha que fazer curso de professorado, normal, então ele disse que eu podia prestar o vestibular, mas não podia largar o normal; então eu fazia dois cursos. Mulher sempre tem que provar mais, então o normal eu tirei de letra, mas o científico já era bem puxado, química, física, biologia. E fiz vestibular, passei.

Formei-me em 1968. O difícil mesmo foi começar a atender, porque tinha dois práticos na cidade de Videira, e a minha mãe teve um menino; então quando me formei eu tinha a minha irmã e meu irmão; a gente não tinha parente nenhum no Brasil. No ano seguinte, um dos práticos bebia muito, saiu, e o outro foi eleito prefeito. E havia também dois dentistas formados em Curitiba, que trabalhavam em Videira. Um trabalha até hoje; o outro se aposentou, e foi embora para Curitiba (*Nota dos autores: Trata-se dos doutores Abel Vianna e Ivo Zigalesky*).

Quando eu abri consultório, todo mundo achava uma gozação, imagina mulher atendendo, dentista! Naquela época não tinha asfalto, não tinha avião, não tinha nada; para ir pra Caçador tinha que pegar jipe.

Meu pai montou o consultório seis meses antes de eu me formar; me formei no dia 14 de dezembro de 1968, comecei a trabalhar no dia 19.

O triste no começo foi impor uma hora marcada, ninguém sabia o que era isso. Chegava, tinha que ser atendido. O paciente dizia, não, eu não quero marcar hora, eu quero ser atendido quando eu vier de ônibus; eu dizia, não, tem que marcar hora; aí eu impus o valor quase o dobro dos outros dentistas. Todo mundo achou que não ia dar

certo, aí meu pai dizia que não, que tinha que ser mais barato que os outros; eu dizia: “olha, pai, não pode; o que o dentista faz não é nada diferente do que o médico faz. Se o médico cobra uma consulta, você tem que cobrar bem parecido.” Não se cobra uma extração menos do que se cobra uma consulta de um médico, o médico só assina um papel, nós damos mão de obra, somos responsáveis por alguma coisa.”

Quando eu cheguei, o meu marido era funcionário do Banco do Brasil, e logo de cara veio uma colega dele para fazer ponte fixa; o que se tinha naquela época era ouro e acrílico; estava-se iniciando a porcelana; eu precisava fazer em ouro, e não tinha dinheiro para comprar ouro.

Mas o caso que me chamou a atenção foi de uma professora que tinha na cidade, ela tinha na parte superior o segundo molar, dos dois lados, um canino, e devia ter um pré-molar somente. Eram quatro dentes; e ela foi ao consultório e queria fazer ponte fixa. E os quatro elementos estavam num estado miserável; isso tudo ia dar quatorze elementos; eu tinha que fazer uma coisa que durasse na boca dela; fiz o orçamento, falei que ia ver como é que estava, o estado das raízes; a raiz do canino era muito precária, o pré-molar estava uma miséria, e os 2 molares, praticamente condenados; aí eu disse pra ela, olha, não dá, porque ponte é como ponte de rio, que você atravessa de um lado para outro; tem que ter pilar, tem que ter estrutura; e 4 quatro dentes vão ter que segurar o trabalho de todos os outros dentes; ela disse: “eu não vou botar dentadura nunca na vida”, naquela época não tinha implante. Então aí eu pensei, “vou gastar uma fortuna aqui, coloco a ponte, e a mulher dá uma mordida, e se foi, né? E depois a responsabilidade seria minha.” Eu disse a ela que não, que não dava. Eu disse: “eu posso fazer uma ponte, vai ficar linda, maravilhosa, só que é o seguinte, a senhora não vai poder mastigar como a senhora mastiga. O que você come?” Ela disse: “Pode fazer a ponte linda, bela e maravilhosa, que eu vou tomar sopa o resto da vida! Eu vou ficar de ponte fixa, não vou ficar de dentadura”. E eu fiz, e ela morreu com aquilo. Então me chamou a atenção, ela foi minha professora no primário.

Homem também, quando vinha ao consultório era ruim, ser atendido por uma mulher. Então você também tinha que ter um certo “status”, não podia ser uma mulher “juntada”; tinha que ser casada, na época era assim.

Os dentistas da época diziam: “Quando ela for extrair dente, ela vai pedir socorro para nós.” Não sabiam que extrair dente é jeito, não é força, né? Os pacientes perguntavam como eu fazia para arrancar dente, aí eu explicava, é jeito.

Criança era barra pesada, porque eu nunca fui muito disciplinada para criança, comparando com hoje, hoje tem muita coisa boa para criança, facilitou p’ra caramba. Eu faço essas coisas hoje por causa da neta, da sobrinha. Pensei: “meu Deus, vou ter que

fazer um curso de ortodontia para poder tratar a minha neta”, e minha filha diz que eu tenho que fazer para atendê-la. Nessas alturas da vida, fazer orto, ora pois!

Tenho bastante tempo de formada, quase 40 anos. Já comecei a pendurar as chuteiras, a diminuir o ritmo de trabalho. Comecei a atender com 20, 21 anos, e foi um ritmo forte até os 55 anos, direto; estou com 59 agora; era uma raridade eu ter um filho só, e havia pressão para ter mais filhos, e eu dizia não, o que é que é isso, cuidar de filho, empregada, não é fácil. Na época outro problema era arranjar auxiliar dentro do consultório era a coisa mais rara do mundo. Eu trabalhei sozinha uns 6 ou 7 anos; tinha que ensinar tudo, porque não entendiam nada, nada, era complicado. Hoje você quer uma auxiliar, você procura pelo menos uma enfermeira formada, pelo menos ela tem noção de esterilização, já aprendeu alguma coisa; mas, na época, era muito complicado.

O mais difícil de tudo foi sempre a barra de ser mulher. Isso foi difícil. Meu marido morou em centro grande, Recife, Maceió e São Paulo, então já quando eu escolhi o marido eu já queria um marido mais aberto, porque na cidade de Videira, a mulher ficava em casa. A gente ia em congresso, eu fazia cursos; ele gosta de viajar também, então o marido sempre acompanhou. Ele sempre achou que mulher tem que trabalhar.

Manter uma casa em ordem, em relação a marido, filho, empregada, comida, limpeza, e consultório, é barra pesada. Hoje tem mais mão de obra, na época a mão de obra era mais difícil. Eu sempre carreguei tudo junto: casa e consultório; construí a casa nova agora e de novo: casa e consultório.

Eu sempre atendi de tudo, infelizmente, quando eu fui fazer especialidade; eu queria fazer prótese; na época, era a especialidade ideal, mas quando eu pensei em fazer especialidade, já não era mais a prótese; a clínica geral hoje não dá mais dinheiro. Quando a minha filha casou, pensei em fazer, um curso ótimo em Curitiba, mas depois pensei bem, passar três anos fazendo, custo de hotel, deixar o gabinete, eu sacrifiquei a especialidade. Depois, quando eu podia fazer especialização teria que partir para implante, com prótese sobre implante, aí eu fiz o cálculo, e vou completar sessenta anos, acho que não vale mais a pena não.

Como vocês puderam deduzir, a Halina é o melhor exemplo da pessoa prática, frugal, produtiva, ótima. Ao longo do tempo fomos convivendo em todos os fatos sociais e odontológicos da região. Logo que a ABO passou e ser sediada em Joaçaba fomos encontrando a doutora Halina em todos os eventos de extensão. Sempre a mesma; sempre com boas histórias de seu gabinete por onde passou a fina flor da sociedade Videirense. Continua ainda. E como conheci a sua mãe

até seus últimos dias no comando da mais freqüentada livraria de Videira ninguém duvide se encontrar a sessentona cursando qualquer coisa por aí logo mais.

A odontologia, na atualidade, especialmente na região do meio oeste cada vez mais passou a ser um reduto das mulheres. O curso de odontologia da Unoesc de Joaçaba é uma amostra desta realidade. Há mais mulheres do que homens preparando-se para a odontologia. A doutora Halina bem pode ser um modelo de sucesso para todas as nossas mulheres dentistas, do passado e do presente.



FIG. 15. Dr. Adgar e Dra. Halina. Fotografia tirada em 29 de julho de 2005.

4. Tangará (SC)

Seguimos nossa pesquisa ao longo do Rio do Peixe. A montante de Videira e subindo a montanha vamos encontrar o município de Tangará. O nome lembra pássaro, natureza, vinho, muito trabalho, italianos, riqueza. E por lá vamos encontrar o doutor **Ary Killing**. No relato da autuação de seu pai o senhor João Killing traçou o seguinte perfil em entrevista concedida na residência da doutora Maria Gabriela.

Entrevista com Sr. João Killing, filho do Dr. Ari Killing, cirurgião-dentista de Tangará. Realizada em 17/04/05, na residência de Maria Gabriela e Edgard Michel Crosato.

Chegaram em 1900. Ele com minha avó eram os fundadores da cidade (de Tangará); o vô era cartorário, tabelião, e a profissão final dele foi dentista, prático. No começo ele tinha a caneta de baixa rotação, pedalava para operar, ele fazia extração de dente com boticão, e também trabalhava com ouro. Ele tinha lâminas, fazia o dente, e meu pai acabou seguindo essa profissão; eu tenho o registro prático do vô, eu tenho a carteira de dentista do pai.

O pai era dentista, formado em Florianópolis, na Federal. Ele trabalhou 35 anos de profissão no Sindicato Rural de Tangará; atendeu o pessoal do interior, até a década de 50.

Todas as cidades do Meio-Oeste se desenvolveram em função da estrada de ferro; o consultório dele era junto da estação férrea, onde atendia o pessoal. Ele é contemporâneo do pai do Dr Aluar.

Geralmente dentista em cidade do interior faz o papel de conselheiro matrimonial então eles faziam de tudo, o pai saía de madrugada para atender; ele extraía os dentes, aí formava-se o coágulo, a primeira coisa que ele fazia era furar; então ele chegava todo ensangüentado; várias vezes eu saí com ele. Nenhum dos dois filhos seguiu a carreira. Ele trabalhou só em Tangará.

Depois que se formou, ele fez 2 cursos, que eu me lembre: um era aplicação de flúor em Florianópolis, e outro de Odontologia Preventiva. Na época, a odontologia era mais rudimentar, diferente de hoje, a gente vê que os dentistas ensinam a escovar. Na época em que o pai trabalhava começou a utilização dos aparelhos, naquela época só tinha dentadura; aliás, quem fazia a dentadura era um protético de Joaçaba, tirava-se o molde com gesso, era uma moldeira de ferro, colocava-se gesso, punha na boca, ficava segurando, tirava e fazia a dentadura. A moldeira de lata tem um gosto pavoroso. Naquela época, não existia bisturi descartável, eles afiavam; eles tinham uma pedra com dois lados, um lado mais grosso e outro mais fino, e ela tinha uma angulação para afiar o bisturi. Na realizada, na época, muita gente procurava para fazer dente de ouro, inclusive o meu vô fez bastante disso.

Nós tínhamos um cidadão em Tangará, que depois foi assassinado, que matou 2 ou 3, 4, enfim era um bandido contumaz, e o pai atendeu ele de madrugada, e ele sentou na cadeira e pediu licença para tirar o revólver. E o revólver dele tinha um monte de marcas, e ele estava explicando para nós que cada marca era um assassinato que ele tinha feito. Depois ele tomou um tiro de escopeta na cabeça.

Teve uma paciente que desmaiou na cadeira e a gente teve que acordá-la com sais aromáticos, não lembro bem, era alguma coisa que tem cheiro forte; aí ela acordou e o marido ficou junto e veio imediatamente para saber o que o dentista tinha feito com a mulher dele. Outro caso pitoresco que me lembro era de uma paciente que fazia 20 anos que não tirava a chapa da boca; quando ela tirou, o pai já tinha um certo hábito, tiveram que sair do consultório e pedir para ele colocar a chapa direto no álcool porque o cheiro era terrível, parecia limo de poço.

Meu pai morou em Florianópolis, foi mais uma imposição do meu avô, porque o meu avô era dentista prático, e ele queria que ele seguisse a carreira; ele viajava de trem, vinha a cada 6 meses; não era bem a opção dele, foi mais por imposição do avô. Ele terminou a faculdade e voltou para trabalhar; trabalhou um ano e pouco em Canoas-RS, perto da Grande Porto Alegre, depois ele voltou para Tangará e de lá nunca mais saiu.

Em geral, ele trabalhou sozinho, mas tinha também alguém para fazer a instrumentação para ele.

Meu pai na época fazia autópsia também; ele e o médico de Tangará faziam autópsia, pois não tinha quem fizesse. Em Tangará tem outros também: o Ari mais ou menos contemporâneo do meu pai; Waldemor que meu pai trouxe para Tangará para trabalhar com ele; logo depois veio um casal para Tangará.

Meu avô deixou para meu pai uma coleção de anatomia, em alemão.

Ele atendia na maioria, agricultores, uma média de 30 pacientes por dia; no final de semana, ele realizava atendimento de emergência.

Ele sempre atendia quem o procurava, atendia de madrugada, não cobrava nada, sempre atendia, independente da condição econômica; ele tinha um caderno em que anotava as cobranças, mas nem sempre pagavam. Na época, não existia competição, não existia um custo de vida tão alto. Dava para viver.

A esta entrevista o senhor João Killing ofereceu alguns materiais de seus familiares para serem fotografados e nos permitiu incluir no acervo desta publicação.



FIGs. 16 e 17. Dispositivos para confecção de coroas estampadas, utilizados pelo Dr. Killing.

5. Campos Novos (SC)

Solicitamos ao doutor **Maury Sens** que assumisse a responsabilidade de registrar em depoimento o Campos Novos de sua chegada ao Meio Oeste, a evolução de seu trabalho e estado atual da Odontologia no Celeiro de grãos do Estado de Santa Catarina. O Maury foi muito além do que esperávamos. Acabou traçando um perfil, evolutivo da Odontologia catarinense e brasileira enfocando a década de setenta que foi definitiva para o salto de qualidade que vivemos hoje na profissão.

Particularmente convivi com o doutor Maury nos anos setenta. Estivemos juntos em Congressos importantes, especialmente no Rio de Janeiro quando adquirimos os primeiros aparelhos Nuva-Lite, então lançados no Brasil e entramos em contacto com a tecnologia das resinas compostas foto-ativadas. O Maury é um inquieto. Um clínico com quilometragem apreciável. Um ortodontista de respeito. Vamos acompanhá-lo pelos campos abertos de Campos Novos nas suas próprias palavras:

Material enviado por e-mail pelo Dr. Mauri Marcos Sens, ao Dr. Adgar, em 10 de julho de 2005.

Em uma breve retrospectiva, era Campos Novos em 1854, distrito de Lages, situação essa que perdurou até 1869 quando, com a emancipação de Curitiba, Campos Novos passou a integrar o novo município até à sua própria emancipação em 1881.

Na década de 1930, Campos Novos era integrado, pelos hoje municípios de Caçador, Videira, Tangará, Capinzal, Piratuba, Herval do Oeste, Rio das Antas e Erval Velho, sendo, nos idos de 1940, um dos mais populosos municípios do Estado, época

também em que o município era servido pela estrada de ferro São Paulo/Rio Grande do Sul.

Localizado no meio-oeste de Santa Catarina, as principais fontes de economia do município eram, quando então, a extração de madeira e a pecuária. Conta-se que nos anos 60 existiam mais de 220 serrarias, sendo que por volta de 1970 os distritos eram bastante populosos, devido à extração de madeira.

Em 1972, a agricultura crescia consideravelmente, predominando as culturas de milho e de trigo.

Detendo a segunda maior área territorial do Estado, Campos Novos tinha como distritos os atuais municípios de Monte Carlo, Vargem, Abdon Batista, Ibiã, Zortéa e Brunópolis.

Em vias de me graduar no Curso de Odontologia, pela Universidade Federal de Santa Catarina, procurei indicativos de um bom lugar para iniciar minhas atividades profissionais, tomando conhecimento, então, através do IBGE, que Campos Novos contava com uma população de 43.000 habitantes e, pelo CRO, que no município atuavam apenas dois Cirurgiões Dentistas. Animado por esses dados, em outubro de 1971, dois meses antes de me formar, fui conhecer essa cidade, hospedando-me, então, no Ceni Palace Hotel, um hotel novo, instalado bem no centro, defronte à praça Lauro Muller, cartão postal de Campos Novos. Avistava-se de um lado da praça, a Prefeitura Municipal, com uma arquitetura de 1919 e, de outro, a lanchonete Almanara, projetada e equipada dentro dos padrões mais modernos das grandes cidades. Aos fundos, a Igreja Matriz e o Salão Paroquial. Encantei-me e resolvi ali ficar, não só pelo que vi, mas considerando também a localização topográfica da cidade, o aspecto do seu centro e o incentivo de colegas dos tempos do Colégio Diocesano de Lages, que por ali encontrei. Assim, aluguei uma sala na galeria do Hotel Ceni e, em dezembro de 1971, montei um moderno equipo, financiando-o em 18 meses, com Raio X Siemens e mais tudo o que se preconizava uma Odontologia de ponta.

E, em 11 de janeiro de 1972, me estabeleci profissionalmente em Campos Novos, passando e exercer ali as atividades de Dentista.

Ao deparar-me com meus primeiros pacientes em 1972, me veio à lembrança a lição inicial dada pelo professor Miroslau, aos calouros de Odontologia. Dizia ele: “aqui nós não obturamos, nós restauramos”. E isso porque, constatei, em muitos de meus novos pacientes quase só obturações, o que indicava que anatomia dental praticamente não existia em Campos Novos. Claro é que as obturações não eram feitas por Cirurgiões Dentistas, mas por práticos, esses bastante comuns na época. Tanto que, só no centro da cidade, quatro práticos exerciam atividades odontológicas.

Antes de me instalar na cidade, visitei os dois Dentistas que ali trabalhavam, sendo que um deles, Dr. Victor Thibes Neto, tratou-me, não como um concorrente e sim como um novo colega, que vinha para somar. Profissional respeitado e de uma ética a ser seguida por qualquer profissional.

Tempos depois, fui procurado por fiscais do CRO, pedindo que denunciasse os práticos, por exercício ilegal na profissão. Recusei-me a assim proceder, por entender que esses práticos, na verdade, tinham mais direitos do que eu, porque ali chegaram primeiro, estando estabelecidos e aceitos pela sociedade. Em outros dizeres: no meu entender, tinham eles “direitos adquiridos”.

Procurando sempre utilizar o melhor material na dentística restauradora, muitas vezes fui enganado pelos fabricantes. Em 1972 o material que se pretendia fosse o melhor na estética e resistência era o TD-71. Esse material consistia de duas cápsulas, de pós diferentes, cápsulas essas que, ao se unirem com o líquido catalisador, formavam uma pasta, que sobre um preparo cavitário, daria uma estética bastante boa. Embora, seguindo os princípios preconizados na época, fazendo uso da fita de poliéster para reduzir a porosidade, etc, após um ano a cor da restauração já não era a mesma. Foi um desastre! Perdi muito bons clientes assim.

Surgiu depois ou talvez paralelamente, a resina Adaptic, com uma resistência bastante boa e fornecendo uma boa estética, mas apresentando contrações volumétricas e propiciando, com isso, infiltrações nos limites esmalte/resina.

O amálgama, esse sim, é material totalmente confiável. Material centenário que é, com o fracasso de tantas resinas compostas, foi se expandindo mais e mais no mercado, o que levou a uma alta bastante significativa de preços, a ponto de pensar eu em fabricá-lo. Imbuído desse propósito, passei a estudar um pouco de metalurgia e, com o auxílio de um Engenheiro Metalúrgico, produzi algumas amostras de amálgama, com o sonho de produção em grande escala, não passando, entretanto, da fase de amostras. É' que o processo para a usinagem da prata era muito caro, o que me levou a desistir do projeto de produção iniciado.

No ano em que iniciei minhas atividades profissionais, estava se exaurindo o ouro coesivo, considerado o melhor material restaurador existente, mas que já estava em vias de se esgotar. Usei esse material em algumas restaurações, das quais considero as melhores feitas na minha vida profissional, graças a excelência do produto. Entretanto, tal material era de difícil obtenção no mercado. O ouro coesivo, para os profissionais que com ele não trabalharam, tinha o tipo esponja, apresentado em tabletes e que, uma vez calcadas na cavidade de um dente, compactava-se em uma união perfeita. As propriedades do ouro são indiscutíveis, porque é um metal cujas resiliência e

ductibilidade são excelentes, além das propriedades oligodinâmicas e de menor coeficiente de expansão.

Nos primeiros anos, fazia minhas próprias próteses, fundidas em ouro. Núcleos, coroas e incrustações metálicas fundidas eram as mais freqüentes. A centrífuga era o que chamávamos de baldinho, isto é um cabo com uma haste era levado a um pêndulo, até o anel com revestimento, que, boleando, formava a centrífuga, após a fase de fusão do ouro. Mais tarde, adquiri uma centrífuga moderna, agora com o cadinho antecedendo o anel de fundição.

O inconveniente da época era o expressivo número de pacientes com prótese total e a grande procura por extrações. Uma certa paciente pediu-me para extrair os dez (10) dentes restantes na sua arcada superior, porque eu havia colocado, em uma vizinha sua, uma dentadura, que ficara muito bonita. Recusei-me a fazer as extrações pretendidas, esclarecendo à cliente que recursos melhores existiam para solucionar o problema, como, por exemplo, o uso de uma prótese removível. Perdi a paciente...

Os perfis estéticos dos pacientes nos anos 70 diferiam totalmente dos atuais, pois, por falta de opções, eles apresentavam-se feios. A ortodontia era coisa rara no Estado e a cirurgia ortognática, caso indicasse, causava medo ao paciente.

Certa ocasião, ao pretender melhorar o perfil de uma jovem de 26 anos, com severa Classe III, mordida cruzada anterior e posterior, bilateral, não encontrei muitas opções. O caso era cirúrgico; prognata com mais de 10mm, com as condições financeiras da paciente não sendo, entretanto, boas a ponto de poder ela se submeter a esse tipo de intervenção. Ocorreu-me então, que, como a paciente não era possuidora dos molares superiores e tinha uma altura facial baixa, com uma distância da comissura labial/asa do nariz acima da média, apresentavam-se condições de tentar-se, pelo menos, uma solução alternativa, porém plausível. Providenciei, então, uma sobre-dentadura, ou seja, uma dentadura artificial em cima da natural, agora com a oclusão normal, descruzando os elementos e projetando seus lábios, num perfil harmonioso, dentro dos padrões de beleza. A paciente, no meu conceito, simplesmente ficou bela. No entanto, foi mais uma tentativa frustrante, pois a paciente não gostou, não levou e eu fiquei no prejuízo.

Mais tarde, ao surgirem os selantes e os ataques ácidos sobre os esmaltes dentários, resinas compostas aderindo nas superfícies, sem quase nenhum preparo cavitário, iniciei as próteses adesivas, principalmente em dentes anteriores. Foi um grande avanço na Odontologia. Dois anos mais tarde, num congresso em São Paulo, um dos palestrantes apresentou a mesma prótese como sendo uma novidade. Se fora

novidade desconheço, mas se tratava realmente de novidade, Campos Novos teria sido, então, o precursor nesse campo.

Em 1973, preocupado com a fraca estética nas próteses fixas dos dentes anteriores, devido à união pilar/pôntico, deixando perceber-se que se tratava mesmo de uma ponte, resolvi fazer um curso em São Paulo, sobre implantes agulhados Scialom. Nessa técnica, implantavam-se três agulhas, formando um tripé no ápice, paralelizando-as na base, para formar a coroa. Utilizei esse método em inúmeros implantes, sempre com o intuito de recuperar a estética, descartando os pacientes contra-indicados, assim entendidos aqueles que não tinham suporte ósseo necessário à estabilidade do implante. Agindo dessa forma, experimentei raros fracassos, fracassos esses dos quais assumo a culpa.

Na tentativa de querer recuperar a estética de uma jovem que, sem os incisivos centrais, tinha perdido também a cortical vestibular, errei em fazer dois implantes, porquanto pequeno era o diâmetro vestibulo/palatal. Passado um ano, removi esses implantes e, buscando investigar as razões do desacerto havido, submeti a exame as seis(6) agulhas de tântalo, metal usado em implantes na época, em microscópio eletrônico de varredura, no Centro de Pesquisa de Energia Elétrica (CEPEL), no Rio de Janeiro. Ao receber os resultados, passei a acreditar ainda mais nos implantes, porque as conclusões indicavam que 43% das superfícies das agulhas do implante estavam impregnadas de cálcio. Quando do curso antes referido, o professor havia acentuado que, no implante agulhado, não ocorria união tântalo/osso, formando-se, isso sim, um tecido conjuntivo fibroso entre os dois elementos. Com isso, concretizou-se o meu entendimento de que os implantes, mesmo de Tântalo, provocavam uma anquilose osso/implante.

Em 1974, com o advento dos implantes tridimensionais e laminados usei este recurso nos dentes posteriores, principalmente quando obrigatória se fazia a extração de um dente, cuja raiz era irrecuperável.

Gostaria de frisar que, naquela época, a educação ou conscientização dos valores de uma raiz dentária era pouca, com a maioria dos pacientes querendo extraí-la.

Na tentativa de motivar a valorização dos dentes, aceitei instalar e trabalhar algumas horas no gabinete dentário do Sindicato Rural de Campos Novos. Levava eu o instrumental de endodontia, uma auxiliar e aí recuperava os dentes dos usuários. Tratou-se, contudo, de mais uma tentativa frustrante, porque, após ser salvo o elemento dentário, com a repleção endodôntica concluída, os pacientes diziam: doutor o dente não dói mais, mas eu sei que, mais cedo ou mais tarde, ele vai incomodar, então o senhor extraí de uma vez. Trabalhei dois meses em tal clínica e desisti diante de tamanha

ignorância, prometendo a mim mesmo jamais trabalhar para entidade alguma. Assim poderia, dali em diante, fazer o que minha consciência ditasse, recusando-me a aceitar trabalhos que contrariassem os princípios que aprendi na Universidade.

No ano de 1975, precisando eu de mais recursos técnicos para a utilização em pacientes, para os quais não eram indicados implantes agulhados, principalmente na ausência dos incisivos superiores e da cortical óssea vestibular desses elementos, fui a São Paulo a procura de silicone para implantar na região anterior superior, já que o perfil e a linha do sorriso estavam prejudicados. Obtive, na própria fábrica, um estojo com silicone, que de macio não tinha nada. A rigidez do silicone e a provável ausência de gengiva inserida provocaram o insucesso, com a perda, após um ano, do implante.

Na mesma época, ainda foram feitas algumas transfixações ou implantes endodônticos, estes sendo introduzidos pelo canal radicular e além do ápice, de agulhas de tântalo, nos casos de perda de tecido de suporte, nos problemas periodontais de reabsorções ósseas severas.

Certos pacientes taxaram-me de anti-extracionista e alguns maldosos propagavam que eu não fazia extrações por não sabê-las fazer.

Antes do advento do computador, catalogava minhas fichas clínicas, numerando-as de 0 a 25, na ordem alfabética, de 0 a 12, pelo mês do nascimento e de 0 em diante pelo número de ordem.

Em uma certa ocasião um paciente, recém-casado, tornado rico em razão da herança proveniente do casamento, procurou-me para fazer o tratamento de sua esposa em uma única sessão. Os dentes estavam bem danificados e a paciente ainda tinha pavor de dentista. Resolveu-se fazer com anestesia geral. Dr. Clinton Ko-Freitag, médico anestesista, fez então o entubamento em minha clínica e durante 5 horas restaurei todos os dentes, graças ao advento da lâmpada ultravioleta, Nuva-Lite, que recuperava coroas de até uma só face. Esta lâmpada, Nuva-Lite, com os materiais Nuva-fil e Nuva-seal foram adquiridos no Rio de Janeiro em 1975, juntamente com o Cavitron, ultra-som para remover cálculos dentários.

Em 1985, no Congresso de Odontologia em Florianópolis, apresentei alguns de meus implantes, no intuito de consagrar esse recurso como aceitável dentro da ciência odontológica.

Naqueles idos, muitos protesistas não aceitavam os implantes como recurso e resistiam a esta inovação do mercado odontológico. No entanto, após observarem meus implantes, com sucesso de até doze (12) anos, alguns me procuraram para maiores esclarecimentos.

Apresentei também um implante, confeccionado com fio retangular 0,025 x 0,028 polegadas de cobalto-cromo-níquel-molibidênio, implantado com duas alças em hélice, uma em cada alvéolo, de um segundo molar inferior, implante esse que se prestou a suportar uma ponte fixa. Denominei-o de Implante Sens e, nos casos de extração seguidos de implante, utilizava normalmente o mesmo recurso.

Muitos foram os erros que cometi em odontologia e a prótese me serviu para melhor observá-los. Quando fazia as próteses removíveis, na falta de elementos posteriores, ressaltava nítido que as forças oclusais provocavam, às vezes, um deslocamento posterior dos dentes de apoio, nas próteses de extremidade livre. Recomendava, assim, proceder à troca da base de acrílico com os dentes posteriores, de 05 em 05 anos, devido à reabsorção do rebordo alveolar. Assim, por questão de economia, a haste metálica permanecia, procedendo-se a troca, somente, da base acrílica de extremidade livre, ocorrendo, com isso, as distribuições das forças oclusais e não havendo a criação de diastemas.

Graças ao advento dos ataches de precisão, pude melhor sanar os problemas relacionados às próteses de extremidade livre, porque não se podia depender da conscientização do paciente quanto à necessidade de trocar as bases acrílicas nos tempos preconizados. Feitas as próteses removíveis com ataches, havia a distribuição das forças oclusais na mesial do dente de apoio e a redução do grampo em torno do dente, o que levava à melhoria da estética.

A clientela foi gradativamente aumentando, à medida que as novas técnicas foram se aprimorando, o que conferia mais eficácia aos tratamentos desenvolvidos; visando esse aprimoramento, tive comigo, dentro da clínica o protético Walter Ribeiro de Mattos, ex-aluno e colaborador de Vilmar de Oliveira, na época o melhor protético de Joaçaba. As provas em cera das peças fundidas faziam com que não mais se precisasse repetir o trabalho por falta de adaptação e as metalo-cerâmicas nos asseguravam qualidade e estética, porque o paciente nos ajudava a escolher e finalizar a cor, dando-se assim o toque final, pintando-se a porcelana na boca e ajustando-se a oclusão, antes do glase. E, antes que a peça protética de porcelana fosse levada ao forno, preocupava-me com o bisel, assegurando-me que não iria fazer degrau com a gengiva. Assim desgastava-o no colo, formando um bisel tipo fio de navalha.

As vantagens de se ter um protético exclusivo, além das já mencionadas, abrangem a rapidez na entrega dos serviços, principalmente quando se trata de paciente de município distante e que precisava permanecer na cidade até que o trabalho ficasse concluído. Em certa ocasião tive que fazer 32 coroas em metalo-cerâmica num paciente, cujo problema era amelogenese imperfeita em todos os dentes.

A troca de idéias com o protético Walter Ribeiro de Mattos, repercutiu positivamente na melhora dos meus préstimos odontológicos, sendo louvável, e por isso sou sempre grato, ao capricho e à eficiência profissional do aludido protético. E ao abandonar eu a prótese, para me dedicar exclusivamente à ortodontia, Walter Ribeiro de Mattos abandonou a profissão, transferindo-se de Campos Novos, com o que a odontologia local perdeu um profissional de reconhecida excelência.

Em 1987, após três anos de estudo, terminei minha pós-graduação em Ortodontia pela Universidade Federal do Paraná. Foi a primeira turma formada em Curitiba, já que, até então, as especializações em Ortodontia eram feitas apenas em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto-Alegre.

Precedentemente, com mais precisão em 1984, necessitando eu da cefalometria para o diagnóstico e plano de tratamento, adquiri um aparelho de Raio X panorâmico, aparelho esse precursor em todo o Oeste e Centro-Oeste de Santa Catarina, pois nem as maiores cidades da região – Lages, Joaçaba e Chapecó - contavam com esse aparelho. Ainda hoje, alguns não adotaram o uso de tal recurso. No entanto, uma imagem panorâmica é relativamente barata, custando tanto quanto três (3) radiografias periapicais, mas propiciando uma visualização cinco (5) vezes maiores, fornecendo assim, laudos e diagnósticos mais amplos.

Em 1988 deixei a clínica geral, para dedicar-me exclusivamente à ortodontia, sendo que, atualmente, em minha clínica, tenho registrado em CD aproximadamente três mil pacientes de ortodontia, com documentações pré e pós-tratamento.

Essa documentação clínica está à amostra, com radiografias, modelos e fotografias, com os tratamentos respectivos, podendo ser verificados desde 11 de janeiro de 1972, ou seja, desde o paciente inicial. Os modelos estão colocados todos em gavetas, catalogados e numerados, porque a história profissional, mesmo com os erros, jamais pode ser esquecida. É' da observância dos erros que nascem e se aprimoram os acertos.

De outra banda, especializei-me em radiologia em 1999, passando a dividir meu tempo profissional entre duas especialidades: Ortodontia e Radiologia.

Praticamente todas as especialidades da Odontologia estão agora representadas, aqui em Campos Novos, através do número de Cirurgiões Dentistas, que atinge mais de 30, oportunizando aos usuários, uma odontologia de qualidade, digna e disputada e que, em termos de competência e de realizações, nada fica a dever aos centros mais evoluídos.

E concomitantemente, com o crescimento de sua odontologia, a própria Campos Novos cresceu, assumindo a posição de maior produtor de soja e também de milho do Estado; e quem a conhece pode apreciar seus vastos campos cobertos pelo ouro

verde. Suas terras, pela topografia, são totalmente mecanizáveis e a colheita é armazenada, salvo alguns grandes produtores, em duas grandes cooperativas.

Agradeço muito a este povo que me acolheu, dando-me oportunidade de crescimento profissional e ajudando-me na orientação educacional de meus filhos.

Hoje tenho esta terra como minha, porque aqui criei raízes nestes 34 anos de labuta. Embora meu tempo esteja hoje dividido entre Campos Novos e Florianópolis, é em Campos Novos que me sinto verdadeiramente em casa e onde o viver me é mais completo, pois aqui é que tive oportunidade de fazer história e de sentir a história, incluindo a minha integração a várias entidades sociais e à agremiação política, cultivando amigos e lançando raízes. Campos Novos marcou indelevelmente a minha vida e dela faço parte.

6. Erval Velho(SC)

ERVAL VELHO, 2 de abril de 2005.

Um dia chuvoso de abril de 2005. Professor Adgar, sua esposa Neusa, Professor Michel e sua esposa Maria Gabriela se encontram na Churrascaria do Gringo para almoçar, discutir e preparar o modelo piloto de entrevista para a coleta de informações para o resgate histórico da Odontologia no Meio Oeste. É um sábado.

Quatorze horas. Casa de madeira, impecavelmente limpa. Fomos recebidos pelo Senhor **Hercílio Pirovano** (72 anos) e sua esposa (66 anos), D. Edi. Conversa ao redor da mesa da cozinha, local acolhedor; sofá, TV, CDs, além das instalações da cozinha, diversos quadros de flores, muitos vasos de flores artificiais, inúmeros retratos com fotos da família. São quatro filhos, seis netos, e uma bisneta a caminho. Dos quatro filhos, dois vivem em Erval Velho, um em Jaraguá do Sul, um em Paranaguá (PR). Todos eles terminaram o colégio, e nenhum deles possui grau universitário. O caçula (18 anos mais novo que os outros) é aluno de curso seqüencial, na UNOESC Joaçaba.

Hercílio vai ser o nosso modelo e a nossa homenagem à pré-história da Odontologia do Meio Oeste. A entrevista que seguirá tem o sabor e detalhes do improvisado de um bate papo de pessoas que sempre se respeitaram e se quiseram bem.

Hercílio. Então seu doutor – referindo-se ao professor Adgar, até que enfim parou de ganhar dinheiro e veio ver os amigos? Pois é a gente, eu com a Edite sempre falamos de você. Te ouvimos no rádio, metendo o pau nos políticos e tal. Agora com a faculdade, não tem tempo mesmo, né?

Adgar. – Pois é. Você sabe, a vida é dura. Dentista tem que trabalhar! (*uma breve pausa meio constrangida vai esquentando o papo. As mulheres falam em paralelo sobre coisas triviais; o professor Michel aguarda interessado...*)

Hercílio. Me desculpe, p’ra você acho que nunca ensinei nada. Não tenho muito que conta. Teve um outro dentista filho de um compadre meu de Capinzal que também trabalhou aqui comigo faz bastante tempo. Começou que nem você. Logo que se formou. (*O Hercílio é um língua solta e bom de papo*). Me chamava de doutor Hercílio. A gente até atendia junto. Teve um caso que era para arrancar um siso. Aí acho que ele ficou com medo, não anestesiou. Era um dente do siso, então vamos arrancar o dente do siso. “Mas você não anestesiou?”; ele disse, “Não, acho que vou deixar você fazer.”

Adgar. Eh, você é que não sabe. Mas eu aprendi umas boas contigo. Eu me formei no dia 19 de dezembro de 1965. Vim de Curitiba, viajei, e no dia 21, que era segunda-feira, eu vim aqui; comecei a trabalhar com ele (*dirigindo para os demais*). Não tinha luz, apagava a luz, não tinha nada, era motor de pedal. Foi aqui que eu coloquei meu primeiro molar dentro do seio maxilar. (risos) O paciente era meu amigo, colega de escola. Aí eu não sabia usar a alavanca, muito bem, né, eu em vez de pegar no lado, peguei no meio. Foi meu primeiro acidente grave (risos). Aí eu peguei aluguei um carro e levei pra Joaçaba pra tirar o dente do seio.

Hercílio. Ele (Dr. Adgar) vinha aqui de noitezinha ou as seis horas da manhã ele chegava e às 6 horas da tarde ele ia embora, de ônibus.

Adgar. Eu só comprei carro depois de casado, 4-5 anos depois. Mas, enfim, para mim foi uma experiência muito boa, porque aqui tinha paciente, que faziam fila, era muita gente. Tinha pra mim, tinha pra ele; eu lembro que uma vez eu trouxe uma bolsa, um saco de chapa, dentadura, de ponte móvel ... então era assim, ninguém fazia, o Hercílio era o único.

Hercílio. A gente era protético, muita dentadura eu fazia. Eu fazia dentadura para o Adgar.

Adgar. Que idade você tinha quando começou no consultório?

Hercílio. 19 anos.

Adgar. Tava na roça e foi fazer a ...

Hercílio. Eu fui servir e quando voltei, falei, “pai, acho que na roça, vai ser brabo!” Então o pai disse assim: “Então você fala com o seu Penso (Marco Penso)” Cheguei lá ele pediu 10 milhões, naquele tempo; paguei, e fiquei 13 meses lá trabalhando com ele. Depois então que eu saí.

Adgar. Você deve ter conhecido o Luiz Vieceli, Vicente Vieceli. O Luís, ele aprendeu aqui para baixo, com o Marco Penso; aprendeu, fez período de prática, e ele montou o

gabinete lá em Água Doce, ele formou uns 10; formou o Vicente, formou o Adão. O Adão está na fase de 45 anos, em Catanduvas; daí formou uma menina, acho que foi a primeira mulher da região era uma sobrinha dele, e aquilo foi proliferando, Daí o Luiz novamente foi para Água Doce, e continuou, formou mais um monte de gente.

Hercílio. Eu sabia de um outro um tal de Pimpão. Muito brabo. Morava em Erval Velho e tinha muita encrenca. Ele colocava uma espingarda de charrete, ele tinha medo de assalto, ele tava com aquela espingarda e pregava-lhe fogo, em qualquer coisa que se mechesse.

Adgar. Esse cabra trabalhou em Joaçaba, era médico, dentista, e arrancava dente.

Hercílio. Esse Pimpão era dentista prático. A mulher faz pouco tempo que morreu em Capinzal. Fazia qualquer serviço. Na época não tinha protético, né?

Adgar. Eu me lembro que a gente fervia a chapa (polimerizava as dentaduras) no fogão da dona Edí. A panela de feijão de um lado, e as chapas do outro. (risos!)

Hercílio. Esse Pimpão, não era dentista muito caprichoso, mas tinha serviço. Nós fizemos muito, muito serviço. Naquela época eu trabalhava no Maragata e no Monte Alegre. Ia a cavalo. Depois meu compadre me emprestou uma moto. Então eu pegava a moto e no tempo de chuva eu também ia à cavalo. Agora, o que eu trabalhei, atendia o pessoal até de noite, então eu sempre fiz assim: enquanto Deus me ajudasse e eu pudesse trabalhar de dentista, eu nunca vou cobrar um curativo, e nunca cobrei. A gente levantava às 2, 3 horas da madrugada, não tinha posto de saúde, e nunca cobrei um curativo; não tinha hora. Se Deus me ajudava e eu poderia trabalhar, porque não tinha estudo, né?

Adgar. Nesse tempo todo, 50 anos de serviço, várias vezes, “os caras” (fiscais da Vigilância Sanitária) te incomodaram, né?

Hercílio. Sim. E quem me deu uma mão sempre foi você. Isso daqui era os fiscais que vinham aqui (apresenta cartões de rifas). Eu comprava rifa, aí “você pode trabalhar.” Era a propina.

(mostra rifa sem data, que ele comprava) (risos) .



FIG. 18. Compra de rifas que eram “vendidas” pelos fiscais da Vigilância Sanitária, a título de contribuição para poder continuar trabalhando sem licença.

Adgar. Isso é história real, você teve 50 anos (de trabalho) e seu serviço tem de ser reconhecido. Quantas pessoas você prejudicou? Nenhuma, né. Quantas pessoas você salvou da dor?

Hercílio. Tanto os dentistas práticos quanto as parteiras. Trabalhar tantos e tantos anos e em vez de vir uma palavra boa, me intimavam.

Gabriela. E a população precisando tanto de atendimento, não é?

D. Edi. (a esposa). A primeira vez que eles chegaram aqui, ele tava trabalhando com a porta fechada, aí eles perguntaram: “o dentista está aí?”, eu não conhecia eles, eu disse: “tá, é só bater ali na porta...” (risos!)

Adgar. Entregou ele! Queria ficar viúva! (risos). Veja como é que eu agi; eu fui delegado do CRO. Na época em que você estava trabalhando, o Brasil fechou aqueles convênios, e o “cara” vinha da Bolívia, do Paraguai, do Peru, para estudar, e ao invés de estudar e voltar, eles ficavam por aí, ocupando espaço dos outros; se o cara que tá aqui não pode viver, não pode trabalhar, e vai deixar os outros malandros trabalhando? Eu sempre dei atenção para você, pro Paulo Penso, aquele senhor de Herval D’Oeste, o falecido Busnello; cansei de quebrar galho para ele, ele quebrava queixo, ele se achava! Fazia cirurgia e tudo; aí quando ele se apertava, ele me telefonava, e a gente ia lá dar uma mão pra ele, na época a gente não dava conta, e as pessoas que vinham para eu tratar. Não dava para você deixar aí a gente fez uma espécie de parceria a gente sempre atendeu sem acusar, não é acobertar, é resolver o problema.

Hercílio. A gente favorecia aquele pobrezinho, porque o pobre mal e mal tem o dinheirinho... eu nunca deixei de arrancar um dente porque não tem dinheiro, não deixava de atender. Nunca perguntei se podia pagar.

Hercílio. É porque naquela época, quando se forma não é fácil, porque aqui tinha a Bulla (Luciane), então muita coisa ela não sabia. Agora estava fazendo um curso de protético, e ela veio aqui, e nós começamos a conversar: como montava dentadura, “eu vou te explicar, não sei se você vai entender. Quando for montar a dentadura, monta uma, a superior, e depois, você monta todos os dentes, aí faz um rolete de cera, e faz a mordida, e aí monta a inferior.” Ela disse: “Monta a primeira, faz a prova... agora vou falar pro professor.” (risos!)

Adgar. Quando saí da faculdade, tinha feito um pivô moldado e fundido, eu nunca tinha visto pino de estoque, e aí fui aprender aqui. Ele ficou 13 meses praticando com Paulo Penso e eu fiquei aqui. Mas eu acho que sempre foi isso; a tônica das pessoas que venceram, é a humildade. Esse ano eu faço 40 anos de profissão, e estou fazendo curso, estou operando em Florianópolis com o Professor Nazareno, aprendendo, sempre tem coisa nova. O Nazareno foi meu aluno, o Rafael Manfro foi meu cliente e meu aluno, eles disseram: “Adgar, o que você está fazendo aqui?” “Estou aqui, né?”

Tem as pessoas que não se acertam com ninguém. Não adianta, pode fazer com quem quiser, não se acerta. Você se lembra que tinha uma fábrica em Corupá. Iam de trem.

Hercílio. Tinha. Então chegavam lá, e em uma hora saíam com a dentadura. Eu não sei se faziam uma parte a frio, porque ele montava a dentadura, e montava os dentes em cima – meio torto; isso era a frio, então ele ia esquentando, e quando firmava tudo, dava uma queimadinha na coroa, então endurece já.

Adgar. Eu me lembro de uma paciente que, não importava quem fizesse, ela não usava chapa. Aí, levaram ela, não sei quem levou, foi lá (em Curupá), fez a chapa, fez as duas, mas eu nunca vi uma coisa tão ruim, tão feia, mas a mulher usava a prótese. Não sei se porque ela viajou, e pagou (risos!). Era minha tia, irmã do pai, não teve jeito, não se acostumava, aí ela foi lá e fez.

Hercílio. A mulher é mais caprichosa. Se cuida.

Adgar. Vinha gente do Brasil inteiro. Vinha de trem, a Porto União; era perto de São Bento do Sul.

Gabriela. E era uma pessoa só que fazia?

Hercílio. Era uma equipe de bastante gente, ele fazia um precinho baratinho. Aqui tem um também que faz ligeiro, precisa ver, eu quando vejo e o cliente mostra, não precisa nem dizer quem fez, vem com a marca. Tem muita coisa que a gente fica com vergonha.

Adgar. Tinha um sujeito em Joaçaba (Massucato) ele tinha um bar, uma lanchonete, perto da ponte de Herval. Ele tinha então o gabinete embaixo e ele fazia a dentadura e antes de pensar, ele escrevia as iniciais L.M. (Leuclides Massucato) então vinha a dentadura escrito LM. Por dentro do molde. Porque quando você vaza o acrílico, força

aquelas letras ao contrário. Marca registrada. E um dia eu vi escrito na boca do paciente, LM!! (risos!). A gente encontra muita coisa por aí, não são só os práticos, os formados também.

Hercílio. Esse Massucato aprendeu com o Marco Penso. Eles brigaram lá em Capinzal e trouxeram o Dr. Waldemar Barea. *(Nota dos autores: os dois práticos se desentenderam e um trouxe o dentista formado para se instalar na praça de Capinzal. O tal de Marco Penso era, na verdade uma Faculdade de Odontologia clandestina. A maioria dos práticos da região aprenderam com ele. E ele cobrava caro para ensinar a arte. Coisa de dez contos de réis.)* Acabou indo embora para o Rio de Janeiro. Um dos formados pelo Marco Penso depois veio trabalhar em Erval Velho. Acabou me atrapalhando. Chamei ele e disse: “mas daqui a pouco nós não vamos mais conseguir trabalhar, tem muito formado, então por quê você não vai aprender como protético?” Eu disse: “To falando isso para teu bem. Era um piá. Daí veio o pai dele, disse que ele estava preso, e me perguntou o que fazer, dizendo que alguns disseram para deixar preso. Eu disse: “Bom, é teu filho, se você não defender teu filho, quem é que vai defender?”, daí eu emprestei 200 contos para tirar o filho da cadeia. Voltou aqui, e pediu minha opinião. Foi fazer curso em Florianópolis, daí foi para Curitiba *(Esta história é verídica. O dentista prático a que o Hercílio se refere, é hoje um dos maiores protéticos brasileiros. Toda a família está envolvida com prótese no Laboratório Calgaro. O mesmo conselho ele recebeu de mim, que nesta época exercia o cargo de delegado do CRO-SC)*

Adgar. Hoje eles têm um laboratório com 100 funcionários, exportam para a Itália, pra Califórnia; eu trabalho praticamente só com eles; levou a família para morar lá. O irmão mais novo trabalha na Federal (Universidade Federal do Paraná), é titular de prótese, tem curso de especialização, faz implante, é o Dirceu. O ceramista dele é francês, onde tem gente boa ele vai buscar.

Aconteceu um acidente terrível; no fim de ano, ele tava acampado, ele gosta de pescar, ele tava só de calção, de repente pegou fogo numa das barracas próximas, e a mulher começou a gritar. Aí ele correu para ajudar; ele quase morreu, queimou um terço do corpo.

Hercílio. Ele sempre dizia que, muita coisa não teria acontecido se eu tivesse dito pro pai dele deixá-lo na cadeia; eu emprestei o dinheiro, e ele teve que vender dois lotes em Cascavel, para me pagar. O Mariano, pai do Calgaro, é muito certo, né.

(pausa para fotos, Neusa tira algumas, Gabriela, outras)

Hercílio. Na época ele trabalhava na praça Tiradentes, perto da catedral. Eu sempre ia pra Curitiba, tinha um filho lá, eu ia visitar ele. E ele vem aqui também, e sempre passam aqui em casa.

Adgar. . O Bito estava lá na Bahia, eles têm uma filial na Bahia, um laboratório maior que o de Curitiba. Mas o Joel é aquilo mesmo que você falou, eu acabei falando também; eu era delegado do CRO, e falei pro Joel, pra ele ir embora. “Não fique por aí, porque cada vez “os caras- fiscais da vigilância- vão te fazer correr mais”. Os mais novos acabaram saindo.

Hercílio. Falei pro mais novo, não adianta você ficar.

D. Edi. Sábado nós fizemos aniversário de casamento, mas não falamos pra ninguém. Pra falar bem a verdade, nem ele (o Hercílio) não lembrava; daí o filho que mora em Jaraguá ligou, minha nora passou na rua e escutou, e avisou na Igreja, e mandou avisar na missa; na hora da benção o padre casou nós de novo. Eu toda de preto. (risos). Depois de 18 anos nasceu o filho mais novo.

Hercílio. No começo, eu não tinha condições, e agora eu podia ter filho. Então ele está fazendo faculdade. Sempre quis que os filhos estudassem. Fossem dentista certo, legal. Mas não quiseram. Só o que eu queria seria isso aí; aí eu poderia morrer feliz; seria uma graça, né? Estou com 72 anos.

Adgar. Tá inteiro, veio! (risos) Já com mais de 50 gabinete atrás da porta?

Gabriela. O que foi mudando ao longo do tempo, com relação a quem procurava o senhor?

Hercílio. Que nem, sempre teve serviço. Sempre, sempre. Eu atendia bem, senão não voltavam mais. Sempre trabalhei, trabalhei a vida toda sempre com bastante serviço. Às vezes começava de manhã, ia até à noite, sempre com serviço. Mesmo com a entrada do serviço público, nunca diminuiu. Os formados no posto vão lá só para pegar prática. Eles começam a trabalhar, vou falar a verdade, né, então o que é que você vai fazer, você vai lá, começa a aprender a fazer canal, e anestesia, e vai metendo a broca; quando chega lá, eles dizem: “ah, mas eu não trato de canal.”

(Senhora Edi se preocupa com a gravação, Adgar intervém, encorajando a continuidade das declarações)

Hercílio. Nos postos é assim; então, um dia a pessoa foi arrancar o dente; quebrou o dente. Aí diz que não estava muito bom, aí tomava água e saía pelo nariz.

Adgar. Foi isso que eu fiz com o Otto, lembra! (risos!)

Hercílio. Ela tinha força, e acho que tirou o osso. O rombo ficou mais ou menos assim (e mostrou); daí tinha outro dente do lado, queria arrancar, mas ele disse que primeiro

ele ia falar com o Hercílio. Quando ele chegou aqui, eu mandei falar com você. Não vou fazer. Eu telefono para o dr Adgar e você vai lá. O paciente disse: “Então não vou arrancar mais.” Aí fiz uma ponte, uma ponte móvel. Ficou um dente só, e quatro na frente; levou 90 dias, toda segunda feira, vinha fazer curativo. Então teve três casos aqui, assim. Tem muita coisa barra pesada.

Adgar. Mais fabricante de problema do que resolvem. Eles vêm fresquinhos da escola, não sabem muita coisa. O problema é esse, sem orientação, não é fácil.

Hercílio. Você sabe mais que qualquer um; no começo, não é fácil.

Adgar. Daqui de Erval Velho tem a July, agora,. Aluna nossa, vai se formar em breve.

Hercílio. Essa estudou com muita dificuldade.

Adgar. Na quinta fase, ela ia sair, eles venderam carro, aí eu consegui ajudar, ela paga metade, recebe uma bolsa, para poder terminar o curso. O pai abandonou.

Hercílio. Ela é muito bacana, uma mocinha muito boa. Uma época, eu trabalhava no Monte Alegre, quando tinha dente que estragava, a pessoa pedia para fazer dentadura. Porque não tinha condição de sair de lá a cavalo, uma mulher por exemplo; então eu ia lá e tirava 40, 50 dentes por dia. Eles nunca cuidaram, chegava lá era só pedaço de dente, não sei como é que aquela gente vivia. Daí era arrancar dente, e nunca mais incomoda.

Adgar. Tem alguma coisa que você se lembra, algo estranho, gozado. Para mim aconteceu uma vez que a moça ia casar; no nosso tempo, a noiva contratava o casamento, a noiva levava alguma coisa, no fazer o acerto; aí um entrava com o cobertor, outro com enxoval; aí chegou um pessoal lá, que no fazer o acerto do casamento, o noivo exigiu que ela tivesse a chapa. Depois de casado, para ele não ter despesa. Não aconteceu nada parecido?

Hercílio. Vou falar de eu. Eu tinha uns 17 anos e namorava uma guria, e ela arrancou os dentes. Cheguei lá no domingo, vi ela sem dente, e falei “não te quero mais!” (risos!) Aconteceu comigo (não quis citar nomes!)

Adgar. Aí já ia ser muito complicado. Já que vai casar, então arranca os dentes. Aí já ia ter filho, aí ficava muito complicado. Já venha pronta!

Hercílio. Tinha a serralha; tudo empregado. Eles não tinham condição de tratar os dentes. A maioria dos dentistas práticos não tratava o dente. Mandava em outro.

Gabriela. O senhor já recebeu algum pedido diferente, para fazer alguma coisa que não era comum?

Hercílio. A maioria quer saber a cor, antes. Dente de ouro. Tem os discos, tem as formas do século XX e tenho a prensa. Uma vez veio o Joel, com um dentista de Curitiba juntando tudo o que é coisa antiga. Eu dei coisas para ele. Tinha um estampador

pequeno. Fazia boca com até 12 dentes de ouro. Fazia a fundição, porque não existia protético aqui.

Adgar. Eu fiz um tratamento para o Senhor José Bulla. Ele tinha tudo, de ouro, tinha feito com o Santo Gris; mas aquele foi há 40, 50 anos. Como era feito: o dente não era desgastado, conservava o dente, ele fazia as coroas totais, soldava umas barras de platinóides, aí soldava e fazia o dente só com acrílico, que na época era bom. O trabalho, o artesanato para fazer aquilo. Noites e noites para fazer.

Hercílio. Uma vez eu fui no Rio de Janeiro comprar dente. Tenho um punhado aí. Fui na fábrica Ouro Rio. O preço era barato e comprei uma caixa de dente, ainda tenho uma parte guardada aí. Porque era difícil até comprar dente. O Zukovski vendia alguma coisa; (*Casa Dental Cruzeiro, a mais antiga da região*) senão por aí não tinha. Às vezes ia a Curitiba, comprava em Curitiba. Era difícil de comprar as coisas. Às vezes ficava uma bolhazinha na dentadura, e foi o velho Zukovski que me ensinou; tinham que sovar muito na mão, o massa de acrílico antes de montar a parte vermelha da dentadura, passar um pouquinho óleo de máquina para não grudar, daí sovado, não dá uma falha. Então foi o velho, tudo com as mãos calejadas pai do Udo. Então o velho e o Udo eles viajavam, então eles passavam aqui, vendiam material aqui, iam a Videira, Caçador, faziam a volta e vinham pra cá. O primeiro consultório que comprei, comprei dele. Ele me vendeu por 14 contos de réis. O velho sabia de tudo o que era manobra para preparar um acrílico, ele sabia.

Adgar. Quando eu cheguei na região fiz várias coisas com a fábrica dele. Porque quando eu comecei a trabalhar, o Zukovski fazia o modelo, desgastava um pouquinho com o disco, mas vinha aquela coroa que dava vontade de colocar no dedo. (risos).

Hercílio. Eu me lembro quando era uma ponte grande, tudo à base do pé, não tinha luz. Desgastar aquilo lá, quando você fazia o dente de porcelana, conforme esquentava muito, trincava o dente. Tinha que repetir tudo o serviço lá porque quebrava o dente. Depois veio o acrílico, e a gente fazia só contraplacado de ouro, e fazia ela de acrílico, então não tinha problema. Eu trabalhei muito tempo!

Adgar. Coisa que tu achou engraçada, que tu te lembra.

Hercílio. Nós aplicamos anestesia diferente de vocês, então é muito difícil de dar problema. Tem a sulfá, quando nós tinha medo de alguma coisa, nós preparava massa de sulfá e colocava com algodão, e metia no buraco do dente, e segurava uns 10 minutos. Uma vez me deu uma hemorragia. Um rapazinho do Monte Alegre, ele era doente, tinha um toquinho de dente assim pequeno, não precisava nem de anestesia; tirei o dente. Porque ele (o rapaz) era amarelo; porque veio junto com a irmã, e a irmã, em vez de me falar! Quando nós estava almoçando, ele bateu lá; sangue pra todo lado, era um

pedacinho assim, não precisava nem anestesia. Peguei ele e levei para o Dr Baretta (Jomentino); quanto mais mexia, mais sangue. Aí levei no Dr Miguel (Hospital do Miguel Russowsky), ele disse que não pode arrancar dente dos homens (hemofílico). Ele aplicou remédio, levei pra casa. Depois de 8 dias, aconteceu de novo. Com o irmão dele, fomos direto no Dr Miguel; foi a única vez que me deu hemorragia. Só deu naquele rapaz. Nos outros irmãos, não.

Adgar. Essas são coisas a que o dentista se expõe. Se cada vez que você for tirar o dente, você pedir um hemograma, você mata o freguês!

Hercílio. Ele nem sabia que era!

Adgar. Esses pacientes vivem pouco, normalmente morrem de hemorragia muito cedo.

Hercílio. Falei com o irmão dele, ele disse “meu irmão ainda está vivo.Foi umas duas vezes fazer transfusão.”

Adgar. Praticamente muda todo o sangue para poder continuar.

Hercílio. O Doutor Miguel foi lá e já aplicou sangue. O Baretta se viu louco também! Eu nunca tinha visto uma coisa igual.

Adgar. Morrer assim na cadeira, nunca te aconteceu... Ataque...

Hercílio. Não, desmaiar, sim. Uma vez eu estava atendendo um menino; veio a família inteira junto; a nona Zezé também. Ela trouxe o neto. Estava toda a família ali na frente. E daí eu tava com a porta fechada. E o piá, sabe quando enxerga uma agulha, e chorou, e não é que a mulher foi abrir a porta para entrar lá dentro do gabinete, e caiu dura e morreu. A mãe do Nilson Bess , a dona Zezé.

Adgar. Ela é madrinha da Aidé, minha irmã.

D. Edi. Ela caiu, primeiro ela começou a se bater, e babava com sangue, aí falaram para levar ela para a cama, que ela desmaiou. Não é desmaio, levem para o médico.

Hercílio. Tava os dois filhos, e a nora. O piá disse: “A bisavó vai morrer...” Perguntaram: “por quê?”; “porque ela se mijou.”

D. Edi. Quando chegaram no hospital ela já estava morta.

Adgar. Que cagaço ! Você deve ter um santo bom...

Hercílio. Rezo para Santa Apolônia. E tem a santa lá, acho que tem uns 50 anos... eu gostaria que voltasse aqueles tempos para ver tudo de novo, e sabendo alguma coisa, né?

Michel. Queria que o senhor contasse algumas histórias quando ele (apontou para o professor Adgar) começou aqui.

Hercílio. Pode falar?

Adgar. Pode!

Hercílio. Ele levou alguns “xingão”, também! (risos!) Ele veio aqui, começou a tirar uma medida, pra mulher do Zezinho.A mulher vomitava e xingava que era muita massa.

Não é fácil, aí ele disse “Hercílio, vá você tirar a medida lá.” Daí ele me fez eu ir, tirar a medida da chapa, ela xingava, era braba.

Adgar. Você põe a quantia que é pra pôr, né.

Hercílio. Você põe um pouco a mais, sempre.

Adgar. Eu me lembro de uma passagem, não sei se a D Edi (esposa do Hercílio) lembra, quase não tinha luz. Quando não chovia, não tinha. Eu nunca conseguia trabalhar com o tal de motor de pé, porque eu não tinha coordenação; ou eu pedalava com o pé, ou eu usava a broca. Eu tava fazendo um molar, tava angustiado, e chamei pra ela tocar o motor, e eu dizia “ligeiro, mais força!” (risos!) Mas eu precisava fazer uma odontoseção, um molar complicado, baixíssima rotação! Se você apertar um pouquinho, ele falha. Essas coisas aconteceram.

Hercílio. As brocas cortavam bem porque “ponhava” broca nova, melhor que alta rotação, mas cortava muito bem.

Adgar. Aquela alta rotação que eu comprei tu tem ainda, ou vendeu? Lembra que depois eu vendi pra você. Tinha o compressor, o gabinetezinho e o alta rotação.

Hercílio. Aquele eu tenho. Tá ali no porão. Daí eu comprei um novo, de Capinzal; trabalhou aqui, do Guilherme, ele é bom. Então eu comprei o consultório dele.

Adgar. Nesse gabinete, ficava assim: o paciente sentado, e o compressor do lado. (risos!)

Hercílio. Tenho um, que depois então quando veio a luz, nós começamos com um motor 110, hoje tá segurando uma flor. (risos!) Tem o braço, e tem uma correiazinha.

Michel foi ao gabinete tirar algumas fotos. O scanner não funcionou. Em confiança, alguns documentos foram cedidos para cópia fora dali.

Café, bolachas caseiras, salame e queijo para finalizar agradável tarde chuvosa.

DECLARAÇÃO

EU, HERCÍLIO PIROVANO, BRASILEIRO, CASADO, APOSENTADO, RESIDENTE E DOMICILIADO A RUA MAJOR S. BITTENCOURT, 105, ERVAL VELHO, SANTA CATARINA, DECLARO PARA OS DEVIDOS FINS QUE CEDI EM COMODATO UMA SALA COMERCIAL E UM GABINETE DENTÁRIO DE MINHA PROPRIEDADE PARA O DR. ADGAR ZEFERINO BITTENCOURT, BRASILEIRO, CASADO, CIRURGIÃO DENTISTA, RESIDENTE E DOMICILIADO EM JOAÇABA, SANTA CATARINA.

DECLARO AINDA, QUE ESTA CESSÃO EM COMODATO TEVE INÍCIO EM JANEIRO DE 1966 E PROLONGOU-SE ATÉ JULHO DE 1967, PERÍODO NO QUAL O REFERIDO DR. ADGAR ZEFERINO BITTENCOURT, EXECUTOU ATENDIMENTO ODONTOLÓGICO COMO AUTÔNOMO, NO HORÁRIO COMERCIAL, NAS INSTALAÇÕES DE MINHA PROPRIEDADE SITUADAS À RUA SETE DE SETEMBRO, 293, EM ERVAL VELHO, SANTA CATARINA.

ERVAL VELHO, 30 DE MARÇO DE 1991

HERCÍLIO PIROVANO- RG.

TESTEMUNHA

TESTEMUNHA

FIG. 19. Cessão, em comodato, ao Dr. Adgar Z. Bittencourt, das instalações odontológicas presentes na propriedade do Dr. Hercílio Pirovano.



FIGs. 20 e 21. Equipamentos que eram utilizados nos atendimentos do Sr. Hercilio Pirovano.



FIG. 22. Dr. Adgar, Sr. Hercílio Pirovano e D. Edi, em 02 de abril de 2005.



FIG. 23. Dr. Adgar, Sr. Hercílio Pirovano, D. Edi, Profa. Maria Gabriela e Prof. Michel, em 02 de abril de 2005.

7. Catanduvas / Joaçaba (SC)

De dentista prático a doutor em cirurgia buco-maxilo-facial. Assim são os filhos do oeste desta Santa Catarina. O doutor **Aldo Pazzo**, na verdade nunca saiu da região. Sua contribuição última e indelével fica por conta de uma estreita colaboração na montagem e execução do projeto pedagógico do Curso de Odontologia da Unoesc-Joaçaba. Vamos acompanhar a trajetória desta estrela cadente da Odontologia do Meio Oeste.

Entrevista realizada com Prof. Dr. Aldo Pazzo, em 25/07/05, nas dependências do consultório do Dr Adgar Bittencourt.

Meus pais tinham zelo pela escolaridade dos filhos, onde comecei freqüentar aulas em torno dos sete anos de idade. Frequentava uma escola multisseriada, longe da casa, residia há aproximadamente a uma distância de quatro quilômetros. A escola chamava-se de Escola Estadual Santa Terezinha de Linha Tigre. Ali cursei Cartilha e 1º ano primário. Depois com o fluxo maior de moradores na região, meu pai cedeu um terreno para construir uma outra escola também multisseriada, próxima a nossa residência e ali cursei o 2º e 3º ano primário, que era a escolaridade máxima lecionada nesta escola que tinha o nome de Escola Municipal Linha Alto Tigre. No ano seguinte fui matriculado e passei a frequentar o 4º ano primário na Escola Estadual Julieta Lentz Puerta de Nova Petrópolis, na sede do então Distrito de Nova Petrópolis Município de Joaçaba. Ficando longe da residência 8 Km. Fazia o trajeto de ida e volta diariamente a cavalo, com a idade entre os 12 a 13 anos. Na época era a graduação máxima do Distrito.

Eu era o menino mais velho da família, passei a ser o primeiro ajudante do meu pai. Trabalhávamos com a agricultura relativamente rudimentar de porte médio para a época, e fazia-se necessária à mão de obra para o trabalho. Isto foi até os vinte e dois

anos de idade. Mas não me sentia realizado com isso. Percebia uma certa decadência da agricultura, essa agricultura não mecanizada, naquela época não havia máquinas agrícolas e poucas técnicas, percebendo-se que não era esse o futuro das pessoas da minha idade. Inclusive era assunto de discussão entre nossos grupos de jovens, sobre o futuro, questionando invés de uma agricultura decadente sem perspectivas, não seria melhor ser mecânico, relojoeiro, alfaiate, comerciante e cada um discutia a sua profissão preferida e eu sempre quis ser dentista não sabendo o porque. Ser Dentista naquela época era aprender uma profissão, era trabalhar um tempo com um indivíduo que era dentista e aprender a odontologia apenas como prático, independente do grau de escolaridade. Esse aprendizado dependia da capacidade de aprender procedimentos odontológicos práticos, sem fundamentos de base de formação científica, também não havia na sociedade da época informações que para exercer a profissão da odontologia era necessário ter primeiro e segundo grau completo e cursar um curso superior. Na época o dentista e o barbeiro ambos usavam avental branco para o trabalho e não havia grandes diferenças. Infelizmente ainda hoje existem regiões assim, porém em menor número. Hoje as Universidades estão formando profissionais de todas as áreas, fazendo com que o grau de cultura vagarosamente vá atingindo as camadas da sociedade brasileira.

Havia um dentista que atendia em Nova Petrópolis, o Senhor Vicente Viecelli. Fui manter contato com ele e combinamos que eu ficaria trabalhando com ele um determinado tempo, ele me ensinaria ser dentista. Foram pagos alguns honorários, não recordo quanto. Mas foi pago pela “Faculdade de Odontologia de Nova Petrópolis”.

Nesta época, eu estava com 22 anos de idade, ainda solteiro, trabalhei um tempo em torno de um ano a um ano e meio. Este dentista era líder político, e foi eleito Vereador do Município de Joaçaba, depois assumiu a função de Intendente do Distrito de Nova Petrópolis, isto no ano de 1965, neste período, assumi o consultório dele, e lá fiquei trabalhando um bom tempo. Depois houve a eleição seguinte para prefeito de Joaçaba, vencendo o partido oposto ao dele. Entregou o cargo de Intendente e voltou trabalhar mais no consultório. A partir de então, começou a sobrar “mão de obra” no consultório. Atendíamos Nova Petrópolis, que era uma pequena vila e passamos a atender Catanduvas e Vargem Bonita, deslocando-nos para estas localidades pequenas, em dias certos por semana. “Fazíamos atendimentos extra muros.”

Com o retorno do meu chefe ao consultório, comecei pensar em minha independência de atendimento profissional. Fiz uma viagem ao Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná, com a finalidade de ver um lugar para poder instalar-me e que poderia exercer o meu trabalho. Alguns lugares eram pequenos, outros eram grandes

demais e já haviam dentistas formados trabalhando lá, pois durante o período em que eu estava trabalhando com o Sr. Vicente Viecelli, houve algumas complicações em relação ao exercício da odontologia por práticos, não tendo muita clareza nas complicações. Ficamos um determinado tempo sem poder prestar os atendimentos, isto por complicações legais. Passado um período de tempo, retornamos a atender novamente sem problemas. Diante da situação, que enfrentamos, eu desejava instalar-me em local onde não houvesse dentista formado prestando atendimento.

Estive vendo vários lugares e entre esses lugares, Ponte Serrada foi o local que eu e meu chefe decidimos que seria um bom lugar para me instalar como dentista. Ele se colocou a disposição dizendo-me: “Podes ir para lá que eu te dou todo o apoio”.

Nessa época em Joaçaba, existiam vários profissionais formados: Dr Adgar Bittencourt, Dr Hermano, Dr Altair Moro “Tile”, o Dr Nilson Zunkowski em Luzerna. Também havia o dentista Schneider prático licenciado, que alimentava a esperança dos dentistas práticos em relação à legalidade dos mesmos.

Fui para Ponte Serrada em 1966, passei a prestar atendimento como dentista prático, com o meu trabalho comecei a me destacar na comunidade e região. Desenvolvia as atividades dentro dos ensinamentos que eu tinha recebido como dentista prático, sem muita técnica, com pouco conhecimento científico, às vezes dando certo e outras vezes não, ficando a interrogação: por quê não deu certo? Sempre me questionando que algo mais tinha que buscar. Só isso não era o suficiente.

Em Ponte Serrada houve alguns boatos que viria um dentista formado de Curitiba. Em seguida ele esteve lá explorando o lugar para instalar-se, hospedou-se no mesmo hotel que eu estava. Começamos a conversar, o dentista formado, “boa gente” falou-me:

- Eu não vou vir para cá, o lugar é muito bom, mas é muito no interior. Realmente ele foi embora e não retornou.

Tempos depois, surgiu outro dentista formado que queria ficar trabalhando em Ponte Serrada. Chegou e disse-me: - Vou trabalhar aqui, vou usar os meus direitos.

Recebi uma correspondência do Conselho Regional de Odontologia- SC, já na época, um conselho organizado, condenando o exercício da odontologia por práticos.

Diante da situação dirigi-me ao Dr Adgar Bittencourt para buscar conselhos e orientações, por ser Ele, filho de amigos de meus pais, sendo ele também o meu ídolo. Dr Adgar era formado, com boa respeitabilidade na cidade de Joaçaba. Foi claro e direto nas orientações dizendo: Tu és jovem rapaz, está solteiro ainda. Tenho duas sugestões para te dar: Se tu queres ser dentista, vai ter que estudar, preparar-se e fazer a faculdade de Odontologia. Não tem outra saída. Caso contrário, tem outros meios de vida, monte

uma loja, trabalhe com táxi, sei lá eu, qualquer outra coisa para que tu não fiques um elemento isolado da sociedade. Porque desse jeito, até agora nós sabemos que tu estás em Ponte Serrada e ninguém está interessado na tua região. Mas a partir do momento em que alguém vai desejar ocupar aquela região, o Conselho Regional de Odontologia vai ter que tomar as suas atitudes. Eu vou ter que ficar do lado deles, sem dúvida. Enquanto ninguém disser nada, da nossa parte não existe problema.

Se tu saíres de Ponte Serrada e vais para outro lugar, interior do interior, começa tudo de novo, amanhã ou depois vai aparecer outro formado lá e tu vais ser renegado novamente, terá que procurar outro lugar mais no interior ainda.

Considerarei muito, as orientações recebidas, inclusive recorde-me até o jeito como o Dr. Adgar disse essas palavras, palavras ditas, com toda a sinceridade. Continuou dizendo se o dentista formado for para Ponte Serrada, sugiro-te não criar problemas contra ele. Como abaixo assinados, ou gerar atritos com ele ou instigar atritos da sociedade com ele.

Dr. Adgar que era representante da sub-região do Conselho Regional de Odontologia de Santa Catarina disse-me: Se ele não for para lá, podes ficar por enquanto. Nós vamos ignorar isso. Caso ele confirmar a ida para lá, tu sairás para outro lugar.

Em trinta dias mais ou menos, tu voltas aqui e eu vou saber se ele vai para Ponte Serrada ou não. Não abandones os teus trabalhos que estão em andamento, vai concluindo-os e deixa tudo certo sem pendências.

Em trinta dias eu voltei a falar com o Dr Adgar. O dentista formado havia confirmado a ida para lá.

Dr. Adgar aconselhou-me que eu devia concluir os trabalhos iniciados e procurar deixar tudo organizado para que a minha imagem não ficasse desgastada e também não ficasse um clima ruim para o Dentista formado que estava chegando.

Com vinte cinco anos de idade e sempre com vontade de fazer um curso superior, percebia que dentista prático não era o caminho mais acertado a ser percorrido. Associado a informações obtidas que a última licença para que um dentista prático pudesse atuar legalmente, havia sido emitida em 1937 e depois disso não mais. Havia inclusive um movimento para formar um sindicato dos dentistas práticos do Brasil, para pressionar o Congresso Nacional com a finalidade de legalizar os mesmos, mas o movimento não tinha uma organização sólida para ser aceita.

Sugeri a chefia do movimento que fosse dado uma oportunidade com um prazo determinado, para que os dentistas práticos buscassem a instrução equivalente ao Ensino Médio, para posterior a isto poder cursar a faculdade de Odontologia em regime especial

no recesso dos cursos regulares, embora exigisse um tempo diferente para concluir o curso atendendo os requisitos mínimos exigidos pelo MEC, podendo neste mesmo período exercer a função de dentista com o compromisso de estar matriculado realizando o curso em regime especial. Na ocasião a minha idéia não repercutiu e não foi aceita.

Diante da minha situação em Ponte Serrada. Com as sugestões obtidas pelo Dr. Adgar e pela cobrança do Conselho Regional de Odontologia – SC e incerteza do futuro da profissão dos dentistas práticos, decidi tomando a decisão de me instalar em um lugar onde pudesse trabalhar e estudar, seguindo um caminho mais longo e demorado, mas mais seguro.

Mudei-me para Eral Velho-SC, que era uma cidade pequena e naquela época, não era atendida por dentistas formados, ficando próximo à cidade de Joaçaba, que poderia estudar a noite. Casei-me e então eu e minha Senhora Aurora Terezinha com o mesmo grau de escolaridade, fizemos o exame de admissão ao ginásio no Colégio Comercial Joaçabense – CNEC, da cidade de Joaçaba. Passamos a freqüentar aulas no turno da noite da primeira série ginásial, que corresponde hoje a 5ª série do Ensino Fundamental. No ano seguinte, fiz a segunda série do Ginásio freqüentado e paralelo as freqüências das séries ginásiais prestei exames de madureza ginásial através da Escola Técnica Federal de Santa Catarina. Eliminando todas as Disciplinas equivalentes ao curso ginásial, ganhando com isto, dois anos de tempo, equivalente a 3ª e 4ª série do ginásio freqüentado. Com a minha aprovação nos exames de madureza ginásial, o próprio colégio CNEC, fez a minha matrícula no primeiro ano de contabilidade do curso do segundo grau. (Isto no ano de 1971. Neste mesmo ano nasceu do casal o primeiro filho).

Como havia iniciado um ano antes, o curso científico no Colégio Cristo Rei, também de Joaçaba, que naquele ano passou a funcionar no turno da noite. Solicitei minha transferência para o Colégio Cristo Rei. Com a finalidade da preparação para o vestibular para Odontologia. Ali freqüentei os três anos do Ensino Médio (Científico) e paralelo à freqüência, realizei exames de madureza de segundo grau, (hoje Exames Supletivo do Ensino Médio) através da Escola Técnica Federal de Santa Catarina. Fui eliminando as Disciplinas. As últimas aprovadas coincidiram com o término da 3ª série do Ensino Médio (Científico) freqüentado. Isto ocorreu, em fins do ano de 1974. Eu estava com 31 anos de idade.

Em 05 de janeiro de 1975, na Universidade Federal de Santa Catarina, prestei meu primeiro vestibular para a faculdade de Odontologia. Queria muito entrar nessa Universidade, porque tinha um irmão cursando Engenharia Elétrica lá. Sendo o primeiro vestibular prestado por mim. O desejo era muito grande de passar, o pouco preparo eu

não consegui ser aprovado. Lembro-me muito bem. Foi época de enchentes, na véspera do vestibular choveu muito durante a noite e alguns vestibulandos ficaram ilhados na região de Florianópolis e impossibilitados de conseguir chegar até o campus da Universidade para prestar o vestibular. Era período da Ditadura Militar. Foram mobilizados helicópteros do Exército para transportá-los até o Campus da Trindade. Isto contribuiu com minha tensão psíquica sentindo-me pequeno e frágil, como pessoa simples do interior e com pouco preparo, competindo com alguém de estrutura desta natureza.

Havia feito um planejamento de realizar todos os vestibulares possíveis para Odontologia, do Paraná para o Sul, até conseguir minha aprovação.

O próximo vestibular foi em Passo Fundo, também em 20 de janeiro de 1975. Com mais tranquilidade, por ser o segundo vestibular prestado por mim, consegui minha aprovação entre as trinta e cinco vagas, para Odontologia, oferecidas pela Universidade de Passo Fundo.

Em primeiro de março de 1975, iniciei o curso de Odontologia na Universidade de Passo Fundo.

O consultório ficou em Erval Velho, inclusive recolhemos toda a mobília da casa em duas peças do consultório, e alugamos o restante da casa. Casa simples, que foi vendida mais tarde.

A minha senhora e meu filho ficaram na casa de meus pais, e da mãe dela. Combinamos com a esposa e o filho que assim que desse, voltaria para buscá-los. Fui a Passo Fundo para começar a freqüentar aulas, parei em uma pensão. Ao mesmo tempo, nos intervalos das aulas, comecei a procurar um lugar para morar, com minha esposa e meu filho, com menores gastos financeiros possíveis, porque meus recursos disponíveis eram poucos. Os rendimentos e reservas comparados aos gastos da faculdade e sobrevivência com a família, mais ou menos alcançariam até a metade da faculdade. O restante do curso era uma incógnita. Na família de meus pais, que era de oito irmãos, havia cinco irmãos fazendo curso superior na mesma época, quase todos trabalhando e estudando ao mesmo tempo, os pais nos incentivavam mas os recursos também não eram tão grandes.

No início tive algumas dificuldades de adaptação em sincronizar-me com o curso, as matérias básicas iniciais pareciam-me distante da minha realidade, por exemplo, as disciplinas de Histologia, Microbiologia, Anatomia Geral e Sociologia, ao iniciante parecem matérias que não tem haver com dentes ou com a Odontologia. São disciplinas extremamente importantes para a base do curso de Odontologia, mas ainda no primeiro semestre consegui superar estas dificuldades. Logo o curso passou a ficar

importante, quando começou vir às respostas dos questionamentos que às vezes dava certo, e outras vezes errado “os por quês?” As respostas estavam nas matérias iniciais relacionadas aos ensinamentos básicos cientificamente estruturados.

A área biomédica sempre me fascinou. Sou muito curioso. Há uma altura do curso, faleceu um dentista prático licenciado, (com licença anterior a 1937) ele era bem idoso, chamava-se Alfredo Heitelwein, em um distrito de Passo Fundo denominado de Ernestina, que fica a 35 Km, de distância da cidade de Passo Fundo, rumo a Porto Alegre via o município de Soledade. Um viajante que nos vendia material odontológico da PRODERIL Ltda, nos tempos de Ponte Serrada, depois em Erval Velho, e ainda vendia o instrumental para nós alunos da faculdade, ele me conhecia muito bem e disse-me: “Para o lugar onde faleceu o dentista é bom para você, vai lá assuma a vaga e trabalhe”. Antes de ver a vaga de Ernestina, sondei extra-oficialmente, qual seria a conduta da faculdade em relação a um seu aluno em final de curso estar trabalhando. As informações que obtive extra-oficialmente; na primeira vez dariam gancho (suspensão das aulas por algumas semanas), em caso de reincidência seria expulso da faculdade. Com a possibilidade do gancho me satisfiz. Pensei, posso arriscar, não posso é ser expulso. Não posso correr este risco.

Fui conferir a possibilidade da vaga em Ernestina, que resultou no acerto com a minha ida para lá, durante férias de final de ano, que culminou com a minha permanência em Ernestina por um bom tempo, inclusive residindo com a família. Durante este tempo veio do casal o segundo filho.

No curso de Odontologia sempre levei “muito a sério”, era a minha prioridade, fiz um bom curso e dentro da instituição não houve graves problemas.

Em relação ao meu trabalho atendia praticamente em finais de semana. Assim consegui sobreviver economicamente e concluir minha faculdade.

A Faculdade de Odontologia cursada foi um bom curso, mas não me realizou totalmente, despertou-me para novos horizontes do saber, restavam lacunas em determinadas áreas de meu interesse e havia um grande desejo de algo mais. Quem sabe de uma pós-graduação.

No final da faculdade coincidiu com abertura de inscrições para o concurso de especialização em Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial na Pontifícia Universidade Católica – PUC, do Rio Grande do Sul em Porto Alegre. Uma Universidade idônea, um curso de bom conceito. Inscrevi-me, fui fazer o concurso, tive o privilégio de passar e conseguir uma das vagas disponíveis em uma conceituada universidade do país.

Porém em Joaçaba, eu tinha um lugar já previsto para trabalhar. Meu Pai foi um dos fundadores do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Região de Joaçaba e também na organização da Cooperativa Rural que, acredito ser hoje, a COOPERIO. Aquelas entidades prestavam assistência odontológica a seus associados. Em visitas realizadas a meus familiares em Joaçaba, durante o curso de graduação, fazia contato com os dirigentes dessas entidades. Eles me diziam: Conclua o curso de Odontologia que nossa entidade faz questão de colocar gente de origem da agricultura para prestação de assistência aos nossos associados. O Dr. Adgar trabalhou um bom tempo nesse sindicato, depois o Dr. Nilson Germano Zunkowski. Na época que me formei o Dr. Nilson foi eleito Deputado Estadual deixando a vaga para se transferir à Florianópolis. A vaga foi aberta. A cidade que eu queria era Joaçaba, por ser a minha região e ali estava o meu povo.

Diante da situação fiquei dividido. A cidade que eu queria me abre uma vaga para o trabalho, e ao mesmo tempo, sou aprovado no concurso para cirurgia que também era meu sonho. Pensei bem e lembrei-me de que o gaúcho tem um ditado que diz: “Cavalo encilhado não passa duas vezes. Quando passa, monte nele”. Foi o que fiz.

Fui a Porto Alegre na PUC cursar Especialização em Cirurgia Buco-Maxilo-Facial. Bom curso, funcionava em quintas-feiras a noite, sextas-feiras e sábado o dia todo. Uma semana sim e uma semana não, inteira de plantão dia e noite nos Hospitais da PUC, e Hospital Independência. Algumas coisas eram também realizadas em outros Hospitais de Porto Alegre.

O curso coordenado pelo professor João Ephrain Wagner, cuja disciplina que lecionava era Traumatologia. Outras disciplinas ficavam a cargo de outros professores da Odontologia e da Medicina. O curso de especialização com uma carga horária de 1274 h/a. Passou rapidamente porque o envolvimento do aluno era intenso, não se tinha tempo ocioso. Trabalhava-se em equipe rotativas. Cada equipe com suas tarefas, horas na área de exames e diagnósticos dos pacientes, horas em cirurgias e horas em visitas, acompanhamentos e prescrição à pacientes hospitalizados. Os plantonistas absorviam as urgências em cada hospital.

Minha família permaneceu morando em Ernestina, a 300 km de Porto Alegre. Passava ônibus de linha direta Passo Fundo a Porto Alegre, que me facilitou, para nos intervalos de folga do curso, fazer meus atendimentos em Ernestina. A maioria deles, em sábados à noite e aos domingos. O pastor celebrava o culto para os evangélicos, o padre rezava a missa para os católicos, e eu atendia meus pacientes.

Com isto consegui sobrevivência econômica no meu curso e para minha família também.

Ao terminar o curso de especialização, que naquela época, era um bom curso. No nosso país, não existia Doutorado, estava começando em algumas instituições universitárias se mobilizarem para criar cursos de Mestrado naquela área.

O leque de oportunidades abriu-se, fiz curso com um professor da Universidade Federal do Paraná, prof. Sílvio Barras, (hoje falecido) me fez convite para ir à Curitiba e trabalharmos juntos. A cidade que eu queria era Joaçaba. Sondei, falei com Dr. Aluar, Dr. Adgar, e percebi que a região não era bem estruturada para a sobrevivência da especialidade. Eu ficaria isolado inicialmente de outras especialidades, principalmente nas especialidades médicas, das quais dependeria bastante e eram raras naquela época. A longo prazo, poderia ser bom.

A Universidade de Passo Fundo, me fez um convite, endossado pelo Reitor da época, Dr. Bruno Markus, que mais ou menos conhecia minha história. O Reitor era cunhado do presidente da República da época General Geisel. Foi-me colocado: “Se você quiser ficar em Passo Fundo a universidade necessita de professores com pós-graduação e vai abrir vaga nessa especialidade”.

Preferi decidir por Passo Fundo. Entrei na Universidade de Passo Fundo em março de 1980, na disciplina de Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial. Instalei consultório na cidade de Passo Fundo. Comecei atender no Hospital São Vicente de Paulo, fazendo parte do corpo clínico daquele importante hospital. Atendendo também em outros hospitais da cidade de Passo Fundo. O consultório de Ernestina foi mantido por um bom tempo, que subsidiou minhas economias também para instalar-me em Passo Fundo.

Até hoje, ainda sou proprietário da casa em Ernestina, que está cedida à Prefeitura Municipal de Ernestina, que hoje é Município. Tenho uma gratidão para com aquela comunidade, pelo convívio durante tempos importantes de minha vida.

Na Universidade de Passo Fundo tive alguns colegas que entraram na faculdade comigo, foram se atrasando no curso e mais tarde vieram ser alunos na minha disciplina.

Posteriormente fiz concurso para outras disciplinas como: Exodontia e Anestesiologia; depois Clínica Integrada (estágio) sempre dentro da minha especialidade. Ministrei algumas aulas, esporadicamente em cursos de especialização também.

Em 1996 prestei concurso, fui aprovado para uma vaga de Doutorado em Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial, novamente na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O critério da PUC, para quem tivesse cursado especialização ou Mestrado a mais de cinco anos, era obrigatório cursar todas as

disciplinas do curso de Doutorado, onde foi o meu caso. Foram três anos e meio dramáticos, que com palavras é impossível de expressar todo tipo de situações vividas. Foi um curso arrojado, mas foi muito importante. Não tenho nada em que me arrependo. Faria tudo de novo.

MG. O senhor acredita que ingressou na área acadêmica por vocação, no seu caso?

Sim, porque alguma coisa dentro de mim despertou interesse pela Odontologia. Sempre tive fascínio por isso, tanto é que quando estava em Ponte Serrada não estava realizado comigo mesmo. Sentia necessidade de algo mais. Percebi que a Odontologia não era aprender uma profissão, mas necessitaria realizar um curso embasado cientificamente. Trata-se de um conhecimento científico que controla a saúde do ser humano e não apenas de um adestramento prático. E sim de um estudo de complexidade médica, que cujo conhecimento de formação da Odontologia, a sociedade ou a população desconhecia e ainda hoje em menor número desconhece. Este desafio deve preocupar e chamar a atenção da Odontologia de hoje.

Para justificar meu fascínio pela Odontologia, quando estava em Ponte Serrada, me dava muito bem lá. Um meu irmão, que atuava com relojoaria e joalheria e que vivíamos juntos, minha saída seria bastante traumática para nós dois. Meu irmão me propôs: “Aldo fica em Ponte Serrada, fazemos uma sociedade e se nos formos bem podemos futuramente abrir uma filial, provavelmente na cidade de Palmas que é uma cidade próspera.” Cheguei a pensar na proposta. Fico grato ao meu irmão até hoje. Mas quis ser dentista, pensei vou lutar por isso.

Saí de Ponte Serrada com todo sacrifício, com a intenção de atingir uma meta bem distante, que seria a faculdade de Odontologia.

Meu filho mais velho Aldo Junior, que hoje é médico, viveu uma boa parte dessa trajetória. O filho do meio, Aleysson Olimpio, que é dentista, fez Doutorado na UNICAMPI em Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial (meu colega), viveu isso mais suavemente. O filho mais novo Armstron Ruy, quase não participou dos tempos mais rústicos, tendo até dificuldades de interpretar a realidade de nossa história.

Hoje sou Professor Titular III, na Faculdade de Odontologia da Universidade de Passo Fundo – UPF, tenho uma carga horária de 32 créditos semanais. Atendo no meu consultório. Faço parte do corpo clínico do Hospital São Vicente de Paulo e atendo também em outros hospitais. Sou membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial. Orientei algumas teses de Mestrado e fiz parte de bancas de Mestrado na Pontifícia Universidade Católica R/S-PUC de Porto Alegre, e da UNICASTELOBRANCO de Campinas, hoje Leopoldo Mandic.

Na verdade, no início não tinha interesse por carga horária na Universidade. O dinheiro não saía do magistério, saía sim, dos meus trabalhos profissionais: consultório, atendimento hospitalar onde continuo até hoje. No começo fazia inclusive clinica geral, mas em seguida direcionei-me somente para especialidade. Pretendo ficar em atividade mais um pouco de tempo. Faço parte de uma equipe em Cirurgia Buco-Maxilo-Facial em Passo Fundo, onde trabalhamos em cooperação com dois profissionais com Mestrado em Cirurgia que absorvemos o fluxo da cirurgia em conjunto.

Pretendia entregar o “bastão” da minha luta em Passo Fundo a meu filho Aleysson que também foi meu aluno. Hoje é meu colega, mas por problemas políticos administrativos por parte da Universidade de Passo Fundo, não se concretizou esse desejo. A UNIVILLE teve uma visão mais universitária e o levou para Universidade de Joinville. E agora recentemente, ele acaba de ingressar também na Universidade Federal do Paraná.

Devo permanecer mais um tempo na UPF e em atividades hospitalares. Mas pretendo sair antes que a idade me deixe decadente. Quero imitar, “Pelé e não Garrincha”, deixando a decadência tomar conta antes de sair. Ninguém é insubstituível. Os jovens vêm aí para nos substituir. Eu pretendo escrever trabalhos, pesquisas realizadas durante minhas atividades, que estão nos arquivos esperando tempo para dedicar-me a elas e escrevê-las.

Tenho uma área agrícola no Município de Campos Novos, bem localizada junto a BR 470 e próxima a cidade de Campos Novos. Gosto muito daquele lugar. Poderei ocupar boa parte do meu tempo com atividades agropecuárias. Estou montando uma estrutura com residência que fica um lugar propício para dedicar-me a escrever esses meus trabalhos. Tenho uma residência em Catanduvas, que provavelmente ao me aposentar volte as minhas origens. Meu berço onde me criei, mantendo minhas publicações. Não gostaria de me desvincular totalmente de uma instituição de ensino. A UPF jubila o professor aos 70 anos de idade, mas pretendo sair bem antes.

Pretendo retribuir ao futuro da Odontologia alguns privilégios que eu tive na caminhada que a considero abonada, deixando escritas algumas vivências que considerei importante.

O Dr. Adgar para mim é um irmão, um pai, uma referência odontológica no Meio Oeste de Santa Catarina. Ele contribui com representação de uma classe com bons trabalhos. Deu uma direção na Odontologia da Região, com trabalhos bem feitos, elevando o nível do cirurgião dentista, conseqüentemente o padrão de reconhecimento de uma classe.

Em relação à Faculdade de Odontologia da UNOESC, colaborei juntamente com o Prof. Adgar na elaboração técnica do Projeto de Implantação do Curso. Fiz isso com muita satisfação. Sou contra a abertura de novas escolas, principalmente na área da saúde, que envolvem grandes estruturas. Sou do pensamento de que deveriam ser aprimoradas as escolas que já existem. Dar estrutura sólida de pesquisa, pois acredito que a Odontologia é pesquisa. O campo é vastíssimo muito mais do que se imagina, temos interrogações em todas as áreas odontológicas. Não se deve abrir Faculdades de Odontologia em qualquer lugar.

Agora, nós temos uma área descoberta que vai do Sudoeste do Paraná, Meio-Oeste, Oeste de Santa Catarina e Norte do Rio Grande do Sul, tanto na área da Medicina, quanto na área da Odontologia. Joaçaba é uma cidade pequena, mas tem um grau de cultura muito bom, bem superior a muitas cidades bem maiores. Outro problema que existe nesta região é a incidência de doenças de cabeça e pescoço, um número bastante grande e não se sabe quais são as causas. Para verificar esses problemas é inserir um Centro de Educação com pesquisas sobre problemas de ordem regional, que ainda desconhecemos suas causas. Que não sabemos se essas patologias estão relacionadas a costumes da nossa população, ao clima, as águas, o tipo de alimentação, aos hábitos ou associação de fatores predisponentes. Para que se possa dar enfoque ao tratamento preventivo é necessário descobrir suas causas de origem, uma vez que o tratamento curativo, carece de grandes sacrifícios por parte do paciente, de familiares e da sociedade, com grandes desprendimentos econômicos e os resultados finalizam em mutilações e outras vezes a vida dos pacientes.

A Universidade de Passo Fundo pecou muito em pesquisa. Com sua história de quase meio século, ainda hoje sua política de comando, está voltada para formação de profissionais e não para pesquisa de problemas regionais, com vista a solucionar ou amenizar dificuldades emergidas de sua população que deu origem inicial a Universidade, para a qual foi instituída, porque trata-se de Universidade Comunitária, cuja meta prioritária deveria ser pesquisas para alcançar as soluções das necessidades oriundas da população que lhe deu origem.

Para finalizar quero salientar o conteúdo do artigo escrito por mim ao Jornal o Nacional da cidade de Passo Fundo, em comemoração ao dia do Dentista, 25 de outubro, publicado em 23 e 24 de outubro de 2004, na folha da Saúde.

O perfil do cirurgião dentista se caracteriza por saber ouvir o paciente que relata seus problemas de dor ou de função, misturados a sentimentos emocionais e de sociabilidade, consciente de que o profissional não está examinando uma substância, uma matéria ou uma máquina. Ele sabe que está examinando um ser humano dotado de

sentimentos, de sensibilidades e necessidades de condutas e orientações de um profissional da saúde.

Também, deve o cirurgião dentista ter consciência de ouvir seus pacientes e saber digerir esses problemas com delicadeza e cuidados para que os resíduos desses problemas não se acumulem dentro de si próprio e causem abalos psíquicos ou emocionais que perturbem a sua qualidade de vida.

Sobre o perfil do profissional, o dentista deve ter a formação de conhecimentos de um medico clínico geral bem preparado. Acrescido a este profissional à formação odontológica específica para que possa ter segurança nas condutas que o paciente necessita. A face e a boca não são um setor isolado do indivíduo, mas sim, um órgão que compõe o sistema todo do organismo. Na boca, ocorrem manifestações de uma serie de patologias que são facilmente tratáveis através da precocidade do diagnóstico e encaminhamento. Se deixadas evoluir até manifestações sintomatológicas, pode às vezes, tornar difícil o tratamento e até impossível.

O profissional trata patologias locais com repercussão sistêmica, prescreve e injeta medicamentos, atua nas intervenções cruentas que justificam e necessitam essa formação.

Concluo referindo-me ao profissional e a pessoa do cirurgião dentista com a frase do Papa Pio XII: “O cirurgião dentista necessita ter a paciência de um monge, o conhecimento de um médico e a sensibilidade, capacidade e o dom de um artista”.



FIG. 24. Dr. Adgar e Prof. Dr. Aldo Pazza. Fotografia tirada em 25 de julho de 2005.

8. Joaçaba (SC), Parte I

8.1. Sr. Júlio de Oliveira Pinto (“Seu” Julinho)

Ainda hoje próximo dos cinqüenta anos de sua morte a personalidade do Julinho de Oliveira Pinto permanece na lembrança dos seus pacientes. Foram milhares. Ele consumiu a vida no trabalho. E quando chegou ao fim pouca coisa material lhe sobrou. O próprio filho mais novo, o popular Lulo, o mais querido médico Clínico Geral e Geriatra destas bandas teve dificuldade de concluir o curso precisando ser ajudado pelos familiares. O Amantino Lunardi que vai aparecer na narrativa do Dr. Aluar de Oliveira Pinto sobre o que ele lembra do pai, também exerceu a Odontologia por algum tempo. Reproduzimos na íntegra o depoimento do Aluar, um contemporâneo e irmão muito querido para que ela sirva de resgate desses tempos pioneiros e difíceis.

Entrevista com o Dr. Aluar O. Pinto, médico, filho do Dr. Júlio, dentista prático licenciado que atuou na década de 30 em Herval D'Oeste. Manhã de sábado, 9h30min. do dia 9 de abril de 2005. Doutor Aluar nos aguarda (Adgar e Gabriela) em seu consultório, no Hospital São Miguel. Aguardamos o atendimento de um paciente, e entramos em seu consultório.

A questão com meu pai, o dentista Julinho, ou melhor o dentista prático licenciado Júlio de Oliveira Pinto sempre esteve na legitimidade de seu exercício profissional. Ele tinha um Certificado da Escola Técnica Federal de Odontologia ou de Protéticos; era um diploma grande, tinha um medalhão, uma faixa verde-amarela; em 1983 deu aquela

enchente e tudo o que havia na casa paterna foi água abaixo; pouca coisa se aproveitou após a enchente; o tal certificado não sei onde foi parar. Vou dar mais uma procurada. Mas ele mantinha uma autorização como um profissional.

O meu pai chegou aqui aproximadamente em 1928-29, não tinha aquela ponte ainda, a velha Emílio Baungarten que foi feita em 30-32; tanto é que ele passava, de Herval D'Oeste para Joaçaba, por meio de uma balsa. Porque em Joaçaba não existia nada, era menos próspera em função de que aqui era um banhado, e tinha a Casa de comércio do Aquiles Pedrini, pai do deputado Nelson, do Nilton, que era onde hoje está o Edifício Pedrini; tinha a Rua XV (de novembro), cheia de mato, muita lama e com algumas casas.

Então Herval D'Oeste era mais próspero, em função da ferrovia que seguia o Rio do Peixe, em direção ao RS. E ali tinha o Hotel Paludo, Hotel Arcary, Hotel Paiva, Hotel Matias, onde o pai se hospedava. Ele era dentista no Rio Grande do Sul, se instalou naquela época, com o maquinário que desmontava e pedalava para fazer obturação; eu me lembro que eu ajudava quando era pequeno. Energia elétrica não existia.

Ele nasceu em São Sebastião do Caí, perto de Porto Alegre. Chegando ali, ele se hospedou no Hotel Matias, ele era dentista solteiro, ele fazia atendimento em Herval D'Oeste, em Erval Velho, ele atendia os teus pais, teus avós (do Dr. Adgar) (*Nota dos autores: a Dona Rita, minha avó descendente de índio caiocangue era conhecida pela sua bravura. Dizem os meus antepassados que ela veio de Erval Velho para Joaçaba, à cavalo e com um dos filhos no colo - teve 10 filhos e nesta ocasião tirou todos os dentes de cima, sem anestesia. Voltou para casa no mesmo dia e continuou o serviço, pois não tinha quem o fizesse para ela. O dentista, recém chegado na região era do Doutor Julinho, pai do Aluar*)- Campos Novos também. Ele atendia a família Rupp, que era muito conhecida. Os Rupp tinham histórias para contar, histórias do meu pai; ele tomava chimarrão com os Rupp. Família politicamente famosa. O pessoal de Catanduvas vinha para cá, e o pessoal de Joaçaba ia pra lá, em Herval D'Oeste, para meu pai atender. Então ele pedalava, ele tinha um defeito na perna, tinha seqüela de osteomielite, de pequeno. Era meio coxo, ele pedalava e fazia obturações. Ele fazia as extrações dentárias da moda que tinha. Eu era pequeno, eu tava brincando ali, e ele dizia assim: "Lulo, vem cá me ajudar", então eu segurava a pessoa no ouvido, de certo para a pessoa não ouvir o grito, na hora da extração, e ele extraía o dente.

Mas ele morava nesse hotel, e minha mãe veio do Rio Grande do Sul na época das forças do Getúlio Vargas (Revolução de 1930) que iam tomar o Palácio do Catete. O marido dela, que era o Lunardi, veio com as forças do Getúlio, e abandonou minha mãe lá; e disse: "Venha pra Santa Catarina que eu estou aqui." E ela doou as crianças que

tinha, doou a minha irmã para o pessoal de Marcelino Ramos, que casou com o Remor, por isso que o Airton Remor e o Anílio Remor são meus sobrinhos; doou uma filha lá para um outro pessoal de Maximiliano de Almeida e veio com o Amantino Lunardi, que era pequeno, tinha 6-7 anos. Ficou um pouco em Capinzal, de Capinzal, como cozinheira, faxineira, ela veio nesse hotel.

Aí ela conheceu o Sr. Julinho de Oliveira Pinto, que era o meu pai. E como o Lunardi tinha ido embora, eles se juntaram e foram constituir uma nova família; aí nasceu a Diva, a Leda, que está em Curitiba, o Nelson, que morreu, e o último, que fui eu. Nós morávamos em Herval D'Oeste, ali tínhamos uma casa de madeira.

Meu pai fez o consultório na casa, atendia o pessoal todo. Ele ia pra São Paulo fazer curso; pegava trem, três vezes por ano. E Porto Alegre também. Até hoje eu tenho obturação dele na minha boca, feita por ele. Até hoje aparecem pessoas com 60-70 anos de idade dizendo que têm dentes feitos pelo meu pai, dentaduras.

Toda essa região de Herval D'Oeste, Serra Alta, Barra Verde, essa região toda; o pessoal ia à cavalo, amarrava o cavalo na frente e o pai atendia. Como o pai era adventista, ele não atendia no sábado. E no domingo é que ele atendia os colonos que vinham na missa em Herval D'Oeste, então das 8 até o meio dia ele atendia o pessoal que vinha até à missa e aproveitava para fazer o tratamento dentário com ele.

Ele fazia prótese também. Ele tinha, num quarto do lado do gabinete, chamava de oficina, ele laminava o ouro, então todas as coroas velhas que ele tirava dos dentes, e que não tinham mais condições, ele separava, fundia, com maçarico; eu me lembro que ele tinha defeito na perna, ele me chamava para ajudar, eu ficava aqui, no fole, e ele fundia os restos de ouro; ele colocava uma substância para separar o ruim do bom (bórax). Ele tirava essa parte esverdeada, parece que fundia de novo, quando o ouro estava bem amarelo, formava uma bolotinha. E pedia pra mim: “vai ali no seu Carlinhos (Pupi), que era ourives, faça laminação número 20”, ficava uma lâmina bem compridinha, aí ele fazia as coroas, estampava. Aí a dentadura ele fazia o molde com cera, colocava tudo, tinha gesso, depois era um acrílico, e eu polia.

Eu polia dentadura com o dedo, porque naquela época não tinha outro jeito; aí aos poucos comprou motor, tinha energia, e eu polia e dizia, “pai, está me doendo, está fazendo calo”, eu polia com uma lixa, aí ele comprou um rebolinho, e o negócio começou a facilitar. Ele fazia coroa, pivô, dentadura; ponte móvel eu acho que ele não fazia...

Eu queria jogar bola, e ele dizia “vem me ajudar aqui que eu tenho que entregar”. Aí o cara usava dentadura, evidentemente ficava com algumas saliências na

gingiva, então eu me lembro que ele ia com uma broca, lapidava mais um pouquinho, até que se ajustava na boca. Ele atendia muita gente, filas.

Lembro que outros dentistas trabalhavam na mesma época por aqui: o velho Paiva, não era um dentista muito querido, pois não tinha muita higiene, também tinha defeito na perna; o Werpachovski, na Rua Getúlio Vargas; Udo Zucovski, tinha o Tio do Udo, o Carlos Zukowski, também o Osvino Schneider, todos práticos. Mas meu pai era muito procurado.

Do papai, a única coisa que consegui guardar da enchente é o título de eleitor, de 1933. Ele nasceu em 1897. Documento militar. Cargos como dentista pelo governador do Estado. Juiz de paz. (mostra documentos diversos)

Adgar. Economicamente, como ele era?

Aluar. Não cobrava de ninguém! (risos!) Depois que ele morreu, eu tava começando a profissão (de médico), vinha uns caras, eu tinha acabado de me formar, e diziam que tinham feito adiantamento a ele. “O teu pai me tirou os dentes de ouro, e quando ia fazer a dentadura, ele morreu.” Aí eu perguntava “quanto é que eu te devo?” “Acho que é uns 200 contos...” Aí eu pegava e pagava. O meu pai dizia: “o dia em que eu morrer, vocês vão arrumar... porque só eu que entendo de minha desorganização, depois que eu recebo, eu sei que recebi de alguns, quem me pagou” Ele trabalhava, trabalhava e não cobrava.

Adgar. Provavelmente, ele não teve formação técnica...

Aluar. Não tinha. Ele veio para Santa Catarina porque ele veio pra cá e conseguiu essa licença para trabalhar como técnico.

Adgar. O Schneider, quando em cheguei aqui, ele era nomeado pelo governo federal, funcionário do IAPTEC; ele era empregado público, a gente sabia que ele não era formado. Ele tinha um processo, arquivado, politicamente retirado, por 20 anos, o pessoal pedia o diploma dele, e ele informava que o diploma estava sendo registrado. Isso sempre, sempre. Depois nós retiramos a busca. Aí a gente esqueceu o assunto, e aposentaram ele.

Aluar. Alguns adiantamentos que o meu pai tinha feito, fazia assim: “eu vou lhe dar adiantado tanto para o senhor comprar o material, e depois no final a gente acerta.” Mas depois ele morreu, eu tava no quinto ano de medicina, eu tive que voltar, e ficou essa pendenga toda. Quando me formei médico, alguns apareceram dizendo “olha, teu pai fez um serviço para mim, mas não concluiu, nós demos adiantado, fizemos um acerto.” Ele era um cara meio desorganizado, e não era muito dinheirista porque ele tinha formação da igreja adventista, e que ele achava que tinha que ajudar os outros, que tinha que se cobrar o justo. Eu estudava, e ele me dizia: “olha, meu filho, você vai ser médico. Agora

dos pobres, você não cobre; seja o mais legal, o mais justo possível.” Ele tinha esse conceito, ele vivia lendo a bíblia.

Gabriela. Com relação aos atendimentos, o senhor se lembra de alguma história engraçada, diferente, que aconteceu? Algum aperto, enfarte, morte?

Adgar. Nunca aconteceu nada, dificilmente podia morrer alguém mas não tinha nem anestésico. Eu lembro que alguns desmaiavam, aí papai tinha um quarto, eles ficavam deitados, descansando, vinham de longe. Para sangramento não se usava pontos. Vinham a cavalo, então ele recomendava fazer repouso, ele era inteligente, porque o calor talvez pudesse provocar uma vasodilatação, tinha boas noções, tanto de saúde, ele era muito naturista, de ecologia, de proteção da natureza. Com 15-16 anos fui estudar fora. Os “caras” chegavam de cavalo, amarravam os cavalos, e os pacientes entravam pro “saloon” (gabinete). O trem passava na frente, o trem apitava, e os cavalos corriam todos, e os colonos corriam todos atrás. (risos!)



FIG. 25. Senhor Júlio de Oliveira Pinto (“Seu” Julinho).

FIG. 26. Dr. Adgar e Dr. Aluar de Oliveira Pinto. Fotografia tirada em 9 de abril de 2005.



8.2. Dr. Bruno Strohdieck

Entrevista concedida a Dr Adgar e Maria Gabriela, pelo Dr Bruno Strohdieck, em sua residência, em 11/05/05.

Estou com 74 anos completos. Fiz a Faculdade de Odontologia, em Florianópolis; o meu CRO/SC é 077, imagina como eu sou velho! Mostra o quadro de formatura

A: Da tua turma, que está por aqui, só o Valdemar Barea?

Só o Barea; ele está em Florianópolis.

A: Quando você chegou aqui, como era?

Bom, era uma cidadezinha do interior, não tinha nada de rua calçada, e os profissionais que eu encontrei aqui formados foram o José Contin e o João Borba. Chegamos meio juntos, o Borba foi meu companheiro de turma; trabalhava ali na Rua Felipe Schmidt. E o outro que tava aí em Herval D'Oeste era o velho pai do Aluar, Julinho. E o Lunardi, que era enteado do Julinho e aprendeu a trabalhar em consultório com seu padraсто.

A: O Osvino Schneider, era do teu tempo?

Sim, o Schneider, o Wepachowski. Lauro Zimmer, hoje está em Ourinhos, ele e a esposa. O consultório dele era na Getúlio Vargas, ali onde mora o Baretta.

Eu era de uma temporada que dava muito tifo, que era uma praga; quando dava esse surto de tifo, chegavam a fechar com tábua a rua, para o pessoal não passar lá para cima; era um tal de tifo preto. Eu também peguei tifo. O corpo fica todo cheio de manchas; a luz tinha, mas era do Lindner; meu pai veio de Joinville montar a usina. Ele era mecânico. Daí quando terminou, Dom Francisco Lindner deu sociedade pra ele. Ele era diabético, e ele não sabia disso, foi indo, indo, comia açúcar, entrou em coma; e morreu. (detalhes sobre isso). Sou filho único.

Quando eu vim trabalhar aqui, eu trabalhava ali do lado da Reunidas, onde hoje é o Terra Brasilis. Trabalhei vários anos ali, tinha uma família espanhola ali, inclusive eu sou casado com a filha de um espanhol. Então meu cunhado tinha aquele prédio onde está a Casa Auri-Verde do Nestor Furlan; com a morte do meu pai comprei terreno e construí este prediozinho aqui na Salgado Filho. Vim morar e pus o consultório aqui. Aí eu comecei a fazer o prediozinho do lado, onde tem a clínica de fisioterapia e academia de ginástico dos meus filhos.

Profissionalmente, eu me realizei, consegui fazer algumas coisas; naquela época dava bom dinheiro, além de ter vários dentistas aqui, usava-se muita prótese, o cara tinha dinheiro; hoje não têm mais dinheiro. E aí fiquei trabalhando por aqui até a uns dias atrás. Agora, vocês nem imaginam o que eu tenho no lugar em que funcionei com o consultório muitos anos. Depois eu mostro. Fui contratado pelo Sesi. Me saí muito bem com o Sesi; Foi o Rudy Nodary ele me convidou para trabalhar no Sesi, me apresentou para o pessoal, fiz um teste. No início eu trabalhava no meu consultório; depois que eles compraram consultório, formaram o departamento deles aqui, então fui em vários locais, trabalhando. Acabei trabalhando onde hoje é o Sabor do Vale (restaurante). Porque o Sesi se acabou por aí. Na época, depois que eu saí de lá, eles terceirizaram. Fiquei lá por 27 anos; eu era um profissional caro, porque eu peguei aqueles benefícios de triênio, tempos de vacas gordas, tempo de serviço; então eu ganhava mais do que o pessoal da região. Não era um bom negócio para eles; eles me fizeram uma proposta, mas eu tava para sair do Sesi, porque eu já estava aposentado pelo INPS; me procuraram e perguntaram se eu não estava interessado em rescindir o contrato; eu disse, depende. Na época me ofereceram o equivalente a R\$ 75 mil reais, era dinheiro pra caramba, topei. (risos!). Levantei mais uns 50 mil e pouco de fundo de garantia, mais não sei o quê, era um monte de dinheiro.

Eu fazia muita prótese, e até que fiquei uns 5 ou 6 anos, no Hercílio (Ervál Velho) (prático que vez ou outra tinha o gabinete fechado pela vigilância Sanitária e então usava um dentista formado para continuar trabalhando) Um dia me encheu o saco. Eu estou pedindo para sair, não vou mais aí; o que se ganhava, na época, era em prótese; eu trabalhava o dia inteiro, trabalhei, na mesma época, fazia atendimento no meu consultório, pessoal da agricultura, depois, devagarinho, fiz uma cirurgia e não quis mais trabalhar.

Fiz cirurgia de vesícula, uma pedrinha trancou o canal, e aí “os caras” tiraram fora a vesícula, abriram o conduto que vai para o duodeno; era um grãozinho de areia; agora, os caras podem ser bons cirurgiões, mas com relação a encanamento, os caras não entendem nada. (risos!). Um ponto tinha saído fora, caía tudo dentro da cavidade abdominal. Eu pedi pra morrer. Fiquei hospitalizado uma meia dúzia de dias. Na segunda vez, quando eles operaram, quando saí da sala de cirurgia, me deu uma falta de ar, eu estava apavorado, eu vou morrer! Os “caras” (os médicos) foram procurar oxigênio, não tinha oxigênio na sala de cirurgia. Foram lá embaixo, e trouxeram. Abriu toda a cirurgia de novo, depois de um ano não quiseram operar de novo, ficaram com medo. Isso faz uns 10-12 anos.

Aí eu trabalhei mais uma temporada. Fui obrigado a parar de trabalhar, em função de toda aquela encrenca (problemas médicos), trabalhei até os 67 anos. Me aposentei por tempo de serviço e por recolhimento. Não me aposentei pelo SESI porque eu trabalhei 27 anos, e precisava ter 30, mas eu pagava uma previdência privada, então quando eu me aposentei, fiquei ganhando o salário que eu tinha. Eu ganho do SESI R\$ 1700,00 todo mês, e eu ganho deles um plano de saúde, eles pagam para mim R\$ 750,00 de plano de saúde; pode fazer o que você quiser, transplante, é livre. Tenho um seguro de vida, eu e a mulher, e tenho um plano para fazer o meu enterro; tem caixão, e tudo.(muitos risos)

Uma ocasião, uma senhora chegou e disse assim: “O senhor distrai dente?”; “Eu distraio”; “Eu queria distrair um”; então, encaminhei a paciente para sentar na cadeira, eu fazia de tudo, enquanto eu fui pegar o material esterilizado, eu volto, e a mulher está sentada no pé da cadeira! (risos!) Eu digo, mas é aqui para o lado de cima, brinquei com ela, e ela olhou pra mim e disse: “E o senhor, onde é que senta?” (risos!)

Teve um outro caso que um cara chegou e disse assim: “Eu queria colocar umas capas nos dentes”; eu disse, “vamos colocar capa no dente”; “aonde é que o senhor quer colocar?”; ele disse: “quero colocar no garrote.”; aí eu olhei os dentes, tinha um meio ruim, precisava de uma coroa, olhei mas não vi nada, então perguntei: “qual é o garrote que o senhor quer, qual é o lado?”; “nesse aqui”, era o primeiro pré-molar.

Numa outra ocasião, um paciente veio e pediu uma capa de ouro, no dente aqui da frente, na época se usava muito; eu disse, “que pecado, estragar um dente, para colocar uma coroa”, o cara: “não quer colocar? Então eu vou em outro lugar.” Então senta aí; detonava o dente, colocava a capinha, e o cara saía satisfeito.

Mas aí um dia uma moça que trabalhava aqui comigo, ela disse: “eu queria que o senhor colocasse uma capinha de ouro, para o Natal.” Aí ficou uma temporada, um ou dois anos, ela trabalhou para mim, um belo dia deu lá na cuca dela de que não era mais bonito ter aquele amarelão ali na frente, ela pediu para tirar: “será que o senhor poderia colocar uma branquinha?”; “coloco.”, eu disse. Aí peguei e coloquei uma acrílica, e ela foi embora. Passou-se um mês, ela voltou e pediu que eu desse uma olhada, “Furou minha coroa.” Realmente, ela tava furada. Tinha uma bolha. Aí coloquei outra, falei lá no laboratório, que tava uma porcaria, como furou a coroa? Aí eles fizeram outra, colocamos de novo, e depois de um tempo, furou de novo. Eu disse, “mas escuta, o que é que você pôs aí no dente?” “Eu lavei com sapólio.” (risos!) Eu notei que tava meio fosco aquilo! No caso do ouro, brilhava, mas no acrílico...

A: O pessoal pagava direitinho, não pagava...

Olha, para mim, nunca ninguém ficou devendo, porque eu fui um profissional em que o cara chegava para mim, e dizia, “olha, eu quero fazer o tratamento”; aí ele sentava na cadeira e pagava, esse negócio de pagar depois, não dava, né! A prótese era a mesma coisa, o cara vinha, trazia a metade, e a outra metade, antes de colocar, ele já pagava.

Pagavam bem, quanto a isso não tinha problema, depois o padrão de vida não era tão elevado, mas o pessoal trabalhava e ganhava; hoje o cara faz um orçamento, amanhã tá na rua, como é que vai pagar? Então o negócio não vai.

MG: Algum paciente já passou mal no consultório?

Passou. Eu levei um susto. Morrer, não morreu, mas o lá no SESI, eu anestesiiei um cara, um rapaz jovem, o cara empacotou, quase caiu da cadeira.

Eu não me lembro o nome da senhora, ela fez uma dentadura, e quebrava, superior. Aí ela pegou, colocou a dentadura, quebrada, mas não soltava à toa; ela dizia, quando eu encontrava na rua, tá machucando aqui, não sei, e eu dizia, “vem aqui no consultório que nós vamos fazer um ajuste...” Mas ela não vinha. E um belo dia eu consegui trazer ela aqui; quando ela sentou na cadeira, tirou a dentadura da boca, e eu disse: “agora a senhora vai fazer dentadura aonde a senhora quiser; essa aqui a senhora não vai usar mais.” (risos!) Mas ficou um bicho, rapaz; foi embora. Até há pouco tempo a dentadura tava jogada por aí.

A: Uma vez, eu processei uma mulher, o tratamento estava sempre ótimo; aí quando foi para acertar, aí a cor não ficou boa, e etc e tal. Aí eu pensei, tudo bem; procurei um advogado, ela tinha que ia pagar! Na audiência, o juiz me chamou lá, e eu disse: “o senhor vê, é uma moça bonita ela, não? Olha o sorriso dela.” “Sim, é bonito.”; eu disse: “Gostou?”, o juiz: “Gostei.” Aí eu disse: “Esse sorriso é meu, ela não pagou.” (risos!) “É por isso que eu estou processando ela, todo mundo gostou, ela ficou muito agradecida, mas não pagou a conta.” Daí nós ganhamos a ação, Bruno.

Fomos encerrando a conversa séria, pois a dona Edite estava oferecendo um cafezinho, com bolachas decoradas e tudo mais. Poderíamos ter ficado com o Dr. Bruno muitas horas. Nem tivemos tempo de falar das nossas caçadas de perdiz, em que ele ia na frente e eu o o Hermano, mais o Jumentino o seguíamos para juntar as pobres aves que quando o cachorro espantava, tomavam uma saraivada de chumbo no trazeiro e acabavam na panela da dona Edite. Papeamos mais um

monte de tempo e aí fomos matar a curiosidade. O que é que o Dr. Bruno tinha feito com seu consultório. Não podia ser diferente. No lugar do consultório lá estava um ambiente a média luz, todo acusticamente preparado. O seu gabinete virou um estúdio com direito a "home theater" e tudo o mais. O belo casal de maduros, o Bruno e a dona Edite costumam, de mãos dadas, assistir a filmes românticos como "E o vento levou" "Gata em teto de zinco quente" e outros mais. O Bruno, na odontologia foi um homem feliz e fez a alegria de muitos mortais utilizando entre outras técnicas a sua adorável simpatia.



FIG. 27. Formandos do ano de 1957 da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina; dentre eles, o Dr. Bruno Strohdieck.



FIG. 28. Dr. Adgar e Dr. Bruno Strohdieck. Fotografia tirada em 9 de maio de 2005.

8.3. Dr. Nilson Germano Zunkowski

Material enviado pelo Dr. Nilson Germano Zunkowski ao Dr. Adgar.

Nasci em Catanduvas em 27 de Maio de 1937.

Recebi o diploma de cirurgião dentista em 13 de Dezembro de 1959, pela faculdade de odontologia da UFSC.

Para custear meus estudos, trabalhei no antigo SAPS – Serviço de Alimentação da Previdência Social.

Durante um ano, exerci a profissão no bairro Saco dos Limões, em Florianópolis.

Em 1961, transferi-me para Luzerna, a convite do dentista Wilibaldo Vier, homem extraordinário, um dos pioneiros do lugar. Dedicado profissional, era auxiliado por sua esposa, dona Berta, que lhe fazia a parte protética. Casal maravilhoso, que nos anos difíceis da odontologia, deu tudo de si para atender dignamente a sociedade.

Havia naquela época inúmeros práticos, que exerciam o ofício com escasso conhecimento. Alguns esforçados, outros sofríveis, mas que contribuíram a seu modo para o bem estar da comunidade.

Alertei-os sobre suas condições funcionais perante a lei, pois respeitosamente vieram informar sua situação irregular e pedir colaboração. Aos poucos, compreendendo a nova ordem profissional, buscaram outras atividades. Tornaram-se grandes amigos.

Rapidamente formamos amizade, pessoas de sociabilidade incomum, receberam-me de braços abertos e foram incansáveis em me ajudar para que ali permanecesse.

Procurei não apenas ser dentista, mas participar ativamente das iniciativas populares, levando meu conhecimento para dentro dos lares.

Minha presença tornou-se comum em reuniões familiares, de igrejas, festas e acontecimentos locais.

No Sindicato dos Metalúrgicos e no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Joaçaba, além de trabalhar por diversos anos, convivi com seus dirigentes, senti os problemas da classe inteirando-me dos seus propósitos.

Aprendi muito com os associados.

Particpei de esportes: bochas, praticadas pelos mais velhos, e do futebol do Esporte Clube Vitória.

Formamos com atletas do interior e vila um time de voleibol e um bloco de bolão “Os Atômicos” extremamente competitivos e imbatíveis, claro, com raras exceções.

Modifiquei paulatinamente, o conceito sobre tratamentos dentários, impondo sistemas de orientação ao cliente com métodos atualizados de saúde bucal.

Era comum vermos os jovens com dentadura total. Não conheciam a endodontia.

A extração era a prática mais recomendada.

As coroas de ouro (jaquetas), bem polidas e brilhantes, constituíam indispensável adorno.

Para mudar os costumes e melhorar a aparência facial, contei com habilidade do Protético Luiz Silva, o famoso “Cabo Dica”. Durante 14 anos suas próteses reproduzidas artisticamente restabeleceram a estética e a função da boca. Foi antes de tudo um amigo.

Ainda jovem aprendeu a manejar sua arte que desenvolveu com muita perícia e zelo.

Meus honorários, além de bem pagos, vinham acrescidos dos mais variados presentes: galinhas, porcos, ovos, queijos, do tradicional chucrute, e uma infinidade de produtos artesanais.

Impressionava o carinho dos habitantes.

O ambiente de trabalho era alegre e festivo. Não raro, para participar de convites em festas, reuniões, caçadas, acontecimentos, propositalmente rompia a mangueira de ar ou água do Equipo, para assim justificar a minha ausência.

Lembro-me ainda da minha primeira cliente: Tânia Marli Brassanini, menina, filha do farmacêutico Brassanini.

De uma cliente, senhora de idade, que durante o atendimento, pedi-lhe que cuspsse fora e ela prontamente levantou-se da cadeira e foi cuspir janela fora.

De outro que mordeu-me o dedo, porque era adversário político.

De um amigo agricultor nervoso perguntou-me se estava ocupado, pois precisava que fosse até sua casa, dizendo ter morrido sua porcada toda.

Rapidamente fechei o gabinete e prontamente nos encaminhamos para sua residência.

Enquanto viajávamos, perguntei-lhe se era grande o número de suínos mortos, ao que ele me respondeu:

“Não, era uma porca só. Guardei-a para fazer um banquete.”

No consultório dentário, o bom humor permanente facilitava o atendimento.

Neste ambiente de camaradagem, não demorou o convite para participar das lutas políticas.

Os partidos fortes eram UDN e PSD (União Democrática Nacional e Partido Social Democrático).

As disputas eleitorais eram acirradas e fanáticas. Meu gabinete transformou-se em comitê eleitoral.

Um ano após minha chegada, fui eleito vereador pela UDN, com 62% dos votos do distrito. E desde então, politicamente não consegui segurar mais os companheiros. Fui reeleito vereador em 1966 pelo MDB.

Em 1969, fortalecido partidariamente por Joaçaba, tendo a frente como incentivador de campanha e depois presidente do partido o ilustre colega Doutor Adgar Zeferino Bittencourt, candidatei-me a prefeito municipal, representando o distrito de Luzerna.

Seu “bisturi” político deu-nos verdadeiro alento e organização. Nossa campanha fez-se em ritmo de alegria e sincronia de lideranças.

O doutor Adgar, entusiasmado, em cada comício fazia-me repetir uma história que contava aos eleitores do interior, ridicularizando as incríveis promessas que nossos adversários faziam.

Era a seguinte... lá pelas tantas:

“Não gosto e não costumo fazer promessas, pois que estas na totalidade das vezes não são cumpridas. Lembro-me de uma porquinha que ganhei quando era criança. Ficou doente, muito doente. E para que ela ficasse boa, prometi ao meu santo protetor acender uma vela todo dia em sua homenagem”.

Como a porquinha não melhorasse, prometi-lhe duas velas...

Três velas depois ... a porquinha deu uma melhorada

Quatro...

Enfim, o maço todo. E a porquinha morreu, a promessa tinha sido demais.

A história simples rendeu adeptos.”

As urnas foram favoráveis. Vencemos as eleições e fui eleito prefeito de Joaçaba.

Em minha gestão, com o apoio unânime dos vereadores e de lideranças esclarecidas e visionárias, a UNOESC recebeu por doação o terreno onde está instalada, no bairro Flor da Serra.

E o aguerrido correligionário Dr. Edgar não me deixou parar. Fui eleito e reeleito deputado estadual em 1974 e 1978, respectivamente.

Devo ressaltar o apoio que tive dos colegas dentistas de nossa região, entusiasmandos e colaborando com nossa candidatura.

Desejo fazer menção especial e com intensa amizade ao Dr. Altair Moro, colega de grande capacidade. Tinha verdadeira obsessão e perseverança em seu trabalho. Prestativo a qualquer hora, atendia os clientes com o mesmo sorriso. Gostava de conversar e de escutar as pessoas. Foi vereador e presidente da câmara de Joaçaba e é lembrado pela seriedade e firmeza nas discussões e votação dos projetos. Companheiro

de caçada, que juntamente com seu pai fazíamos na fazenda de seu avô Wilibaldo Vier, primeiro dentista da região. Atirava mal, mas preparava apetitosa passarinhada. Tinha hábitos de fazendeiro. Criador de gado em sua pequena estância em Água Doce, sentia prazer nos afazeres campestres.

Sua morte não devia ter acontecido tão cedo...

Em Luzerna, que recentemente concedeu-me o título de “Cidadão Honorário”, alcancei a realização profissional e política.

Minha família, esposa Maria e os sete filhos, Newton, Winston, Suséle, Rita de Cássia, Wellington, Rosângela e Elton, nasceram e cresceram recebendo amizade a educação e o amor a terra.

Atualmente, junto com meu filho Elton continuo trabalhando como dentista, saudoso de um tempo e de um povo, certamente prelúdio celestial!

Este é o grande Nilson Germano Zunkowski, um irmão de armas, um político bem sucedido, um cidadão do Meio Oeste. Na sua breve história, contada por ele mesmo está explícita a alegria de viver dos puros de coração. Como foram os nossos colegas e íntimos amigos o Wilibaldo Vier e o Altair Moro que em épocas diferentes foram responsáveis pelos sorrisos de um comunidade muito especial: Luzerna, também conhecida como a Capital da Amizade.



FIG. 29. Dr. Nilson Germano Zunkowski, ao receber o título de Cidadão Luzernense (2005).

8.4. Dr. Luiz Gonzaga Losso

Entrevista concedida por Dr Luiz Gonzaga Losso a Maria Gabriela, nas dependências de seu consultório, em Joaçaba, em 20/07/05. Falou de sua carreira e da de sua esposa, Dra Raquel Baratieri Losso.

MG. Escolha da odontologia...

Eu era cliente de um dentista que fazia um trabalho interessante, inclusive se destacava em Florianópolis, um profissional bom, então a gente achou que era uma profissão digna, e o cara fazia com tanta vontade, que se pensou. Quando eu fiz o científico, fiz até o terceiro ano para fazer engenharia; quando chegou mais ou menos em setembro do terceiro ano eu comecei a pensar, não vou ser engenheiro, então passei para a área biológica; em princípio, pensei até em Medicina, mas depois comecei a lembrar da profissão de médico, e da de dentista, já tinha um primo formado em odontologia, então entrei em contato com ele, e decidi que era a odontologia.

Estudei na Universidade Federal de Santa Catarina; na época ainda era separada, ainda era na Rua São Francisco. Nós fomos a penúltima turma formada neste endereço nessa. Depois ela passou a ser no campus da Trindade. As disciplinas básicas eram feitas junto, com quem fazia medicina, depois dividia para cada setor. Formei em 1971, então ingressei em 1967.

MG. Teve contato com esse dentista?

Quando eu precisava de algum dente, eu ia lá no consultório dele, e a gente batia um papo. Meu contato maior com ele foi como cliente, eu acho que ele trabalhou bem, porque até hoje não perdi nenhum dente (risos!). O pessoal da minha idade, a maioria tem prótese, parcial.

Eu tive, durante a faculdade, afinidade com cirurgia. Fui agraciado com o bisturi de ouro. Até hoje, a gente é bem amigo dos professores da época, recentemente houve um encontro aqui em Treze Tílias; no fim, não sei bem por quê, nossa turma se destacou, os professores lembram bem da nossa turma, e às vezes não se lembram de turmas mais recentes, e quando nos encontram, fazem aquela festa.

Quando o curso começou, eram 43 alunos, 16 mulheres, um número bem expressivo, e eles achavam o máximo! Na época, mulher não fazia odontologia. Quando nós chegamos em Joaçaba, minha esposa foi atender, ela atendia muito criança, aí o filho

de um amigo nosso chegou em casa e disse: “mãe, mulher já é até dentista!” (risos!) Ela foi uma das primeiras, a gente começou a trabalhar em sindicato rural, posto de saúde, montou consultório, e fazia meio expediente no consultório e meio expediente em empregos.

Fomos colegas de turma. Eu vi que ela trabalhava bem! (risos!). Era bonitinha e trabalhava bem, então... Ela é de Capinzal. A minha irmã mais velha morava aqui; nas férias eu vinha, e naquela época, Florianópolis não tinha o poder aquisitivo que tem hoje, era cidade pequena; de nossa turma, acho que no máximo ficaram uns cinco, que eram dali, e resolveram ficar. Mas a maioria saía para o interior. Na época, o fundo rural dava emprego, então a gente pegava emprego no fundo rural, de meio expediente, e ficava meio período no consultório. Eu acho que, na proporção, naquela época pagavam mais; para se ter uma idéia, para quatro horas, ganhávamos, vamos dizer, mil reais. Para se ter uma idéia como o dinheiro rendia, nós montamos o consultório, pagávamos 100 reais a sala do consultório, pagava de 100 a 120 o aluguel de um apartamento, então a gente ganhava 2000 reais, e a despesa era baixa, uns 80 reais de supermercado. Com três anos de formado, eu já tinha apartamento na praia. Comparado com hoje, todas as profissões estão com dificuldades, hoje na odontologia não se consegue uma renda como se tinha na época. E também porque havia poucos profissionais.

Quando chegamos em Joaçaba havia 7 ou 8; na época, Joaçaba possuía indústria metalúrgica, no auge; na época eu trabalhava bastante com ouro; eu telefonava para a indústria em Curitiba, e pedia para mandar 200g. No início, a gente chegava em casa 9, 10 horas da noite, sábados, diretos.

Alugamos uma sala, tínhamos uma secretária, de manhã eu fazia o consultório e a Raquel ia no fundo rural; aí a tarde a gente fazia o contrário. Ficamos trabalhando assim por uns dez anos, mais ou menos, no emprego. Depois decidimos montar 2 consultórios; tinha muito trabalho, começou a chegar outros profissionais.

Na época, se fazia bastante prótese. No início, ainda se tinha a mentalidade de que o dente de leite não precisa cuidar, porque vai trocar; então, para fazer a cabeça da mãe das crianças, de que tinha que investir na dentição temporária era difícil; a maioria dos clientes da Raquel, que tinham na época 4 ou 5 anos, vêm hoje para fazer manutenção, porque não têm cárie. Nossos filhos, tenho um com 28 e outro com 30, nunca tiveram cárie.

Quando eu tinha 15 anos de formado, fiz uma especialização em Bauru, na periodontia. Uma aventura, agora os cursos são mais flexíveis, 1 semana por mês; o meu era todo fim de semana. Eu fui fazer porque eu tinha um cunhado, o Prof Baratieri, na época ele foi fazer mestrado e doutorado em Bauru, e ficou quatro anos morando lá. Ele

um dia me telefona e diz, “Losso, eu vou fazer periodontia no fim de semana.” Ele fazia dentística, tinha que fazer um pouco de periodontia para fazer um afastamento de gengiva. “Vem fazer, fica aqui em casa...” Resolvi fazer; não pensei muito. Eu pegava o ônibus aqui na quinta feira, amanhecia em Curitiba, ia de Curitiba a São Paulo, chegava meio-dia em SP, depois pegava outro até Bauru, às 5 h da tarde; tinha aula às 6h. Fazia aula das 6 até às 10:30h, noutro dia, o dia inteiro de aula e clínica, e saía da faculdade correndo às 5h para pegar o ônibus das 5:30h; e ia para SP, de SP a Curitiba, e de Curitiba a Joaçaba. Foi ótimo, mas depois de uns 3 meses, 3 colegas de Curitiba, que faziam outro curso lá, queriam fazer um transporte solidário, e convidaram para ir de carro junto; aí eu saía de ônibus de Joaçaba, chegava às 5h da manhã em Curitiba, e a gente pegava o carro e ia pelo interior, e chegava em Bauru à 1h da tarde. Tinha agora um horário para descansar, ler uma matéria, facilitou muito; a gente saía para Curitiba e chegava à meia-noite, e eu pegava à 1h da manhã o leito que vinha de SP para Joaçaba, chegava em casa de manhã, ganhava meio-dia.

MG. Outros dentistas que foram chegando em Joaçaba.

O Dr Mauri foi meu colega de turma. Depois vieram mais profissionais, as cidades próximas daqui começaram a crescer mais. Sempre fiz clínica geral. Na época em que nós trabalhamos aqui não tinha ortodontista, não tinha periodontista; eu fui o primeiro periodontista da região. Só tinha em Lages, Blumenau e Florianópolis, aqui no Estado. A gente tinha que fazer de tudo. A gente trabalhava em parceria com o Dr Mauri.

MG. Casos pitorescos.

Um caso que eu me lembro que é bem interessante, o desfecho foi com o Adgar; eu tinha uma paciente com uns 12 anos, ela tinha ausência do incisivo lateral. Lembro que tinham dois dentes, vou tirar um, e vamos ver o que acontece com o outro. Os dois dentes eram geminados, então tirei os dois. Aí, na época, estava começando a se falar em reimplante, eu pensei, vamos tentar reimplantar; peguei uma broca, separei os 2 dentes, a polpa ficou exposta, vamos reimplantar. Reimplantamos, depois de 1 tempo, a raiz se formou, atípica, mas se formou; E eu acho que ela perdeu o dente uns 10 anos depois. Ela veio uma vez aqui no meu consultório; ela fez um implante, mais tarde. Foi uma coisa boa, porque na época, se tivéssemos deixado sem dente, ia perder todo aquele osso.

Lembro de uma piada que se contava em Bauru; antes, as faculdades de odontologia eram muito mais voltadas para o curativo: era uma avó que, muito orgulhosa, que queria mostrar para a neta a faculdade, “eu sempre fui cliente aqui na

faculdade. Comecei quando eu tinha o teu tamanho e agora vim fazer as minhas duas dentaduras.”

Isso era a odontologia. Agora não. Hoje a maioria dos dentistas trabalha em equipe, monta-se uma equipe de 4 ou 5 profissionais, cada um na sua área. Assim, e mais fácil exercer a profissão, porque a gente sozinho tem que tomar algumas decisões sozinhas. Os pacientes preferem o clínico geral. Os meus clientes, quando temos que indicar, eles não querem. Isso tá virando um outro tipo de trabalho, pelo menos em Florianópolis está acontecendo assim: ele traz o outro profissional para a clínica dele. O paciente não gosta de sair da clínica. O paciente pode também sair da tua clínica e acabar ficando por lá. Hoje existem endodontistas que não têm consultório.

Eu às vezes estava fazendo um incluso, na época não existiam tantos recursos, ficava 2-3 horas fazendo. Aí chegava a Raquel, olhava, e dizia: “por que é que tu não põe a alavanca ali?” Às vezes você estava tão cansado, que já não sabia nem por que está errando. E a pessoa vem de fora, e vê. O trabalho em equipe hoje facilita em função disso, porque 2-3 profissionais juntos ali enxergam o que o outro não tá enxergando. Até hoje acontece, estou atendendo, chamo ela, pergunto o que ela acha, ou ela me chama, também pergunta. A Raquel fez Dentística; a gente fez mais ou menos uma divisão de trabalho, ela fazia criança, e a parte de Dentística, e eu fiquei mais com cirurgia, faço bastante incluso, periodontia, e prótese.

MG. O senhor tem algum filho dentista?

Não. Tenho um casal, e nenhum dos dois quis seguir a carreira dos pais. Até certa forma me alegro.

MG. Planos para o futuro.

Outro dia eu estava pensando com um colega, e ele dizia, “eu sempre pensei no dia em que ia parar, agora tá chegando a época e como é difícil. Parece assim um divórcio, parece que eu to traindo alguém, eu vou fechar o consultório” Eu também vou parar logo, mas a gente tem que começar a pensar, é difícil.

MG. Vinda da faculdade de odontologia para Joaçaba.

Eu acho que, para Joaçaba, em termos de número de profissionais, não é tão bom porque a gente sabe que muitos vêm aqui, gostam da cidade; vêm profissionais de fora para dar aula, a odontologia está passando por um período meio difícil. A gente tem clínica há bastante tempo e sente um pouco, dilui a clientela. Tendo uma faculdade aqui, há outro fator: tem muita gente daqui, fazendo. Então o que acontece, se eu tenho um

dentista na família, provavelmente meu filho, meu sobrinho, meu tio vai ser atendidos pelo parente. Por outro lado, o nível de atendimento para a população é melhor porque vêm profissionais com mais capacitação, e o próprio profissional da cidade, quando tem uma faculdade, tem possibilidade de fazer um curso. Aquele pessoal que vai ser atendido na faculdade não chega ao consultório privado.

Uma política que o governo deveria fazer para interiorizar e fixar o profissional no interior, os recém-formados, seria financiar o consultório, ele teria 5 ou 10 anos de carência para pagar, vai trabalhar meio expediente para o governo, ganhando uma renda x, eles deveriam ter a obrigação de ficar, pelo tempo para pagar o consultório; grande número acabaria ficando por lá; e se não acontecer isso, ele vai ficar lá por pelo menos aquele período. Seria uma maneira de interiorizar o profissional.

Aconteceu conosco, viemos para o interior, a família da Raquel é de Capinzal. A gente cria um vínculo, eu me sinto estranho em Florianópolis, já estou fora do meu meio. E a região aqui é muito boa.

Uma vez uma paciente se sentiu mal, apagou. Deu uma queda de pressão nela. Chamei o médico vizinho, ele disse deixa ela relaxada, e aguarda. Dali a pouco ela acordou, olhou para mim, e disse: “o que é que você está fazendo aqui no meu quarto?” (risos!)

Antes os medicamentos, creio que eram mais fortes, as agulhas eram mais traumáticas, e ainda tinha aquilo de ser atendido por prático, então o paciente já vinha com aquele trauma e aí contavam uma história, de que uma vez tinha ido tirar o dente com fulano de tal, e quebrou a raiz, quebrou não sei o quê. Como agora a odontologia já evoluiu mais, os pacientes vêm mais tranquilos. Os trabalhos traumáticos hoje diminuiram. É mais difícil hoje para o pessoal da faculdade conseguir dente, porque não acha mais. Hoje em dia não se faz mais extração de dente hígido. O que eu tenho bastante para dar para os alunos da faculdade é dente incluso, com problema periodontal. O pessoal agora tem uma educação diferente, a mídia joga muito a prevenção hoje; os jovens de hoje, para ter cárie, é muito difícil; tem-se o flúor na água de abastecimento, há mais possibilidade de controlar a dieta.

A gente tem notado que, em outros países, EUA e Europa, na população jovem, faz-se só prevenção, e ortodontia. O futuro da odontologia recente é implante, mas o futuro mais longe será também sem implante, salvo em casos de acidentes, de automóveis, ou esportivos.

Eu não gosto muito de indicar colutório para o paciente, porque a gente indica, e eles pensam que não precisa escovar tanto porque está usando o produto. Os piores pacientes são os mais velhos, pois não foram educados assim, os mais recentes já têm a

mentalidade de que tem que cuidar. Eu disse para um paciente: “sabia que a cárie pode ser transmitida pelo beijo? Então quando tu for escolher as meninas para ficar, tu olha primeiro se ela tá com os dentes limpos” Eles se espantam! “Não sabia, vou olhar com mais atenção!”

Um colega que trabalhou numa cidade perto de Blumenau, em Ibirama, e disse que um dia ele estava no consultório no sábado, aí chega um rapaz de terno azul marinho, gravata, dizendo: “O senhor pode atender a minha noiva?” “Tudo bem, espera só um minutinho para eu acabar de atender este cliente, e em seguida manda ela entrar.” Quando ela entrou, era uma noiva, vestida de noiva! (risos!) Véu e grinalda. Era do interior, e tava indo para casar na cidade, e no trajeto ela teve uma dor de dente, e antes de ir para a igreja ela passou no consultório do dentista.

Quando chegamos aqui, as estradas eram muito precárias, então muitos práticos atendiam ao longo da ferrovia. Atendiam em uma cidade, chegavam lá, montavam o equipamento, faziam extração, e dentadura. E depois iam para outro local.

9. Joaçaba (SC), Parte II

9.1. Dr. Adgar Zeferino Bittencourt

Entrevista com Dr. Adgar Zeferino Bittencourt, realizada em 15/07/05, em residência de Maria Gabriela.

Início por deduzir de onde saiu a Odontologia para nortear a minha vida. Quando terminei o curso científico no Colégio Santo Antonio de Blumenau liderei um grupo de estudos que procurava antever o destino dos seus membros pela forma que viviam o seu presente. Todos, naquela oportunidade, escrevemos algumas páginas de um livro deixando as impressões sobre os colegas e projetando no nosso entendimento de pós-adolescente. Estes escritos ficaram na posse de um responsável que promoveu uma festa de reencontro vinte anos depois. Quando cheguei à reunião e me declarei cirurgião-dentista a surpresa foi geral. Todos os colegas me haviam destinado à área de humanas ou sociais. A maioria entendia que eu devesse ter feito direito. Dentista, jamais.

De certa forma eu mesmo me surpreendi fazendo Odontologia. Até entrar na Universidade do Paraná tinha entrado duas vezes em um consultório dentário. Hoje refletindo sobre isso consigo atribuir a minha vocação ao primeiro atendimento que tive. Andava lá pelos treze anos. Estudava como interno no Colégio São José de Porto União onde me tornei, por força da convivência, um exímio goleiro de um time chamado de “Os Onze Irmãos”. Tínhamos por técnico, Frei Mariano que fora atleta profissional do América F.C. do Rio de Janeiro. Fazíamos, basicamente, duas coisas: estudar e jogar futebol. Numa das partidas que disputamos em uma localidade próxima, vi-me sozinho frente a um enorme polaco, apelido burro branco, que, com a bola dominada arremetia furioso em direção ao gol que eu defendia. Motivado pelos berros do “Boi” nosso técnico fui ao encontro do atacante, arrojé-me contra seus pés, segurei firme a pelota e recebi um chute na boca com a força e a violência de um latagão acostumado ao arado e à faina campeira. Lembro que tudo ficou escuro. Mil estrelas rodaram o meu céu em

pleno dia. Quando me dei conta, sangrava pela boca, pelas ventas e sentia um corpo estranho passando em minha boca. Era o incisivo central superior direito que saltara de seu leito e navegava boca a dentro. Sem saber o que estava fazendo, peguei o dito e enfiei-o em seu lugar. À noite tinha baile e eu não iria à festança desdentado. Fui atendido pelo time inteiro; retirado de campo, substituído, fiquei segurando uma garrafa de guaraná gelada contra meus arrebatados lábios, dentes, nariz. Era ordem do “Boi”:

- Segure firme e não se mecha que não vai nem doer! Doía *p’rá cacête*. Mas naquele tempo, homem não chorava e macho não piava.

No baile virei herói. Nosso time ganhou o torneio e admiração geral da “polacada” da região. Especialmente das mulheres. A minha cara estava deformada. Lábios de botocudo. Na época eu tinha semblante cor de cuia, meio índio. Tudo latejava. O dente mais do que o resto. Retornamos para o colégio ainda naquela noite. Dia seguinte amanheci com o rosto enorme, os olhos fechados, mancha rocha na altura dos olhos e o dente caindo. Fui levado ao dentista da cidade. Tratava-se de um senhor de meia idade, uns 35-40 anos, muito magro, muito alto. Usava um jaleco impecavelmente branco.

Eu estava apavorado, rosto muito inchado, muita dor. Sentei na cadeira odontológica pela primeira vez. O homem de branco me fez contar a história do que tinha acontecido. Procurou me acalmar. Constatando que o dente estava por cair, procurou consolar-me com palavras pausadas e olhar cativante.

- Como o seu dente vai cair mesmo vamos esperar a boca desinchar e então nem a anestesia vai doer. Caso você queira adiantar as coisas pode puxar o dente em casa que ele cai. Deu-me mais alguns conselhos e mandou lavar a boca com salmoura. Ao final encaminhou-me para a Farmácia com uma receita de vacina contra a infecção.

Sem fazer quase nada o doutor Fantástico, vamos chamá-lo assim por enquanto me fez o melhor tratamento possível para a época, 1958: não jogou o dente na lata do lixo, como qualquer outro faria. Encurtando a história, o incisivo não caiu, ficou escurinho, foi se firmando, o rosto e o nariz em poucos dias voltaram ao normal. Só a minha bunda é que guardou lembranças do incidente, por mais tempo. Uma área de necrose provocada pelas injeções deixaram-me sem sentar direito por várias semanas. Do dentista ficou a melhor das imagens.

Ainda em Blumenau cursei Contabilidade juntamente com o Científico. Em função disto conheci a primeira namorada, apaixonei-me perdidamente, lá pelos dezesseis anos. Ao cursar o terceiro ano já tinha emprego garantido e perspectivas de firmar compromisso e constituir família. Tinha decidido ficar só com o segundo grau. Nas férias de inverno, meu pai que pouco ou nunca se metia na minha vida revelou-me

que o avô, o pai dele, desejara muito que ele estudasse e fosse médico. Aliás, naquele tempo os fazendeiros, chamados coronéis - como o Chiruca, Meu Avô, destinavam os filhos para as faculdades para que fossem advogados, agrimensores, médicos ou até engenheiros. Advogados para defenderem as propriedades e as falcatruas do autoritarismo; agrimensores para garantir o maior pedaço das terras devolutas do estado; médicos para atender a população e virar político e engenheiros, não sei para que os engenheiros. Meu tio mais velho formou-se advogado, o segundo em agrimensura e pai foi para o exército, voltou para casa e casou. Acho que bem cedo se arrependeu. Assim insistiu comigo para que não repetisse o erro. Tentasse uma faculdade, pelo menos. Quem sabe medicina já que eu fizera com certo destaque os dois cursos médios. Mais para atender ao pai, do que por medo de repetir a frustração, acabei concordando.

Vai daí que as boas lembranças do dentista de Porto União me encaminharam para a Odontologia. Pensei:

- Para que tanto esforço com medicina. Vou fazer Odonto. É mais fácil. Na verdade o que queria mesmo era casar, trabalhar no Frigorífico Frigor com meu colega Yensen, filho do dono e ter um monte de filhos.

Acabei comprando o conjunto de apostilas do Albert Wanderlich, médico de Treze Tílias. Decidido a fazer o vestibular, para satisfazer o pai pedi tempo ao futuro empregador e em entendimento com a noiva internei-me em Nova Petrópolis logo após a formatura em Contabilidade. Devorei as apostilas, mais de quinze horas por dia. Meu pai achou que eu ia morrer de fome e de esforço. Um dia me mandou tomar banho. Eu não via passar os dias.

Em fevereiro, preparado, vim para a cidade e após um bom fim de semana de festas, apenas com a caneta e alguns trapos rumei para Curitiba. Naquela época o vestibular era feito em 3 ou 4 dias. Fui mal na prova de física. O sistema de vestibular de então permitia inscrever-se no geral e fazer opção pelo curso desejado. Passei em vigésimo quarto lugar no geral e fui o primeiro aluno na opção pela odontologia; o que significou passar em primeiro lugar no vestibular da Odonto. Foi o que bastou para jogar tudo para cima, casamento e tudo o mais.

Quando entrei na Odontologia não conhecia nada da área; mal e mal sabia escovar os dentes. Terminei o noivado, falei para a minha ex-futura esposa que ia demorar muito tempo para estudar, ganhar dinheiro, fazer uma família. Aí acabou, entre muitas lágrimas de ambas as partes. Mais tarde recebi uma carta com umas dez páginas, mostrando que o amor não era aquilo e tal.

Como não podia pagar escola, estudava na federal, também não tinha com que me sustentar. Morava na garagem da casa de uma tia, diretora de escola em Curitiba.

Precisava trabalhar em alguma coisa. Como as aulas começavam em março achei um emprego de garçom, das 17 às 2 horas da manhã, num bar na zona boêmia de Curitiba. Comecei a conhecer a cidade pela noite. O “King’s Dog Lanch” ficava na Alameda Cabral, próximo à Praça Ozório, cenáculo das bichas e dos biscates de última geração. A boemia de Curitiba acampava, quase sempre, por ali. Acabei conhecendo um monte de gente da noite.

Por força do destino, uma das professoras de minha tia deu um tiro no coco e abriu a vaga para a minha entrada na magistério secundário. De início dava poucas aulas. O ganho não chegava ao salário mínimo. Deixei a garagem da tia e fui morar num porão do atual Hotel Oásis, na Avenida Quinze em Curitiba. O quarto não tinha janela para a rua, apenas um fenda para ventilação aberta para a calçada. Por ela era possível enxergar as pernas dos passantes. Fomos usuários pioneiros em “televisão” ao vivo e a cores e isto em 1962!

Como o salário não chegava para as despesas, fazia uma refeição por dia no RU da UPE e catava o que dava nos intervalos da Escola noturna. A comida da UPE era vomitável e da pior qualidade nutricional. Comia-se o que a verba da permitia comprar. Por vezes a Universidade atrasava o repasse e aí era só macarrão da Todeschini, com molho indefinido. Numa manhã, na aula de histologia tudo escureceu na minha frente. Acordei rodeado de professores e colegas, na sala de café dos mestres. Tinha desmaiado de inanição, vulgo fome. Daquele dia em diante fui autorizado a dar uma passadinha na sala dos professores antes do início das aulas. Acabei íntimo do Pilotto, do Barretinho, do Cavanha, do Moreirinha, do Professor Bastos que na aula de materiais dentários passou a me chamar de flagelado. Foi um passo para a fama. Alguns colegas ensaiavam desfalecimentos e me gozavam... A popularidade foi aumentando.

Dei aulas de tudo: História e Geografia do Paraná, Biologia Educacional, Inglês sem saber uma palavra de inglês. O que importava era completar o horário noturno. Professor ganhava bem na década de sessenta. Com a função, nos quatro anos, paguei todas as despesas pessoais, comprei o primeiro consultório e consegui dar uma mão em casa e encaminhar a ninhada de irmãos: éramos sete. Acompanhava as aulas de Odontologia durante o dia e ia para escola até vinte e três horas, de segunda à sexta feira.

No final do primeiro ano fui selecionado para morar na casa do estudante. Chamava-se CEU e ali então era um ambiente estudantil universitário fantástico, porque era uma mordomia danada. Eu ganhava 5.400 não sei em que moeda e pagava 600 (cruzeiros) para ter casa, comida, roupa lavada, lazer, tudo. Gastava-se mais em cigarro do que na mensalidade da casa. Morava-se no paraíso. Como pagava muito pouco foi sobrando um dinheirinho. Comecei a participar de tudo o que era curso, palestra,

congresso; viajava sempre que podia; montei um banco particular e emprestava dinheiro a juros módicos. No segundo ano já tinha uma certa liderança na turma. Ajudei a publicar “O Boticão”, jornal oficial de diretório Guido Straube.

O jornal era mais social do que científico, mas tinha uns artigos de fundo, editorial, montagem e distribuição. Com estas relações e comunicação acabei diretor social da CEU. As portas de Curitiba estavam abertas.

MG: Isso dava outros contatos. O que significava ser diretor?

Na época, foi um pouco antes da revolução, do golpe militar de 64 o meio estudantil era uma efervescência só. Então essa coisa de ter chegado numa cidade que eu não conhecia e ter tido a sorte de entrar para a sociedade provinciana e conservadora de Curitiba rendeu muita satisfação e alguns incômodos. Acabei exercendo todos os cargos que a odontologia tinha de representação na União Paranaense dos Estudantes. Fui vice-presidente da organização e pertencia a ala progressista na política estudantil. Éramos muito organizados. Para poder legalizar o trabalho como professor fiz vestibular de Sociologia e cursei algumas disciplinas, juntamente, com a Odontologia. O fato de cursar o terceiro grau na área da educação me credenciava a dar aulas no secundário, em caráter provisório. Isto durou até o final da Odonto. Esta nova área do conhecimento despertou-me para o mundo da Educação. Dele jamais me afastaria. Os cursos funcionavam em instalações próximas; coisa de duas a três quadras. Era comum sair de uma aula de Anatomia na Odonto e correr para pegar uma parte da Antropologia na Sociologia. Como sou de gêmeos, isto até me dava prazer e muitas outras sensações. Mantive a inscrição na sociologia enquanto permaneci dando aulas.

Com isto tudo fiz um bom relacionamento em Curitiba. Ao final, quando estava me formando conhecia a nata curitibana. Contatos interessante. Conheci o Dalton Trevisan hoje considerado uma das maiores figuras da literatura do Paraná. Convivi com o filósofo Ermani Reichmann, gaúcho de Erechim, colega do meu pai em Passo Fundo, no Colégio Conceição. O Ermani, professor da UFP, filósofo especializado em Kierkegard e nele mesmo, figura ligada à política paranaense, foi ministro de estado no Gabinete Parlamentarista do Brochado da Rocha. Pelas mãos dele ingressei no corpo de revisores do jornal “O Estado do Paraná” dos Diários Associados. Foi um período muito rico do ponto de vista intelectual. Quando eu estava assim chegando ao final do curso arrumei uma namorada, manequim de televisão. Apaixonei-me, perdidamente, pela segunda vez. Comecei a me interessar pelo mundo da televisão. Mais portas se abriram para todas as famílias da capital.

Ao mesmo tempo fazia política partidária. Durante o golpe de 64 fui detido. Exercia cargo na Casa do Estudante e militava no PC. Fiquei detido durante 30 dias. O governador do estado era o coronel Ney Braga e o estado do Paraná estava assim: o povo era contra a revolução e o governo era a favor. E levamos um pau, por tudo o que foi lado. Acabamos presa fácil do exército. Sem julgamento, sem nada. Uns trinta dias depois mandaram a gente embora, sem dar nenhuma explicação, sem processo, sem nada. Foram experiências importantes para a vida e para a definição ideológica. Atualmente continuo de esquerda, detesto arrogância, regime de força e acho o exército desnecessário. Um atraso para a sociedade. Nesse período eu nunca deixei da odontologia, as aulas no secundário e o curso de sociologia.

Na formatura, em 1965, fui escolhido para orador da turma e recebi o prêmio de melhor aluno, a comenda Nilo Cairo, medalha de ouro que era distribuída aos profissionais da área da saúde e me credenciava para uma bolsa de pós-graduação. Tinha tudo para ficar no Paraná e entrar para o ensino superior.

A gente pensa uma coisa e a vida escreve outra. Quando tive que me decidir por ficar em Curitiba ou não, considerei que a minha família - eu era o mais velho - enfrentava dificuldades. Depois de mim eram mais seis e os pais tinham muitas carências. Os irmãos estavam começando a se desenvolver. Decidi-me por Joaçaba. Voltei para Santa Catarina para ficar de 6 meses a 1 ano. Queria retornar, e fazer o que eu sempre sonhei: carreira universitária, escrever, publicar.

Cheguei em Erval Velho no dia seguinte à minha formatura, 19 de dezembro de 1965. No dia 21 comecei a trabalhar com o dentista prático do lugar onde nasci, Ercílio Pirovano, figura humana de primeira, emedebé da marca “veia”. Nunca mais parei. Em abril de 1966 montei consultório em Joaçaba, com o dinheirinho que eu juntara como professor. A montagem em Joaçaba foi paga com dinheiro emprestado de minha avó. Pagava um jurinho para ela todo mês.

Quando a gente começa está solto no mundo. Vejam o que me aconteceu nos primeiros dias desta longa jornada de quarenta anos lendo a crônica “*Joaçaba 88 anos*”:

...Assim, comecei a pensar na Joaçaba que conheci, por definitivo há quarenta anos. Montei praça na avenida quinze e comecei a fazer a vida. Bem antes, lá por 1959, morei em Nova Petrópolis; valente Três Casas onde defendi o Ipiranga Esporte Clube. Viajava para disputar torneios dominicais num micro ônibus da União da Serra que chovia mais dentro do que fora. Cabiam os atletas sentados e a torcida feminina no

colo. O dito ou maldito tinha por mania quebrar na subida da zona da Jamila onde, vez por outra, a gente se obrigava a acoitar.

Em Joaçaba abri consultório no prédio do Pedro Granzotto, segundo andar, bem em frente ao Cine Avenida que ainda não existia. Como profissional da saúde fui me apresentar ao Dr. Picanço, então médico sanitarista chefe que, de imediato, pediu-me o diploma de dentista. Como estivera envolvido com o golpe de 64, o meu canudo só foi expedido anos depois. Apresentei-lhe um certificado assinado pelo diretor da Universidade do Paraná. Ele olhou - frente e verso- e sem, se quer, mirar a minha cara devolveu com uma frase que drenou o meu orgulho até a última gota:

- O Senhor não pode trabalhar. Está ilegal!

Para não mandá-lo tomar naquele lugar agradeci. Saí e fechei a porta. Fui para o novo endereço. Abri o consultório e menos de uma hora depois fiz atendimento e registrei a primeira ficha: Marcos Calliari. Isto já faz quarenta anos! Até hoje, ninguém mais me pediu o diploma. Alguns meses depois ouvi barulho na sala de espera e como não podia pagar secretária olhei pela fresta da porta e lá estava sentado um homem enorme, gordo, quase careca, cara amarrada, com um legítimo "faciae dolorosus" de quem não dormira por dor de dente. Respirei fundo. Abri a porta. Era o Dr. Picanço! Tremi na base. Gelei até os países baixos!

- Veio me fechar, pensei! Nada, era uma pulpíte! Ganhei-o como paciente e à sua família pelo resto dos seus dias em Joaçaba. Nunca falou no meu diploma! O Dr. Picanço era assim: um coração de ouro em uma embalagem de pedra.

Joaçaba foi crescendo e logo na frente do meu endereço surgia o majestoso Cine Avenida. Construído em tempo recorde, garboso e elegante. Foi esperado, dia a dia, pelos cinéfilos da cidade. O Dr. Miguel caprichou na arquitetura e na decoração. A entrada era pela frente. O peão se expunha a todas as garotas ao mesmo tempo. Era possível adivinhar até a cor da cueca do vivente. Recebi convite para participar da festa de inauguração. Senti-me mais do que honrado. Preparei a melhor roupa, a única. Ensaiei várias frases de efeito

para acompanhar, com uma delas, o abraço que daria no ilustre Miguel Russowsky, o melhor médico e empreendedor da cidade. Tinha-lhe respeito; quase medo. Entrei na fila dos cumprimentos. Chegou a minha vez. Cumprimentei o esculápio e taquei a minha frase de efeito:

- *Doutor, este é o seu canto de cisne?* O Miguel arregalou o olho e me respondeu:

- *Claro que não (seu imbecil) eu não vou morrer!* O grifo é por minha conta. Suponho que ele deva ter pensado assim. Mal sabia eu que além de médico e empreendedor, o Dr. Miguel, já naquela época, era o intelectual mais refinado desta paróquia e conhecia muito bem a obra de Tchekov. Depois da bola fora fui me esgueirando entre os comensais. Tratei de dar o fora. Não levou muito tempo, com a ida do Dr. Contim para Curitiba, o Dr. Miguel e sua família passaram a tratar comigo. Os anos colocaram o ilustre poeta no rol dos meus amigos mais queridos.

Assim, minha gente, nestes 88 anos de Joaçaba e meus já quarenta e tantos pude construir, tijolo a tijolo, o universo das minhas emoções. Elas me fazem mais feliz e abençoado a cada dia, por ser cidadão joaçabense, por trabalho e por amor. E por direito de uso!"

MG: A falta desse documento tinha implicações...

Naturalmente, o diploma era a prova social e jurídica da nossa habilitação. No entanto, era exigido do formado e ninguém perguntava aos práticos se estavam documentados ou não. A população era atendida em sua maioria pelos dentistas práticos de todos os quilates.

Na década de sessenta o Meio Oeste Catarinense passava por um período econômico muito característico. Havia uma mudança do plano produtivo. A indústria extrativista estava acabando com a madeira e com as florestas. A cultura do trigo perdia importância devido aos terrenos dobrados e de acesso difícil. A agricultura estava muito mal, enfim a cidade estava muito mal. Os pacientes minguavam. Não existia serviço de saúde pública. Tinha uma dentista, a doutora Vanda Laus, esposa do promotor que trabalhava em serviço público no posto de Saúde do Estado. Outro dentista a ocupar emprego no IAPTEC, hoje, INAMPS, chamado Osmino Schenider era prático e protegido pelo governo; ele não era formado, chegou aqui, era do PTB e tinha uma carta do Getúlio Vargas autorizando-o a trabalhar. Ele era aceito no serviço público assim.

Estava lá eu sendo considerado um marginal porque ia abrir consultório e sem o competente diploma, apenas com um certificado.

Apesar das circunstâncias comecei a trabalhar e atendia muito à noite. Durante o dia não tinha pacientes. Nas sextas-feiras, sábados e domingos trabalhava em Erval Velho no consultório do meu amigo prático (Ercílio Pirovano). Então o que eu fazia em Erval Velho mantinha Joaçaba. E sempre trabalhava das 19:00 às 23:00 horas, meia-noite, que era quando algumas pessoas do interior que foram me conhecendo apareciam. Eles iam para a roça, trabalhavam o dia inteiro; noitinha iam para casa, jantavam, e depois vinha a família inteira ao consultório. Lembro-me dos Tozatti, família grande, da Boa Esperança, região de Herval D'Oeste; “Seu Ângelo” vinha com 11 pessoas, trazia a Kombi cheia. Eu ia atendendo. Alguns, os menores, dormiam no chão, na sala de espera; os maiorzinhos traziam as namoradas e namorados e se amassavam nas escadas.

MG: o senhor atendia sozinho, não tinha ninguém que o ajudasse...

Atendia sempre sozinho. Não tinha dinheiro para pagar uma atendente; quem me ajudava na época quando a coisa apertava era a então namorada, depois eu vim a me casar com ela, a primeira esposa. Então ela ficava comigo enquanto podia, ajudava um pouco, mas eu não tinha assistente, não tinha nada. Mantinha um consultório bem razoável, para a época. Não se tinha raio X, mas meu consultório tinha todos os preparativos.

Como tinha sofrido um acidente, um trauma e mais tarde a extração de um primeiro molar, com muito sofrimento e dor passei a considerar a odontologia restauradora melhor de fazer. A moda dos anos sessenta era extrair ou arrancar os dentes, instalar dentadura, em jovens para evitar despesas futuras. De preferência com uma coroa século XX no incisivo lateral. Não entrei nessa. Eu era o dentista que sabia fazer coroas de jaquetas de acrílico e de porcelana. Enviava a prótese ao doutor Kasuma, dentista formado que atendia esta parte no Laboratório Zelinsky de quem fui grande amigo. Com o Radomil Zelinsky mantive produtiva amizade e relação comercial até sua morte, por ataque do coração numa terça feira de carnaval. Era um “polaco” muito gente boa, catarina da região de Piratuba.

Vou abrir um parêntesis para um comentário rápido. Outras duas famílias de protéticos de grande fama saíram aqui da região. Uma delas comandada pelo Vilmar Oliveira, de Urubici mantém um laboratório de muito bom nível no Alto da Glória em Curitiba e atende profissionais de renome como o Dr. Cláudio Cezar de Miranda. Já a família Calgaro, Joel e Bitó, saíram da Barra do Leão, às margens do Rio do Peixe e comandam um Laboratório de Prótese modelo, com produtos fornecidos para todo o

Brasil e exportados para vários países. Tenho tido a amizade e os serviços de todos eles o que, ao longo do tempo, muito qualificou a minha atividade clínica.

Aos poucos fui fechando o horário durante o dia também. Meu relacionamento em Joaçaba começou a se ampliar. Onze meses depois de ter iniciado já tinha o horário fechado e isto vem acontecendo há 40 anos. Nunca mais tive problemas de clientela.

Em 1966 quando comecei em Joaçaba o grupo de dentistas formados, de diversas origens, clínicos gerais faziam de tudo. Muitas extrações, prótese total, muita prótese removível. A odontologia praticada se assemelhava a do final do século XIX. Um problema grande era a constante falta de energia elétrica para não falar de outros tantos. Se chovia tinha luz; se não chovia não tinha. Os consultórios, quase todos eram dotados daquelas máquinas de pé, que você pedalava, movia uma roda, com uma correia que transmitia o esforço a um chicote com uma peça de mão em sua ponta e nela as brocas para preparo de cavidade. Era um desespero trabalhar com aquilo. Eu consegui usar essa broca para fazer técnica terceira, extrações difíceis, outras coisas eu não conseguia fazer. Quando não tinha luz, não trabalhava.

MG: era comum não ter luz?

Era freqüente. Em períodos de seca ficava às vezes 3-4 meses sem energia, não propriamente sem luz; tinha luz para “alumiar” mas não tinha luz para trabalhar. Água tratada também não tinha; faltava água; trabalhava-se com água de poço, então mais o problema econômico da região, foi muito difícil o início por aqui. Como era ruim para todos havia equilíbrio. Logo que pude, adquiri um módulo “portátil”, enorme, como um armário, um compressor embutido nele e um aparelho de alta rotação, seringa de ar e água. Foi um sucesso. Fazia um barulho dos diabos, mas era um grande avanço quando tinha energia.

MG: como foi resolvida a questão do diploma?

Ficou muito tempo sem conseguir, alguns anos depois, eu recebi oficialmente, registrado. Quando perguntado dava explicações e foi ficando. Um dia, sem mais aquela, liberaram o meu diploma e tudo bem. Acho que isto, também influenciou para a minha permanências na região, longe de grandes centros, em função da situação política que se agravava. Os anos de chumbo ia a seu meio.

As dificuldades econômicas fizeram com que os principais dentistas da época aqui optassem por outras cidades; Zeno Mendes, José Contim, João Borba, pessoas muito conhecidas, formados acabaram indo para Blumenau, Curitiba. O campo foi se ampliando, foi vindo mais gente nova. No ano de 1967 nós éramos em três dentistas no centro de Joaçaba, com idades próximas e os mesmos interesses. Resolvemos formar

uma sociedade e atender em equipe, dividindo funções e equipamentos. Fundamos uma das primeiras clínicas dentárias de Santa Catarina, aos moldes da Policlínica do ARS em Florianópolis onde estavam os professores da faculdade de Odontologia de Santa Catarina. Eles eram uns oito ou dez e faziam endodontia, periodontia, cirurgia... Hoje esses cidadãos todos estão no fim da vida, como eu. Fizemos muito sucesso; em função dessa clínica nos reunimos, o Dr. Hermano Zanoni, o Dr. Jumentino Baretta e eu, e fomos a Capital e ao sul do Estado para conhecer, tudo o que fosse serviço de odontologia em grupo; nossa intenção era, há 40 anos atrás, a de criar um seguro e fazer então um trabalho diferenciado; vender cotas como se fossem títulos de clube; na verdade a gente não tinha muita formação para isso. O que sabíamos era fazer alguma coisa na odontologia. Mesmo assim criamos o Serviço Cirúrgico Dentário (SECIDEN). Ele durou por muitos anos. Iniciamos o SECIDEN em 1967 e só o dissolvemos em 1978; fizemos uma sociedade com caixa única, um desastre. O que mais nos levou à sociedade foram as namoradas que cursavam o mesmo colégio e eram muito amigas. Esta e outras razões nos aproximaram, mais pelo hábito de estar juntos do que por outra coisa. Casamos em épocas próximas, tornamo-nos compadres de ida e de volta. Dividíamos as especialidades por afinidade; passei a fazer mais endodontia e as cirurgias que apareciam. O Dr. Jumentino fazia mais a parte de prótese e o Dr. Hermano tinha uma habilidade fantástica trabalhava muito bem com dentística. Enfim, por um longo tempo deu certo; como a gente tinha a ilusão de que ia fazer uma coisa muito grande acabamos montando consultórios em Água Doce e também em Campina da Alegria, na empresa Celulose Irani. Atendíamos as filiais em rodízio. Levantava-se de madrugada e de jipe, tração nas 4 rodas, não havia asfalto, saíamos de casa às 4:30-5:00 horas da manhã para chegar na Campina da Alegria, cinquenta quilômetros depois, às 8:00 horas. Era uma epopéia; uma viagem; aí ficava-se lá, sexta-feira o dia inteiro, sábado e domingo de manhã até o meio-dia. Duas boas vantagens: a empresa pagava na boca do caixa e descontava dos funcionários os valores atribuídos aos procedimentos e éramos recebidos na nababesca residência dos proprietários como visitas de destaque.

A gente pegava tudo o que aparecia. Mantínhamos um consultório em Erval d'Oeste; o Dr. Jumentino atendia lá; uma parte a gente atendia na nossa clínica-sede, que era o meu primeiro consultório. O Dr. Hermano não saía; não gostava muito. Ficava no consultório central e cuidava da administração geral; nós já tínhamos secretária, atendente; o que se arrecadava ia para o caixa geral. Pagavam-se as contas e rachava-se o bolo. As coisas foram bem por um tempo. Aí veio o casamento do Dr. Jumentino; depois casou o Hermano, e eu fui o último a casar em 1969.

Trabalhava-se, corria-se para todo o lado e resultado do bolo não estava chegando para sustentar as novas famílias. Em 1972, abrimos; separamos a clínica; o Dr Jumentino saiu. O Dr Hermano e eu continuamos e trabalhamos juntos até 1979. De vez em quando a gente agregava outro a título de experiência, mas nunca deu certo.

Mas, enfim, esse aspecto é importante de a gente colocar porque era uma necessidade que a gente tinha o trabalho em grupo, por causa do apoio, da segurança que isso passava; ao mesmo tempo em que atendia o consultório continuava dando aulas no cursinho e em escolas de nível médio.

Logo que cheguei em Joaçaba ingressei no magistério; continuei dando biologia nos colégios, Escola Normal Eugênio Marquetti, Celso Ramos, depois dei aula no cursinho, Cristo Rei, que era o colégio mais sofisticado. Sempre com vontade de continuar a ser professor fui desenvolvendo habilidade para a comunicação que era importante também no consultório.

Em 1970 fui convidado a atender os trabalhadores rurais. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais recebeu um consultório. Como estava metido na política, me convidaram e acabei abrindo, inaugurando o serviço deles de atendimento aos agricultores. Foi um inferno; nunca tinha exercido nenhuma atividade para os agricultores; tinha muito paciente particular; pagavam-me uma miséria para atender quatro horas e acabava sempre atendendo seis. Inicialmente atendi por convênio em meu próprio consultório; depois comecei a atender num consultório recebido do Ministério da Agricultura. Era o embrião do SUS. Gente, quando o agricultor tem direito, aí a coisa fica muito difícil!

Dividíamos os dias da semana por áreas de atividade; por exemplo, o distrito de Nova Petrópolis, era atendido na segunda feira, então vinha um tipo de gente; depois na terça feira, atendia a Vila Kenedy; na quarta feira Linha Bonitinho e assim a semana toda. Quando percebi que isso estava me prejudicando no consultório passei a função para o Dr Losso, Luiz Gonzaga Losso, que estava chegando na cidade. Isso foi em 1971 / 1972.

No início vai-se desenvolvendo o trabalho e dando conta das coisas. De repente começa a baixar uma insegurança porque você começa a ver que não está mais preparado. A odontologia estava evoluindo muito; no início da década de 70 eu comecei a viajar. Conheci o Dr Mauri Senz de Campos Novos. Íamos a congressos juntos. Numa dessas viagens, acho que foi no ano de 74, ou 75 estivemos num congresso no Rio de Janeiro. Assistimos ao lançamento, no Brasil, do primeiro sistema de fotopolimerização para tomada de presa das resinas compostas. Foi amor a primeira vista. Saia os olhos da cara. Mas dentista é assim: fez barulhinho, acendeu luzinha, compra! Então trouxemos

para Santa Catarina e compramos dois aparelhos, sistema NuvaFill, que era a grande novidade. Conhecemos também os princípios restauradores desenvolvidos por Buonoccore que era o promotor dessas resinas; nessas viagens nós conhecemos também o Gen Verhauss, pai da Periodontia Conservadora; compramos instrumentos de ultrassom- Cavitron; começamos a sofisticar um pouco o tratamento e a nossa atividade; nesse período conheci Louis Grossman, pai da endodontia moderna; estava velhinho, branquinho; nessa oportunidade assisti à apresentação da tese de mestrado do Mario Leonardo; ele apresentava determinado trabalho e o Grossman fez uma crítica violenta a metodologia do estudo, porque removia ápices humanos e fazia o histológico desses ápices. O Grossman dizia assim, “é incrível você ter um país em que as pessoas se dão um pedaço de sua boca para o cientista pesquisar “in vivo” e ninguém é processado... no meu país, nem com animais eu consigo isso”. Todo mundo entendeu que era preciosismo demais e o Mário não foi para a cadeia e é ainda hoje muito considerado no mundo endodôntico brasileiro.

E a gente foi viajando...

Embora eu tenha me formado pela Universidade Federal do Paraná, o primeiro curso de extensão que fiz foi sobre resina composta, com o Dioracy Fonterrada Vieira de São Paulo, em Florianópolis 1967, por aí; adotei Florianópolis e a escola da UFSC. Nunca mais voltei pra Curitiba. Fiz toda minha formação de pós-graduação, mestrado, tudo na capital catarinense.

Conheci também o grupo de Bauru, o pessoal do Waldir Janson. Comecei a fazer prótese, periodontia, e várias coisas em Bauru. Completei a minha formação em Reabilitação Oral com o grupo de Londrina, do Dr. Sebastião Simões Gomes. Na busca contínua de ir melhorando o atendimento, em 1979 fui fazer o primeiro curso de especialização.

MG: e era raro o dentista fazer especialização?

Era. Não tinha oferta e o que tinha era muito caro. Na verdade se fazia especialização em Buco-Maxilo-Facial ou em Ortodontia. Custava caro; os cursos eram em módulos, quando você prestava um exame, e se credenciava como especialista, nos Conselhos; em 1968 quando foram fundados os Conselhos profissionais (CROs), esses Conselhos foram fundados pelos Ministérios para o controle profissional mas também o controle de conduta por causa do posicionamento político dos profissionais liberais. Então o governo tinha lá o Ministério do Trabalho criou essas autarquias; na época eles mandavam simplesmente uma ordem e você não discutia, podia ir para a cadeia, eram os anos de chumbo, do AI-5 (Ato Inconstitucional no. 5), enfim o país era comandado por

uma ditadura, não tinha lei, não tinha nada. E nós recebemos uma comunicação em Joaçaba de que tínhamos até o dia 08/12/68 para nos inscrevermos no CRO, sob pena de fecharem os consultórios. Alugamos um avião, na época eu, o Jumentino e o Hermano. Já tínhamos a SECIDEN. Partimos para Florianópolis com o objetivo de fazer a tal da inscrição; de avião, a gente ganhava bem. Aí chegamos na capital no dia 08/12 e era feriado, dia santo, dia da nossa senhora de alguma coisa, e estava tudo fechado. Nós tínhamos um compromisso no dia seguinte. Era formatura de uma das namoradas, alguma coisa assim, e nós tínhamos que estar de volta. Nesses tempos levava-se dois a três dias para ir e dois a três dias para voltar, se você fosse por terra. Sabíamos quem era o presidente do CRO. Procuramos saber onde é que era a casa dele. Descobrimos e fomos até lá; e aí foi conosco também o Devanir que era o piloto. Chegamos na casa do dito presidente. Era assim uma dessas casinhas de açoriano, com uma área, e ele estava lá sentado, baixinho, pequenininho, os pés levantados, feriado, descansando, aí nós chegamos lá, a gente se apresentou e ele disse:

- Éh, só na segunda-feira!"Lembro-me devia ser quinta ou sexta, porque nosso compromisso no dia seguinte era sexta ou sábado. Aí o Hermaninho que era um branquinho, quase loiro, ficou vermelho ele falou:

- Aqui está a carta que vocês mandaram, e diz até o dia 08; o senhor vai nos atender! Eu nunca vira o Hermano falando assim. Aí o cara:

- Não, não vou!

- O senhor vai sim! Pegou na camisa dele, e disse:

- Nós fretamos avião em Joaçaba e o senhor vai nos atender; o senhor vai fazer a nossa inscrição! O nome do presidente do CRO era Miguel Manganeli Orofino. Pouco mais tarde ele morreu num acidente de avião na ilha; aí ele não teve saída. Colocamos ele no carro fomos até o CRO e ele fez a nossa inscrição, à mão! Aí nós agradecemos, levamos o dito de volta deixando-o no mesmo lugar. Fomos para o aeroporto; o avião pifou e não levantou vô. Chamamos um avião de Curitiba para nos pegar e nos trazer para não perder o compromisso. Foi assim que entramos no CRO. Não consigo esquecer a cara do Orofino, encolhendo na cadeira e o Hermano agarrado no colarinho dele:

-O Senhor vai nos atender! Foi uma tremenda covardia o que fizeram conosco, no fim prorrogaram o prazo.

MG: Como foi sua experiência como delegado do CRO?

Em função do incidente da inscrição ficamos mal vistos por lá. Revoltado escrevi umas cartas que acabaram arquivadas depois de ameaças de expulsão e outras represálias. Começamos no conselho brigando. Também, não me lembro porque, um dia

me nomearam delegado do CRO, alguns anos depois; eu acho que lá por 1975, por aí. Já estava casado, tinha uma filha e a minha mulher estava esperando o segundo, o Doutor Dax Dalton. Ele nasceu em 1975, foi mais ou menos nessa época; Tenho um episódio interessantíssimo como delegado; a primeira coisa que eu fiz foi me encher de poder; achei que era para valer mesmo; fiz um levantamento dos práticos da região; entendi que tinha autoridade; então fui pegando os policiais, ia com a polícia nos consultórios dos práticos e fazia um laudo de apreensão, mandava o cidadão fechar; fazia inquérito e ... nunca passou do inquérito; nunca chegou sequer ao conselho; na época cada dentista prático desses, nas comunidades do interior, estava ligado a um político, era cabo eleitoral, era protegido. Eles, também, estavam inseridos na sua gente. Eram compadres de todo mundo, inclusive da polícia a quem atendiam gratuitamente. Então não adiantava nada, fazia-se um processo, mas não adiantava nada.

... Um dentista de Videira, que tinha um consultório em Rio das Antas, um japonês chamado “*Toshiro... alguma coisa*” veio me buscar para apreender um gabinete de um prático, seu concorrente. Não tínhamos a menor orientação. Pensei, vou fazer o meu serviço. Fui na casa do meu pai, que já fora delegado de polícia no interior para tomar alguma informação:

- Tenho que fazer uma diligência! ele disse:

- Aonde? perguntou interessado

- Lá em Rio das Antas, fechar um prático, e queria o seu revólver emprestado.

Aí ele disse assim:

- Você já deu algum tiro alguma vez?

- Evidente que não! Respondi-lhe contrariado.

- Então é melhor você não levar o revólver. O homem vai lhe tomar a arma e vai lhe surrar com ele. Você ainda vai perder o revólver; então vai sem ele mesmo, não precisa levar nada”. Meio agastado e sem jeito saímos para a diligência. E aí nós fomos lá, fomos fechar o prático; quando cheguei na cidade, várias horas depois fomos na delegacia. Pedi para um policial me acompanhar para fazer o auto de apreensão, porque tem uma denúncia aí, de um dentista prático. O policial perguntou na bucha:

- Mas em que lugar tem dentista aqui? Não tem dentista aqui! Ele disse: Não conheço. Me disseram que tem um japonês de Videira aqui, agora, ele é formado; então vamos lá no japonês!

- Não, retruquei, o dentista japonês está aqui e fez a denúncia! Ele está dizendo que o é fulano de tal...é dentista prático.

-De jeito nenhum, o fulano de tal é sapateiro. Que eu saiba, nunca arrancou um dente na vida dele. Respondeu o policial-delegado.

Nesta altura o japonês passou do amarelo para o vermelho e foi de dedo em cima do delegado:

- Então vamos lá ver no local. O senhor está acobertando um crime contra a saúde pública!

Chegamos no local era verdade. O tal dentista prático tinha um consultório do lado de dentro e a sapataria do lado de fora. Na parede, alvará de sapateiro. Naquele momento estava trabalhando de sapateiro. A comunidade toda protegia ele, porque morava lá, nasceu lá, os filhos dele nasceram lá, quer dizer, ele era dentista, legalizado para aquela comunidade. Aí eu cheguei, cumprimentei, e disse:

- Vim conhecer o senhor, disseram que o senhor era dentista. Ele, bem treinado respondeu:

- Não! Já fui dentista, se o senhor quer ver, eu tenho meus equipamentos, tudo guardado, estão ali numa sala, fechado, porque me disseram que tem um dentista formado que vem aí!

O desgraçado do japonês não me acompanhou. Borrara-se de medo de enfrentar o concorrente cara a cara. Fui com o policial que acabou me gozando:

-Eu disse para o senhor que o homem não era dentista! Tudo bem. Cumprimentei o colega, tomei umas cuias de chimarrão e tal. Dei-lhe o conselho de vender o equipamento para evitar que alguém fizesse uma denúncia e o polícia pudesse tomar dele o gabinete. Despedi-me do gentil sapateiro e do delegado local. Fiquei sabendo dias depois que logo que a gente saiu e foi embora, ele atendeu o próximo paciente, que tava esperando no interior da casa

Assim, como delegado do CRO na época, a lei existia, ninguém cumpria não adiantava mexer nessa coisa; os práticos foram parando de trabalhar ao longo do tempo. Acredito que eles eram indispensáveis aonde eles estavam. Por várias vezes tive a oportunidade ajudar dentistas práticos em dificuldade. Tenho práticos que são bons amigos. Encaminham pacientes e tem muito respeito pela gente. O dentista prático está desaparecendo, por forças das circunstâncias. A concorrência está grande, os recém-formados estão aí, e não há mais necessidade desse tipo de atendimento.

MG: e clinicamente, o que era feito?

Nós tínhamos uma clínica de atendimento geral. Atendia-se de tudo. Fazíamos algumas aventuras até na ortodontia; fazíamos aparelhos móveis. Aos poucos fomos consolidando o nosso trabalho, mais para o campo restaurador; hoje, 40 anos de formado, ainda tenho pacientes que usam próteses que eu fiz há 30 anos atrás; que usam restaurações que foram feitas nesse período todo. Mas, como eu disse, a gente trabalhava

num grupo, e eu continuei trabalhando com o Dr Hermano até 1979. Neste ano ele fez especialização em endodontia, e eu fiquei na clínica, trabalhando e rachando; quando ele retornou o combinado é que eu iria para Londrina; aí não deu certo; ele achou que não dava, ele ficar e eu ir, na verdade, isso funcionava bem nas minhas costas. Acabamos nos separando; cada um foi para o seu lado; compramos duas salas comerciais e livramos-nos do aluguel. Passei a tender individualmente. Tínhamos uma outra mentalidade. Procurava fazer uma odontologia conservadora, tanto é que quem introduziu em Joaçaba o fio dental fui eu. Fui eu quem mandou as farmácias comprar. Uso de máscara, uso de luva, tudo começou no meu consultório. E o resto era uma bagunça só; então a gente foi evoluindo, a gente foi melhorando, de tal forma que Joaçaba passou a ser diferenciada na Odontologia em comparação com as outras cidades da região. E isso permanece até hoje. Acho que o nosso trabalho contribuiu muito para esta posição regional. Mais tarde vieram outros que montaram outros tipos de atividades, mesmo outras clínicas, eu lembro do Dr. Roberto Rofner, do Dr Celso Brancher. Mudamos a nossa clínica mais para o centro e vendemos o ponto para os recém chegados que se instalaram em frente ao cine Avenida. Muitos outros se instalam por aí, na cidade. Alguns nem conheço ainda. Mas a maioria, ao instalar-se em Joaçaba, sempre levou em conta a conduta que implantamos por aqui há quarenta anos.

MG: Como foi a ida para a UNIVALI, seu envolvimento com a Faculdade de Odontologia de lá?

Bem, em 1979 eu fui fazer especialização. Como o Dr Hermano fez em endodontia, e não deu certo a sociedade, eu achava que não deveria ficar nas mãos da endodontia dele, porque não era nem justo, eu iria depender do trabalho dele, e na época não era tão fácil o paciente entender isto. Fui fazer especialidade em endodontia, em Florianópolis com o Prof Ilson Soares, e dessa parceria veio a oportunidade de fazer periodontia com os professores da Federal; como tinha meio dia livre, chegava de ônibus de madrugada na sexta feira e fazia aula nas sextas à tarde, noite e sábado, então na sexta de manhã Ilson conseguiu que o Professor Daltro Halla me recebesse no consultório dele e durante um ano eu fiz uma espécie de residência lá. Aprendi tudo o que pude em matéria de periodontia. Quando eu terminei o curso de endodontia (79), o Professor Ilson me convidou para continuar dando aula no curso de endodontia dele e fiquei; era na Universidade Federal. Dois ou três anos depois comecei a apostar cada vez mais na pesquisa, publiquei os primeiros trabalhos e aí surgiu um concurso; em 1983 eu fiz concurso e passei como auxiliar de ensino na Universidade Federal de Santa Catarina. E aí eu tinha que decidir: ou ia morar na capital ou ia continuar por aqui. Mas a

minha família, tinha já três filhos e minha esposa não queria mudar de Joaçaba. Sua família é daqui, enfim, não houve acerto. Eu acabei não assumindo. Sou professor concursado pela Federal, tenho licença sem vencimento; mas continuei dando aula, na especialização da endodontia. Encarreguei-me das aulas de endo-perio e de traumatismo. Fui fazendo alguns trabalhos em animais, isso tudo perdurou até 1985, mais ou menos. Aí o Ilson abriu curso de especialização na PUC do Paraná e passei a dar aula na PUC também; dava aula na especialização, morava em Joaçaba, trabalhava em consultório, e dava aula nos dois cursos, em Florianópolis e no de Curitiba.

Em 1988 a UNIVALI, de Itajaí abriu curso de odontologia. Um dos professores do grupo fez especialização comigo. O Nestor Antonio de Carvalho era capitão da polícia e dava aula de Fisiologia na UNIVALI. À medida que o curso foi chegando na parte profissionalizante eles pediram para o Professor Ilson que indicasse alguém para ser responsável pela disciplina de Endodontia. Aí o Ilson me indicou. Fui até Itajaí. Da construção da Clínica não tinha nada, só uns 4 postes no chão. Era mês de setembro e eles pretendiam dar aula no local no mês de fevereiro. Eu disse que sim:

- Posso vir para cá uma vez por semana. Estabelecemos um salário, enfim, assumi a disciplina de endodontia da UNIVALI; Continuei dando aula na especialização, em Florianópolis e Curitiba. Assumi na UNIVALI em 1989/90, por aí; fiquei dez anos por lá, até 1998. Criei dentro do curso de graduação a disciplina de endodontia que até hoje é referência. É uma disciplina muito conceituada. Recebíamos todo ano homenagem dos alunos; fizemos muitos trabalhos; fizemos um curso de especialização; escrevemos muita coisa. Particpei de dois livros na época. Foi uma experiência muito grande.

MG: aí o senhor pôde acompanhar todo o processo de formação de um curso de odontologia...

Sim, do início ao final, participei de todo o trâmite de fundação até a formação das primeiras turmas da UNIVALI. Orientados pelo Professor Telmo Mesadri construímos um curso conceito A na instituição. Inicialmente voltado para a promoção da saúde e saúde coletiva. Uma excelente equipe de professores ligados à saúde coletiva foram responsáveis por este viés por um bom tempo. Desentendimentos e estrelismo exagerado acabaram por afastar o grupo de Saúde Coletivo do corpo docente e a escola perdeu seu rumo inicial.

MG: Mestrado...

A medida que o curso de Itajaí me envolvia na Educação superior fui fazer mestrado em Florianópolis em 1994. O Ilson lançou o “stritu sensu” com seis vagas e uma delas me foi oferecida. Levei uma professora do meu grupo da UNIVALI, a Márcia; de Curitiba veio a Vânia, atualmente é titular da PUC; dois professores da disciplina de Florianópolis, Wilson Tadeu Filipe e a Mara; e a Jussara, professora de Porto Alegre. O curso de Mestrado em tempo integral e presencial obrigou-me a parar o serviço em Joaçaba por dois anos; foi a época em que mais estudei; fiquei mais tempo ligado com a endodontia; fizemos muita pesquisa; trabalhamos muito; desse trabalho nosso surgiu o livro “Fundamentos da Endodontia” do Prof Ilson, onde há várias referências a nosso grupo.

O Mestrado foi um momento decisivo na minha vida profissional. Foi a primeira experiência em Santa Catarina em “strictu sensu” na área de endodontia. Foi montado em cima da personalidade do professor Ilson Soares. Nós trabalhamos muito. Foi uma prática muito interessante. Fizemos pesquisa de todas as linhas ligadas à endodontia; trabalhamos muito com animais. Montei a minha dissertação na Engenharia Mecânica, com a orientação do Professor Sérgio Colli, sobre calor, sobre a influência da temperatura no comportamento da polpa. Fizemos um modelo experimental sofisticado, o que levou a gente a aprofundar tudo o que foi possível dentro do assunto. Nós estávamos, na verdade, sendo vítimas, escrevendo textos que depois acabaram virando um livro para o qual não recebemos crédito correspondente ao esforço despendido. Hoje acho que essa não é bem a função do mestrado, mas nós infelizmente tivemos esse problema.

Quando saí de Joaçaba, o período em que fiz o mestrado serviu para tomar decisões importantes na minha vida. Mais cedo ou mais tarde eu teria que decidir se iria fazer academia, ou continuar somente consultório. E aí não pude fazer novamente o que gostava. Não consegui levar a família para a UNIVALI; fui convidado para várias ações; cheguei muito próximo da pró-reitoria; fui indicado para coordenar o curso. São coisas que acabaram não acontecendo em função da dificuldade de sair do Meio Oeste e ir para o litoral.

Durante esse período enfrentei o falecimento da minha filha, em acidente. Foram três anos em que a vida ficou envolvida nisso. Acabei vindo para cá, para Joaçaba, para ficar por aqui. Continuei dando aulas em Itajaí, só na Endodontia, toda segunda feira. Viajava no domingo, na parte da tarde e retornava na segunda feira. Chegava em Joaçaba à uma hora da manhã da terça e depois fazia consultório normal.

Em 1997 o Professor Cimadon convidou-me para pensar a Área da Saúde na UNOESC-Joaçaba. Ela estava começando a crescer. Então eu trouxe toda a experiência que adquiri em Itajaí e montei o Curso de Odontologia. A partir de 1998 trabalhamos o ano todo no projeto, em 1999 começamos o curso. Finalmente um sonho acalentado por toda a vida começava a acontecer. Como não conseguia me mover para a academia, acabei trazendo a academia para o meu ambiente de vida.

MG: Qual foi a reação, as repercussões do anúncio de uma faculdade de odontologia aqui na região?

O pessoal primeiro fica reticente, pensamos como isso é possível, como vai ser feito; a experiência tem demonstrado, durante toda a vida, que se você investe nas pessoas, as pessoas fazem, então é possível de se conseguir resultado. Quando comecei a fazer o projeto do curso de odontologia aqui, a primeira pessoa que convidei foi o coordenador do curso de odontologia de Itajaí, Professor Telmo Mesadri; o Telmo foi objetivo, dizendo:

- Não há razão para se ter muitos cursos no litoral, mas é importante ter um curso no interior, um pelo menos. E coincidentemente, quando ele começou a nos orientar começou, também, a orientar o curso de Lages, que acabou saindo no mesmo ano. Isso não gerou conflito, gerou uma coincidência; na UNIVALI eu conheci o grupo ligado à saúde coletiva, que era comandado na época pelo Professor Marco Aurélio de Anselmo Peres, pelo Professor Jefferson Traebert, pela Josimari Lacerda; eles davam enfoque ao curso voltado para a saúde, de atendimento aos problemas odontológicos. Eu achava isto inovador. Tentaram mudar toda a estrutura da escola, e houve alguns conflitos. Eles acabaram sendo mandados embora; o grupo todo saiu e a UNIVALI alterou seu projeto pedagógico colocando-o em outra direção.

Quando comecei a fazer o Projeto em Joaçaba cheguei à conclusão de que os dentistas que nós tínhamos na região não tinham preparo nenhum para serem professores da nova escola; e a escola não tinha condições de trazer professores de fora para dar o curso de odontologia ao nível que a gente desejava. Aí então conversando com os dirigentes da UNOESC, sugeri que a gente contratasse uma equipe e antes de fazer o curso de odontologia, fizéssemos uma especialização em Odontologia em Saúde Coletiva, para criar um grupo com pensamento único, já que esse seria um eixo importante para a Odontologia futura. Para sentir melhor o que estávamos enfrentando leiam o prefácio do Caderno de Saúde que lançamos no momento da formatura da primeira turma.

" Apresentação do Primeiro Caderno de Saúde. 19.02.05"

Nos idos de 1998, por convite da Pró-Reitoria de Administração da UNOESC-Joaçaba, ingressei no quadro de docentes com a incumbência de instalar em Joaçaba um curso de Odontologia e dar um rumo para a área da saúde na Universidade do Oeste que então contava apenas com o Curso de Psicologia e com o Curso de Fisioterapia em implantação.

Num primeiro momento mostrei aos dirigentes da instituição a gravidade desta decisão e as dificuldades de toda ordem para a sua execução. Constatando que a vontade de fazer eclodir em Joaçaba a área da saúde e que no devido tempo, os recursos necessários e a formação do pessoal seriam privilegiados pedi as contas na UNIVALI em Itajaí-SC, onde trabalhei por uma década, no curso de Odontologia. Aportei na "nova casa" com a cara e a coragem de concretizar um sonho de há muito acalentado.

Aos poucos foi crescendo o Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Odontologia da UNOESC-Joaçaba. Inicialmente fui me conduzindo pela mão experiente dos dirigentes do Curso da Univali de Itajaí. No momento seguinte, o projeto mudou seu rumo incorporando os modernos conceitos de preservação e de promoção da saúde bucal da população, então em evidência em razão da ampla divulgação das políticas públicas para a saúde.

A perda de mercado da Odontologia tradicional causada pelo controle das doenças mais comuns da cavidade bucal, o baixo poder aquisitivo da população brasileira, cada vez mais distantes dos consultórios odontológicos, a proliferação de cursos de Odontologia no país sem maiores diferenciais e a visão clara e sensata de que mais vale e é mais barato prevenir o mal do que tratá-lo, ao longo do tempo, acabaram sendo os norteadores deste projeto de formação de novos dentistas.

A grande questão estava em como implantar um curso com uma visão de promoção de saúde, sem pessoal docente com formação na filosofia da prevenção desejada. Os profissionais da região, docentes em potencial, todos eram egressos de cursos tradicionais, tecnicistas e

com programas baseados no tratamento da seqüela e não na prevenção das doenças. Como a dificuldade costuma ser a mãe da criação, antes de instalarmos o curso de Odontologia, fundamos a Escola de Aperfeiçoamento Profissional da ABO- em convênio com a Associação Brasileira de Odontologia – Regional de Joaçaba com a intenção de oferecer um curso de Especialização em Odontologia em Saúde Coletiva. Três dezenas de profissionais foram selecionados e uma equipe de renomados professores provindos das capitais mais próximas encarregaram-se de burilar as mentes dos futuros docentes do Curso de Odontologia da Unoesc-Joaçaba. Assim, no ano de 2000 iniciamos o curso de graduação em Odontologia com seu projeto político pedagógico focado na Saúde Coletiva para ser desenvolvido em dez semestres e em cinco mil horas de atividades.

Ao longo do tempo, sem esquecer a formação técnica dos acadêmicos para atender a todas as especialidades da profissão odontológica, mas procuramos envolver o aluno na realidade regional do Meio e Extremo Oeste do Estado de Santa Catarina, do Noroeste do Rio Grande do Sul e Sudoeste do Paraná de onde a maioria era oriunda. Começamos a observar que não se tinham dados reais de absolutamente nada em toda a região. A curiosidade aguçada pela necessidade do embasamento científico das informações a serem transmitidas aos alunos e à população foi gerando as primeiras investigações científicas. Daí para chegar à pesquisa o caminho estava pavimentado.

Tendo como dever exigido pelo PPP do Curso de Odontologia a apresentação de um trabalho de conclusão de curso para receber o título de Cirurgião Dentista, desde logo os alunos voltaram a sua curiosidade científica para este objetivo e utilizaram os programas de Iniciação Científica dos órgãos de fomento nacionais, estaduais e da própria Unoesc para financiar suas pesquisas. Desta forma, enquanto exercitavam a sua formação profissional específica, paralelamente desenvolviam o gosto e a excitação pela investigação. É bem verdade que algumas coincidências favoreceram estas circunstâncias. Entre elas a reunião, no corpo docente, de professores oriundos de centros

reconhecidos no desenvolvimento de pesquisa científica. Assim, na amostra científica que publicamos neste número especial poder-se-á verificar que vários trabalhos foram feitos em conjunto com a Universidade de São Paulo, por exemplo.

A determinação das disciplinas de metodologia científica, metodologia da pesquisa e de produção de texto, entre outras, e o entusiasmo de um sem número de professores orientadores produziram o resultado que a todos surpreendeu. De repente, estavam em nosso poder mais de uma dezena de estudos qualificados como acima da média e prontos para alçarem o vôo da águia em busca do reconhecimento científico. Testados aprioristicamente, buscando um parâmetro de qualidade a maioria deles quando transformados em artigos científicos tiveram aceitação, publicação e respaldo de revistas internacionais de relevância científica como o **Journal Esthetic and Restorative Dentistry, Operative Dentistry, Acta Odontológica Scandinavica**. Outros mais que ainda não foram publicados estão em processo de espera, mas não restam dúvidas de que no devido tempo também terão o reconhecimento científico da publicação.

Diante do exposto, enquanto dirigente acadêmico e professor do curso de Odontologia da UNOESC de Joaçaba consideramos que esta publicação é o reconhecimento claro de que atingimos o objetivo traçado. Resta-nos, também, assumir a responsabilidade por quaisquer possíveis senões científicos que possam vir a acontecer na análise mais profunda das publicações pela abalizada comunidade acadêmica odontológica.

Aos nossos alunos e a seus orientadores fica a mensagem do eterno agradecimento pela sua dedicação e pela oportunidade de estarmos vivendo juntos os cinco anos mais importantes de nossas vidas. Podemos considerar, ainda, pelos títulos que vão se seguir a esta apresentação que o outro lado da missão também foi conquistado. Além de definirmos como objetivo específico a formação acadêmico de novos profissionais para a Odontologia tivemos a pretensão de esculpir um novo cidadão para interagir na área da saúde do nosso país. Eis, pois, os cuidadores da saúde que estamos entregando à

sociedade. São gente, homens e mulheres, com elevado espírito público e que souberam desenvolver o gosto pelo científico e a busca pelo inusitado. Assim chegaram à pesquisa, abusando do trabalho e do rigor da verdade científica. Temos a pretensão, também, de que modelamos novos cidadãos, com metas claras, baseadas no ser humano e na capacidade de ser, interagindo com o seu tempo e com o seu mundo . E como o cuidado parece ser a principal virtude capaz de devolver o homem a seu mundo e ao seu semelhante vamos encerrar esta nova visão do homem dedicando a vida a seu semelhante com as palavras do filósofo Leonardo Boff que afirma: “ **Quando dizemos ser-no-mundo não expressamos uma determinação geográfica como estar na natureza, junto com plantas, animais e outros seres humanos. Isto pode estar incluído, mas a compreensão de ser-no-mundo é mais abrangente. Significa uma forma de existir e de co-existir, de estar presente, de navegar na realidade e de relacionar-se com todas as coisas do mundo. Nessa co-existência e con-vivência, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua autoconsciência e sua identidade.... Fundamentalmente, há dois modos básicos de ser-no-mundo: o trabalho e o cuidado. Aí emerge o processo de construção da realidade humana. O modo-de-ser-no-mundo pelo trabalho se dá na forma de inter-ação, de intervenção. O outro modo de ser-no-mundo se realiza pelo cuidado. O cuidado não se opõe ao trabalho, mas lhe confere uma tonalidade diferente. Pelo cuidado não vemos a natureza e tudo o que nela existe como objetos. A relação não é sujeito-objeto, mas sujeito-sujeito....Cuidar das coisas implica em intimidade, senti-las dentro, acolhê-las, respeitá-las, dar-lhes sossego e repouso. Cuidar é estar em sintonia com, auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com ele.... Este modo de ser-no-mundo, na forma de cuidado, permite ao ser humano viver a experiência fundamental do valor, daquilo que tem importância e definitivamente conta. Não do valor utilitarista, só para o seu uso, mas do valor intrínseco às coisas. A partir desse valor substantivo emerge a dimensão de alteridade, de respeito, de sacralidade, de reciprocidade e de complementaridade”.....**

Enfim, eis aí o que entendemos serem os autores, seu cenário e sua obra. É preciso entendermos os conceitos que virão expostos a seguir como o fruto da imensa dedicação de professores e alunos de um Curso de Odontologia que por ser novo, ousou caminhos e vãos muito além do esperado e por não ter parâmetros em que se basear acabou inventando o seu próprio futuro.

A Saúde Coletiva não era objeto na época de muita discussão na Odontologia Brasileira. No entanto, era meu convencimento de que nela o futuro estava mais próximo. Os dirigentes da UNOESC disseram que eu tinha carta branca para fazer o que quisesse. Fiz contato com o Sylvio Gerværde de Curitiba, não tive bom resultado, todos estavam muito absorvidos; sou colega de turma do Professor Leo Krieger, e por meio do Leo cheguei ao grupo de Florianópolis; fui até lá, e na casa do Marco Peres, nos encontramos. Fiz a proposta para ele: montar em Joaçaba um curso de especialização em Saúde Coletiva. Na época eles estavam disponíveis, não totalmente, mas estavam, eles vieram para cá, escreveram o projeto, a Josimari veio coordenar o curso, e nós convidamos todos os dentistas da região. De todos, selecionamos 32, e já colocamos nas diversas disciplinas, para montar o nosso projeto pedagógico. Demos mais ou menos uma condição: ou você faz o curso, ou não entra no Projeto. E praticamente todos aderiram. Como nós não tínhamos curso de graduação, fundamos aqui a Escola de Aperfeiçoamento Profissional (EAP) ligada à ABO (Associação Brasileira de Odontologia), e foi a ABO que qualificou o grupo. Foram perto de 900 horas de um curso muito puxado. O Telmo Mesadri acabou sabendo que eu tinha contratado o grupo de Saúde Coletiva de Florianópolis. Não tínhamos nada a esconder. Ele se incomodou muito, me chamou; o pessoal desse grupo era conflitante com Itajaí. Estavam na Justiça contra a UNIVALI. Acabei, também, me desgostando disso, e me desliguei da UNIVALI e me estabelecendo definitivamente em Joaçaba. Mas essa rixa durou pouco, isso ocorreu em outubro, o curso iria começar em março. Convidei o Telmo para a aula inaugural do novo curso e aí ficou tudo em paz.

Os professores que formavam esse grupo, alunos da especialização, foram aos poucos colocados dentro da escola, e o curso de odontologia da UNOESC nasceu com essas pessoas, voltado para a Saúde Coletiva, para a Promoção da Saúde, para a Prevenção. O aperfeiçoamento continuou com o Programa de Mestrado em Saúde Coletiva. Então agregamos outros valores, pessoal de São Paulo (Maria Gabriela, Edgar Michel), e hoje nós temos um programa muito sólido, que tem sido responsável também por uma qualidade de formação de docentes invejável. Surpreendentemente essa resposta dos

dentistas que acabaram entrando foi extraordinária, porque eles começaram a ver que, ao estar entrando para dar aula, envolvendo-se na academia, melhoravam a atividade dos seus consultórios. Então hoje a odontologia da região está toda ligada à academia.

MG: De que maneira a entrada para a academia pode ter mudado a prática clínica no consultório?

Os próprios dentistas abriram suas cabeças para o conhecimento. Começaram a oferecer mais e melhores serviços para seus pacientes; ao mesmo tempo, com a entrada da Universidade, do Curso de Odontologia, houve uma massificação da necessidade da Saúde Bucal. Então os nossos alunos, nas comunidades, estão produzindo novos pacientes. As pessoas atingidas estão se auto-educando para a conservação da saúde bucal. Antes não tinham motivação nenhuma. Agora, independente de classe social, como há bastante oferta de serviços, também há muito mais oferta de pacientes. Hoje as pessoas vão à Universidade para receber procedimentos básicos e acabam indo para os consultórios para fazer complementação, fazer prótese, cirurgia, endodontia. O curso contribuiu para a qualificação dos dentistas e para a mudança de mentalidade das pessoas. É muito raro você encontrar gente na região, mesmo bem pobres sem dentes; isso acontece cada vez menos. A saúde bucal na região de influência da universidade melhorou muito e ao mesmo tempo as pessoas ganharam mais ainda.

MG: E essa sua participação na UNOESC, ou seja, não na coordenação de curso, mas o senhor é o grande responsável pela montagem do curso. E na Área da Saúde como um todo, como tem sido sua participação?

Na parte da Odontologia, nunca quis me envolver diretamente com a coordenação do curso. Preferi escolher as pessoas capazes, inicialmente escolhemos a Professora Dayse Bortoluzzi Barbieri por ter sido minha aluna, por ter capacidade profissional reconhecida. Demos total suporte a ela e fez a coordenação do curso por um bom tempo, especialmente na parte mais penosa, que foi no momento em que não tínhamos nada. Fui envolvendo mais com a parte física, laboratórios; construímos um prédio com 5.000 metros quadrados e é hoje considerado como uma das obras de referência na odontologia. Visitamos tudo o que existia de novo; fizemos o que era bom e corrigimos o que não estava bem. E a parte pedagógica foi sendo feita, num processo até experimental. Investimos muito no professor. Procuramos fazer com que o pessoal se capacitasse. Veio a seguir o mestrado; naturalmente, isso começa a mostrar qualidade, e também os alunos acabam respondendo bem. Como a odontologia apresentou sucesso rápido, fui convidado para ser diretor da Área de Ciências Biológicas e da Saúde (ACBS); na época se chamava Centro de Saúde, onde inicialmente tinha-se apenas o

Curso de Psicologia. Envolvemo-nos diretamente na criação do Curso de Fisioterapia, de Educação Física voltado para a saúde, também no Curso de Ciências Biológicas, e mais tarde no de Medicina. Atualmente temos seis cursos e estamos implantando o sétimo, o Curso de Enfermagem. De minha parte faltavam conhecimentos suficientes na saúde para poder dar eixo para isso tudo. O que fiz foi procurar destacados profissionais para cada um dos cursos que estavam sendo implementados. Assim foi com o Curso de Fisioterapia, com o Curso de Medicina, com o de Odontologia e de Educação Física. Procura-se colocar pessoas que tenham reconhecido valor na área. Trabalhamos o mínimo possível com o chamado professor pára-quadista, aquele que vem e volta; tanto é que quando nós fomos recebendo outras propostas, como é o caso dos nossos doutores paulistas (Maria Gabriela e Michel, Alessandro, Alessandra), que é um caso muito característico, nós sempre dissemos para todos, venham para ficar; procurem contribuir. E realmente é o que tem acontecido; o pessoal que veio de fora está se integrando. Aqui residindo e fazendo parte. Isso tem contribuído muito, tanto na Odontologia, quanto nas outras áreas, para que as coisas andem muito bem.

Nos últimos tempos tenho me envolvido com a doação, já sacramentada do Hospital Santa Terezinha para a Fundação UNOESC transformar em hospital-escola. Uma discussão enorme de três anos, porque o hospital é da comunidade e não é de ninguém; então nós tínhamos necessidade de que o hospital fosse da área da saúde para que a UNOESC pudesse investir nele e ele se transformasse numa referência. Isto deverá acontecer nos próximos anos, à medida que o Curso de Medicina for crescendo. A linha mestra do curso de medicina também é a saúde coletiva e a promoção da saúde. Esperamos que o hospital também cresça junto. Toda a comunidade vai ganhar com isso. Essa atuação me deu uma experiência fantástica. Convivi muito com pessoas altruístas. Experimentei, também, o chamado corporativismo das profissões; a gente acaba crescendo muito com isso. Levei várias rasteiras também, tanto da parte de dirigentes, enfim, várias coisas que são naturais nesse processo, mas que fazem com que a gente aprenda e tome cuidado. Você acaba vendo que em todo o lugar em que há esforço e retidão de caráter sempre há um cantinho para se realizar o bem de todos.

Acho que, especialmente na odontologia conseguimos ir até o final; formar a primeira turma e o sucesso dela está demonstrando que as políticas que foram aplicadas foram boas políticas; o reconhecimento hoje não se faz ao meu trabalho, mas se faz ao trabalho de todo um grupo de mais de 60 pessoas, na Odonto, e mais de 150 pessoas na área de saúde, desde professores até administradores, que tem tido muita garra para fazer não um projeto próprio, mas um projeto de toda a comunidade. A sociedade sente os efeitos do exercício do terceiro grau. E a gente está vendo isso; coincidentemente foi na

Odontologia que as coisas apareceram primeiro. Levamos o curso para o reconhecimento com mais de 50% de mestres e doutores, num programa em que no dia em que o projeto foi pela primeira vez para aprovação do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina só tinha um mestre residente na sede do curso, que era eu mesmo.

Os outros eram convidados, de outras regiões, que simplesmente emprestavam o nome para se poder embasar sua atividade. Se não houver política em contrário, em pouco tempo teremos todos os professores com mestrado, acredito que isso não vá demorar mais que um ano e muitos com doutorado. O futuro está mostrando que aqui também, pela sua condição geográfica, é um bom lugar para se fazer um grande centro de pós-graduação. O sucesso do nosso Curso de Saúde Coletiva é incontestável, você coordena e sabe, e que se fez também da mesma forma, dentro de uma orientação de qualidade, de seriedade. Tenho procurado mostrar aos alunos que não dá só para receber um canudinho. Precisa agregar ciência e isso é sério, da nossa parte, da sua parte, da parte dos professores. Pude observar, também, que os professores da odontologia fazem o ensino por opção, não é, simplesmente, mais uma atividade. Estão tendo sucesso como mestres e estão fazendo a opção pela academia, sem deixar também de continuar tendo sua referência profissional. Uma coisa não impede a outra, muito pelo contrário, uma complementa a outra.

Esses diferenciais me gratificaram muito, depois que o curso foi reconhecido (quando foi para o reconhecimento nós sabíamos que o projeto era bom), ao ponto de o pessoal que veio para fazer o reconhecimento pensar que ia chegar aqui e iam matar a pau, cidade do interior, vai ser uma bagunça, e levaram uma mensagem muito clara: ou muda o passado e vira presente e futuro, ou não vai ter futuro. Inclusive a própria Odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina vem sofrendo transformações em função do crescimento das unidades de ensino odontológico do interior. Um dos nossos revisores foi coordenador da Odontologia da Federal e levou daqui a mensagem: ou muda para projetos de saúde ou vai decrescer. Fisicamente, as respostas vieram em dois momentos: o primeiro no ato da formatura da primeira turma, quando apresentamos e entregamos de presente para os alunos, familiares, e para a comunidade uma revista científica de nível internacional, com todas as publicações dos trabalhos de conclusão de curso dos alunos formandos. Todas elas com nível internacional em condições de serem publicadas em qualquer revista. Então esta foi uma resposta de qualidade, uma resposta científica. Essa revista tem andado pelas escolas do Brasil e também por outros países e as respostas sempre são muito gratificantes; e a segunda resposta veio com o resultado do ENADE que é o exame nacional de cursos. O Curso de Odontologia ficou

classificado com nota máxima, foi o único no Estado de Santa Catarina com essa nota, no Sul do País bateu escolas muito conhecidas e é considerado hoje um dos dez melhores do país. Quer dizer, isso até certo ponto surpreendeu a nós mesmos; mas o que isso prova: que os avaliadores do ENADE sabem qual é o futuro. O futuro está nos programas que privilegiam a Saúde Coletiva, que privilegiam a prevenção, a promoção de saúde, com objetivo de formação de um novo cidadão ligado aos cuidados com a Saúde. Sempre digo a eles (alunos) o seguinte: “Vocês vão ser cuidadores; vocês vão cuidar para que nosso paciente não tenha problemas, não é para cuidar dos problemas dele.” E realmente essa figura é que norteou fundamentalmente a qualidade do curso até o momento atual.

MG: Agora, sem falsa modéstia, como o senhor se sente vendo tudo isso?

Sinto-me muito bem (risos). São 40 anos de atividade. Acho que para você terminar uma carreira com essas conquistas é extremamente gratificante e muito pouca gente pode ter isto. Quando me encontro com os alunos da primeira turma e também com os demais, sempre converso com eles. Entendo que eles são o melhor fruto daquilo que a gente acreditou. O que apostamos não foi feito para cumprir tabela; claro, recebi um salário para isso; ganhei para isso; não fiz de graça; mas também não tinha tecnologia anterior; tive que criar todo o processo para o pessoal auxiliar também. Hoje inclusive temos pesquisadores, professores e alunos que vêm de outras escolas para conhecer nosso trabalho; o trabalho de todos os professores e se envolvem em pesquisa com a gente. Como não havia referência acabamos virando referência.

Percebo que quando você vira vaca sagrada é sinal de que todo o processo se cumpriu. Tenho muito orgulho de ser dentista; cresci como pessoa; ampliei o espaço social por ser dentista. Lembro assim de algumas coisas, por exemplo, quando cheguei na região era tão desprestigiada a figura do dentista que nós tínhamos um amigo madeireiro muito rico, ele dizia:

- Dentista e chofer de táxi, tudo igual. Nada contra os motoristas de praça! As coisas se mostram muito diferentes. A odontologia tem um lugar privilegiado na sociedade; você fica muito perto das pessoas, você fica muito tempo com as pessoas; você tem que ter uma formação humana especial para poder exercer a odontologia integral e sobretudo você tem que ter credibilidade para decidir o bem e o futuro do paciente. Isso é muito difícil. Nós temos outros exemplos estou em contato com outras profissões, por exigência de trabalho, como é difícil você encontrar um profissional em que você pode dizer, “bom, eu posso me entregar para esse camarada” Então eu acho que nós estamos desenvolvendo, especialmente no nosso grupo, tanto dos professores

quanto dos alunos, a consciência do profissional liberal. O profissional liberal não é aquele que pode fazer o que quiser; pode sair e passear a hora em que quiser e sim aquele que tem a liberdade de decidir. É muito diferente o conceito, você assume a liberdade e a responsabilidade pela decisão que você toma pela saúde do outro. Entendo que essas são coisas muito importantes; quando você consegue passar isso para outras pessoas está forjando um melhor cidadão; e se formar melhor cidadão, forma uma melhor sociedade.

MG: E com relação a projetos, a partir de hoje?

Olha, estou vivendo a terceira fase da minha vida; tive uma fase de formação, outra de criação e agora eu estou entrando no limbo; quase saindo fora, são quarenta anos. Ainda vou trabalhar durante mais oito anos na clínica; vinte horas por semana, como tenho feito; vou trabalhar na universidade; vou continuar dando aula, não mais que dez/doze horas por semana, não mais que uma ou duas disciplinas. Estou premeditando outras coisas; a minha vida tem sido dirigida mais para a Universidade.

Apesar das dificuldades, o administrador cresce ao longo dos anos, com a experiência. O que seria muito bom para mim: se tivesse a liberdade de ir colocando devagar tudo aquilo que penso; todas as coisas que, tenho certeza, projetam o futuro. Então eu vejo assim: a odontologia está consolidada, a pós-graduação está começando, mas deve haver uma revitalização permanente do processo. Se você se descuidar, o refluxo também é verdadeiro; facilmente se perde qualidade, rapidamente você se acomoda. Então acho que, para o pessoal com quem a gente convive, quero continuar a ser um facilitador das coisas. Estamos completando a área física da odontologia, e dos outros cursos também, aos poucos consolidando tudo isso.

A Universidade passou por alguns problemas com relação à parte administrativa. Cometeram-se alguns erros que o futuro vai mostrar; são erros graves, por falta de reflexão, por falta de discussão. Como sistema de trabalho, não se administra um gigante com mais de vinte mil pessoas envolvidas direta e indiretamente de cima para baixo, isso é muito perigoso. As pessoas estão se afastando do processo ou estão indo a reboque dele. Mas há como fazer uma retomada disso, ao longo do tempo. Tenho sido muito sincero, tenho colocado claro para os dirigentes, para os professores, para todo mundo: tudo está dentro de cada um; você tem que ir dando a sua contribuição sem medo; então eu acho que tenho muito para dar, muito mais que oito anos, para o processo de ensino.

Quando chegar aos setenta anos, vou me retirar de todas as atividades consideradas normais ou atuais; quero trabalhar para mim mesmo. Vou fazer coisas que

gosto de fazer: estudar, ler, escrever; vou participar mais de atividades que constituem o meu lazer. Meu lazer é escrever, é fazer comunicação; é estar com as pessoas; mas formalmente, eu não vou fazer mais nada. Pretendo fechar o caixa aos setenta anos.

MG: E o Dr Dax (Bittencourt, seu filho) continua com a clínica?

O Dax tem sido uma surpresa. Ele entrou no Curso de Odontologia como professor pela via normal. Fez o curso de especialização em Saúde Coletiva; de início não gostava. Terminou na marra; depois trabalhou com o Professor Alessandro Loguercio que é um dos meus filhos intelectuais mais diletos; um dos nossos maiores pesquisadores. De repente, passados alguns anos eu vi o Dax, que gostava mesmo de esporte, enfiado de ponta-cabeça no trabalho, a ponto de terminar o Mestrado este ano e com trinta anos já está bem posicionado em todo o mundo científico da odontologia. Se ele quiser, está tudo aberto para ele. Nós já estamos fazendo a transição. Atualmente ele já faz uma boa parte do trabalho da clínica. Também tem reduzido um pouco a atividade na Universidade para se dedicar ao consultório. Na área em que está, primeiro tem que saber fazer para depois ensinar. Acho que nesses oito anos que ainda tenho de frente produtiva, consigo fazer a transição. Tenho também mais um outro filho, que é médico e está terminando a residência em anesthesiologia. Este, também, tem me dado muita satisfação. Assim estou fechando a vida, com conquistas e isso quer dizer que vai sobrar tempo para mim lá na frente. Tenho uma nova família; aliás, isso acontece com a maioria dos dentistas; o casamento e a odontologia nunca se deram muito bem; dá certo quando o casal está envolvido. A odontologia tira tanto das pessoas, mesmo também a academia. Se a pessoa não está dentro do processo, dificilmente se mantém. Vivi quase quarenta anos com a primeira mulher e acabei tendo que modificar o meu estilo de vida e mudar o meu casamento. Mas isso também me deu outra oportunidade e casei de novo. Ganhei uma filha; agora tenho novamente três filhos e uma esposa muito legal, muito jovem e não é fácil de se conquistar uma pessoa jovem. Você tem que ser jovem também. É muito bom, é uma experiência única.

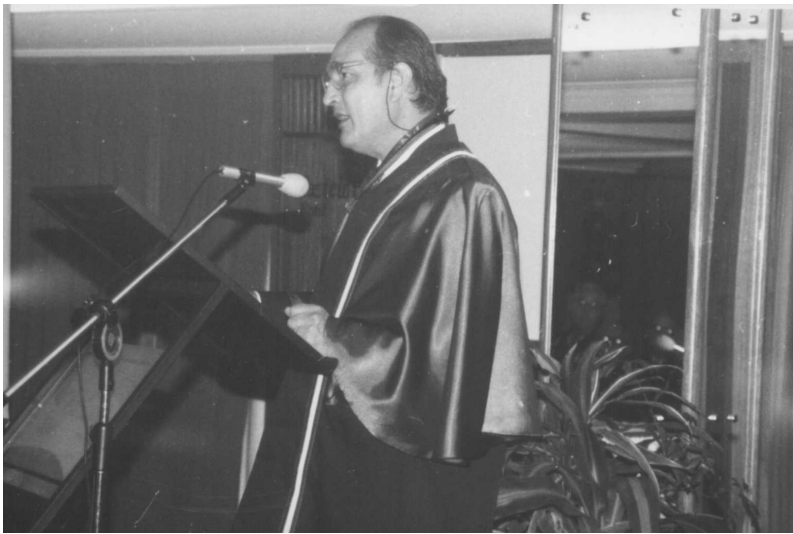
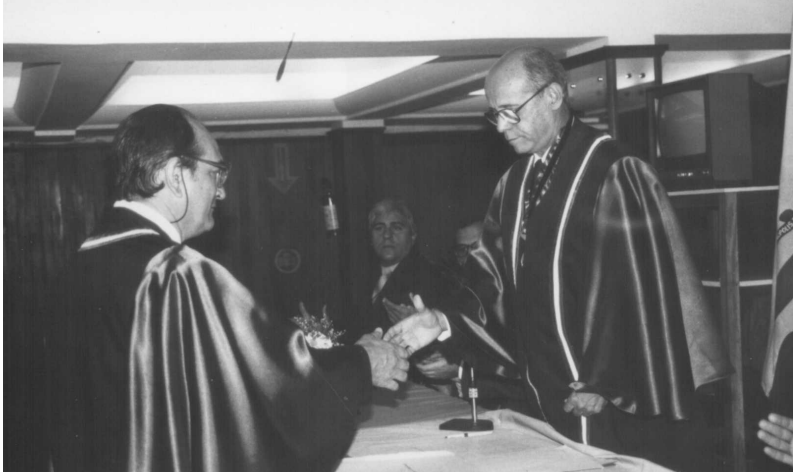
Como pessoa, a odontologia sempre me fez muito bem, e financeiramente quando fui para Curitiba cheguei com uma mão na frente e outra atrás. Consegui sozinho fazer o curso de odontologia. Quando voltei para Joaçaba também cheguei com uma mão na frente e outra atrás. Não tenho grandes coisas, mas acho que se parar de trabalhar posso viver um bom tempo com tudo o que a odontologia me proporcionou. Sempre digo para meu filho e para os meus alunos: quando preciso de dinheiro vou para o consultório. Exercendo bem a sua profissão você consegue ter um bom posicionamento social e acho que isso é o importante também para toda a sociedade.



FIG.30. Participação no 3r. Congreso de la Sociedad Argentina de Endodoncia, realizado em Buenos Aires, em agosto de 1986. Na foto: Prof. Dr. Fernando Goldberg (Argentina), Prof. Dr. Pedro Almandaris (México) e Dr. Adgar.



FIG.31. Participação no II Congresso Brasileiro de Endodontia, realizado em Florianópolis, em março de 1989. Na foto, Prof. Dr. Alceu Berber (FOB-USP), Prof. Dr. Ilson Soares (UFSC) e Dr. Adgar.



FIGs. 32 e 33. Ingresso e discurso do Dr. Adgar na Academia Catarinense de Odontologia (ACO), em 1994, onde é Patrono e Titular da Cadeira de número 40.



FIG.34. Homenagem recebida pelo Dr. Adgar pela Associação Brasileira de Odontologia, Seccional de Concórdia. Na foto, Dr. Adgar, juntamente à Dra. Márcia Bosio Aymai e do Dr. Fabiano Menezes.



FIG.35. Banca de defesa de Mestrado do Dr. Adgar na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 30/03/1998. Da esquerda para a direita: Prof. Dr. Telmo Tavares, Dr. Adgar, Profa. Dra. Iara Lohmann Soares e Prof. Dr. Fernando Barletta.

10. Joaçaba (SC), Parte III

*A História nunca parece história
quando a gente a está vivendo.*

John Gardner

A idéia para escrever este livro veio de diversas conversas que temos tido com os colegas de Santa Catarina, quando nos deparamos com uma comunidade tão peculiar, ao menos, para nós, Maria Gabriela e Michel, que nos mudamos de São Paulo para Joaçaba no final do ano de 2001; viemos a convite do Dr. Adgar, para montagem do Mestrado em Saúde Coletiva da UNOESC, e trabalhar no Curso de Odontologia, na época em implantação.

Não pudemos deixar de notar que Joaçaba passava por rápidas mudanças, relatadas pelos seus moradores mais antigos, e que a Universidade contribuía para esse panorama. Contam os colegas que, há alguns anos, o Dr. Adgar convidou todos os dentistas da região para expor o plano da reitoria da UNOESC sobre a instalação do curso de odontologia. Os colegas hoje se lembram de sua fala: “o curso vai acontecer de qualquer maneira; estamos convidando a todos para participarem desse desafio, para montar isso tudo junto.”

A instalação de um curso de odontologia, inicialmente sob a coordenação da Dra. Dayse Bortoluzzi Barbieri, e em seguida, da Dra. Cláudia Irene Wesoloski, trouxe maior preocupação com a necessidade de constante atualização dos profissionais, em suas áreas de excelência; afinal, não se tratava apenas de continuar atendendo pacientes, era necessário orientar alunos, formar novos profissionais, sob a supervisão desses especialistas que já atuavam em seus consultórios.

Esses profissionais não possuíam formação para desenvolvimento de atividades de ensino, e outras necessárias para que fossem professores; assim, a Universidade passa a provocar esses profissionais para que, além de se aperfeiçoarem constantemente em suas áreas, tivessem capacitação didática e de investigação científica para que pudessem se tornar mestres.

Diversos profissionais também se mudaram para Joaçaba e região, para contribuir com o curso; esses profissionais vieram de diversas partes da região

Sudeste e Sul, em sua maioria, com formação didática, e completam o panorama dos profissionais que os alunos do curso de odontologia possuem à sua disposição para sua formação.

Com muito esforço e trabalho, o grupo de docentes que faz farte do curso de odontologia é variado e permitiu que o meio oeste de Santa Catarina passasse a ser considerado centro de excelência nessa área profissional.

Ainda é cedo para avaliar questões relacionadas à possível mudança do mercado de trabalho na odontologia da região, proveniente da vinda do curso de odontologia. Novas histórias deveriam ser contadas...



FIG. 36. Profª. Dra. Maria Gabriela Haye Biazevic e Prof. Dr. Edgard Michel Crosato em Defesa Pública de Dissertação do Mestrado em Saúde Coletiva da UNOESC.



FIGs. 37 e 38. Dr. Adgar em visita à fábrica da Kavvo, na Alemanha, de onde foram importados os manequins para o Curso de Odontologia da UNOESC (2000).



FIG. 39. Tomada externa do prédio da UNOESC que abriga o Curso de Odontologia.



FIG. 40. Clínica odontológica do Curso de Odontologia da UNOESC.

Esta obra recebeu medalha de Mérito Acadêmico oferecida pela Academia Catarinense de Odontologia, pelo seu 1º lugar na 2ª edição do projeto “Conte a História da Odontologia de sua Cidade”, em 03/06/06.

